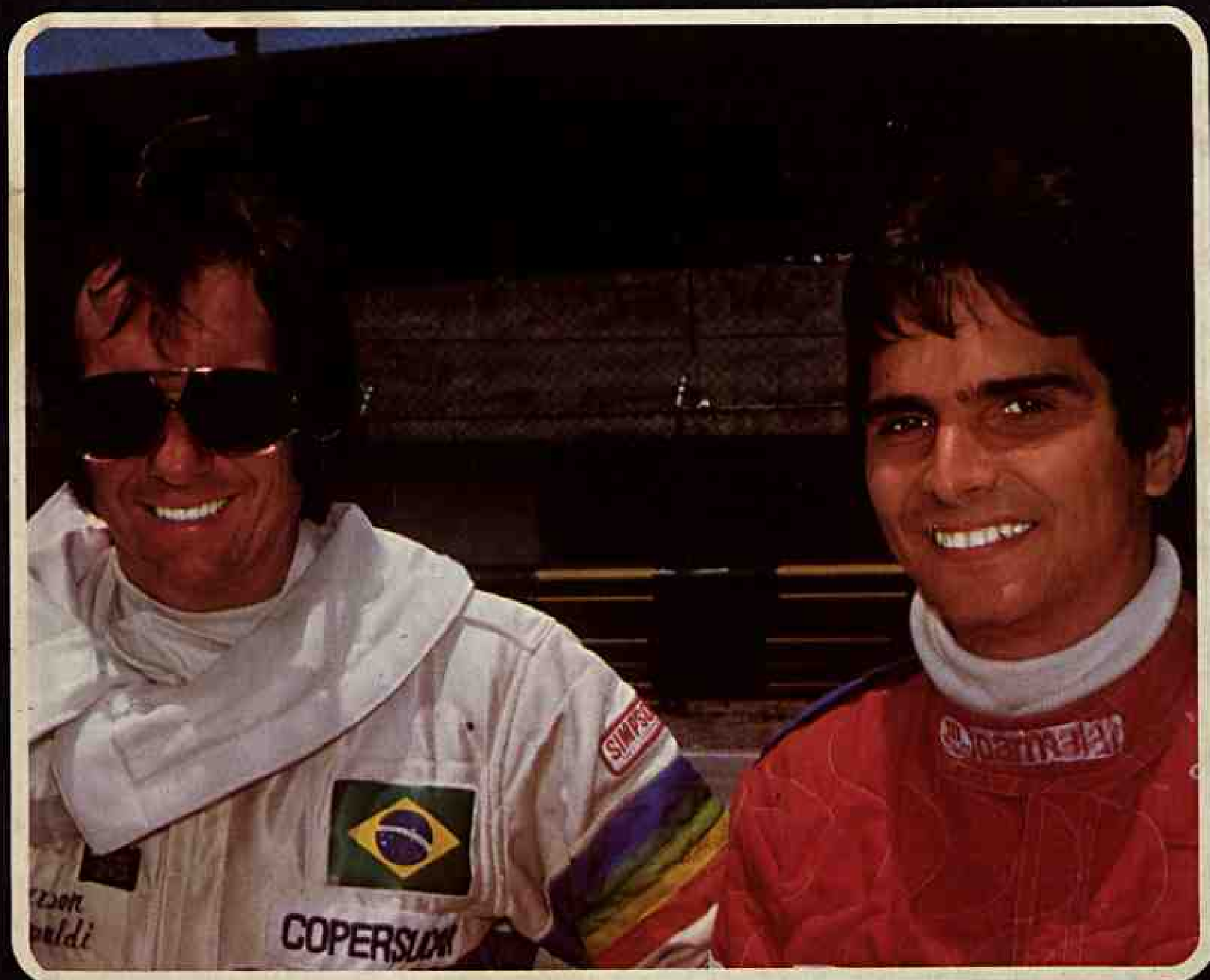
1033-5

Manchete

esportiva

EMERSON-PIQUET

"NO BRASIL, VAMOS À FORRA"



INFORME

MENISCO, O INIMIGO Nº 1 DOS CRAQUES

PESQUISA

QUAL A MAIOR TORCIDA DE MINAS GERAIS?

SERVIÇO/TENIS

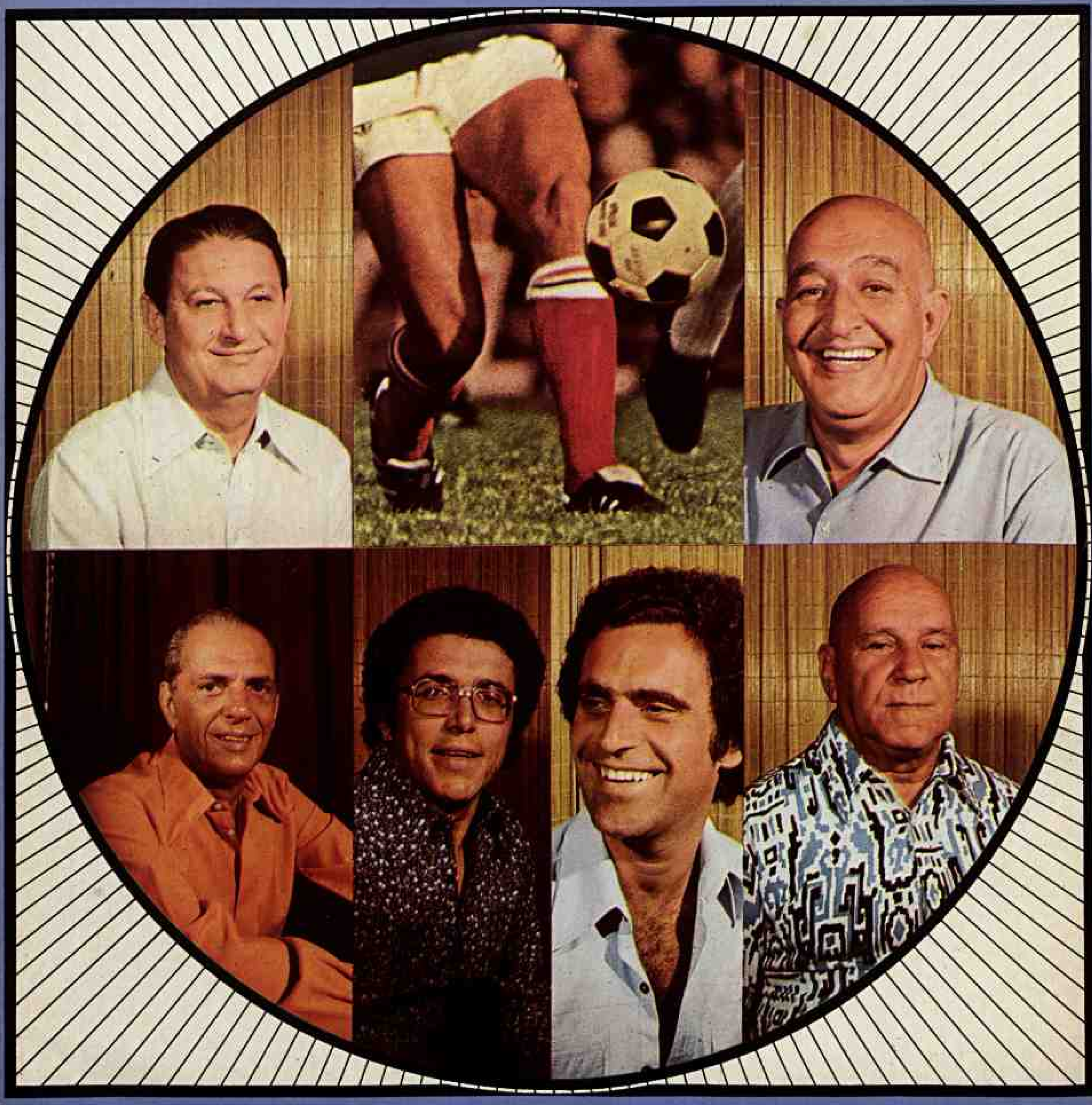
COMO USAR CORRETAMENTE A RAQUETE

Rio de Janeiro, 23 de Janeiro de 1979 — n.º 67 — Cr$ 20,00 (Amazonas, Pará, Acre, Rondônia, Roraima e Amapá, via aérea: Cr$ 24,00)

uma publicação bloch

FUTEBOL MAIOR PARA TODAS AS TORCIDAS

Rádio GLOBO
1220 KHz



Waldir Amaral - Jorge Curi - João Saldanha - Mário Vianna - Kleber Leite - Loureiro Neto

Escrete do Rádio COM UM BRASIL DE AUDIÊNCIA

SUMÁRIO

Manchete esportiva

Revista Semanal
Rio de Janeiro, 23 de janeiro de 1979
N.º 67

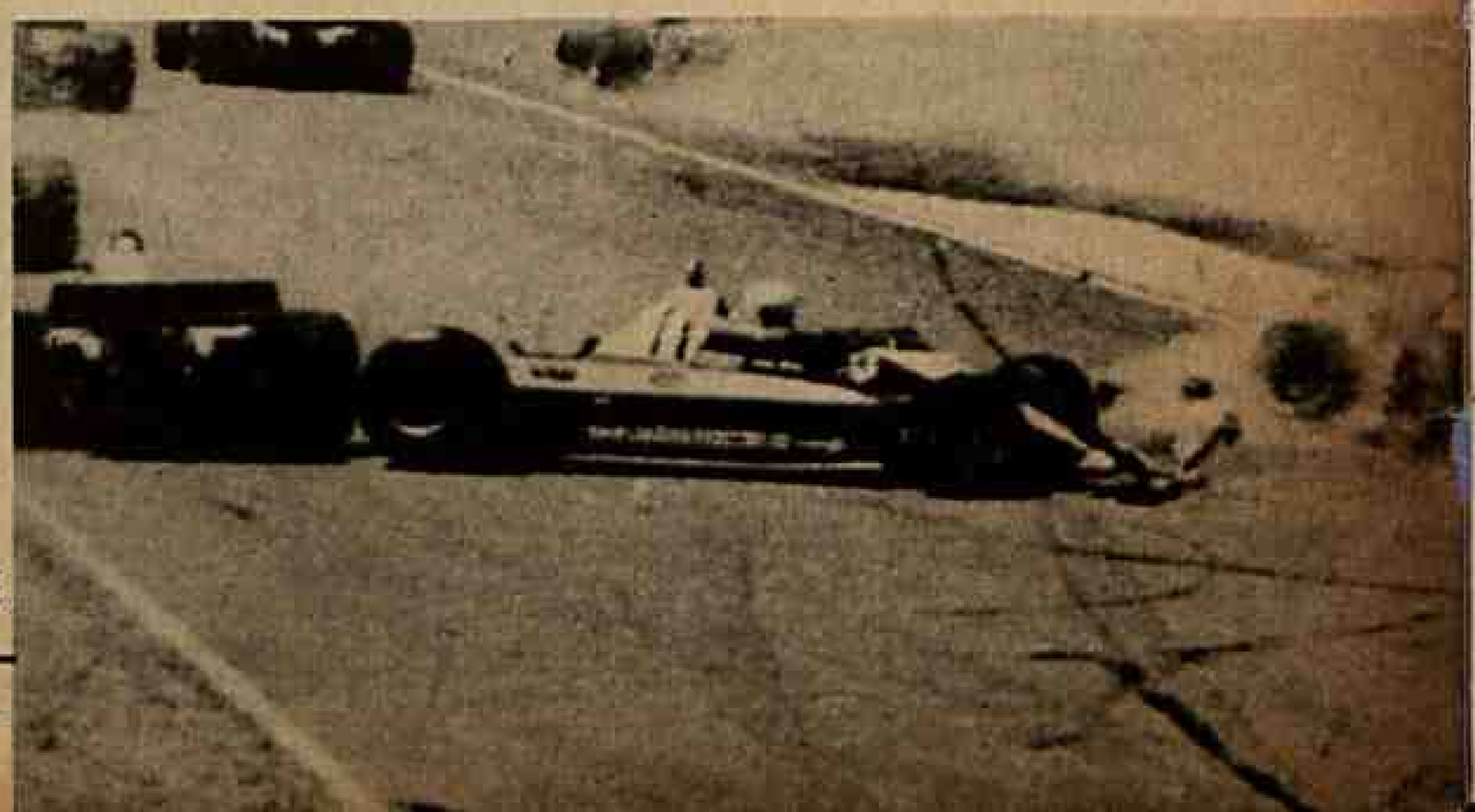
Grande Prêmio da Argentina	4
Ney Bianchi	10
Marcos de Castro	19
Paulistinha	20
Gente/Encontro dos veteranos	22
Gente/Gasperin e Edielson	24
Gente/Manga e Dino Sani	25
Sul	26
Menisco: o grande pesadelo	28
Natação: a vitória do Pinheiros	32
O programa da Fórmula-1	34
As torcidas de Minas	36
Zé Mário: a defesa dos jogadores	40
Cartas	43
O craque responde	44
Loteca	46
Nordeste	48
Vestibular/Xadrez	50
Tênis/José Inácio Werneck	51
Tênis/Torneio Masters	56
Ricardo Serran	59
Mineiras	60
A semana	61
Solange Bibas/Mundo	64
Sport Press	65
Sim & Não	66



Capa: *Emerson Fittipaldi e Nélson Piquet, os brasileiros na Fórmula-1 (foto de* Antônio Parramon). Ao lado: *o Marília, superando o Fluminense na final da Taça São Paulo de juvenis (foto de* Flávio Canalonga).

O único instante em que o Ligier de Jacques Laffite esteve junto com os outros concorrentes foi nas duas largadas. Na segunda (acima), ele saiu

EMERSON Fittipaldi chegou em sexto. Nelson Piquet nem correu. Na primeira largada, Fittipaldi já estava em quinto e com chance de melhora imediata. Piquet estava na pista e, se não prometia uma grande corrida, pelo menos estava correndo. O desastre destruiu seu carro. Hoje, os dois estão conformados. Mas prometem uma forra esportiva *no Grande Prêmio do Brasil.*
— Em Interlagos as coisas serão diferentes.
Veja, aqui, tudo o que aconteceu domingo último, durante a disputa do Grande Prêmio da Argentina de Fórmula-1, em Buenos Aires. Uma corrida onde o show *ficou por conta de Jacques Laffite e do seu revolucionário Ligier.*


UPI

Emerson Fittipaldi e Nelson Piquet prometem uma grande corrida no Brasil, mas na Argentina, a primeira vitória coube a um carro europeu

LAFFITE/LIGIER

UM SHOW FRANCÊS EM BUENOS AIRES

Reportagem de **Geraldo Mainenti** ● Fotos de **Gil Pinheiro** (Enviados Especiais) Via **VARIG**

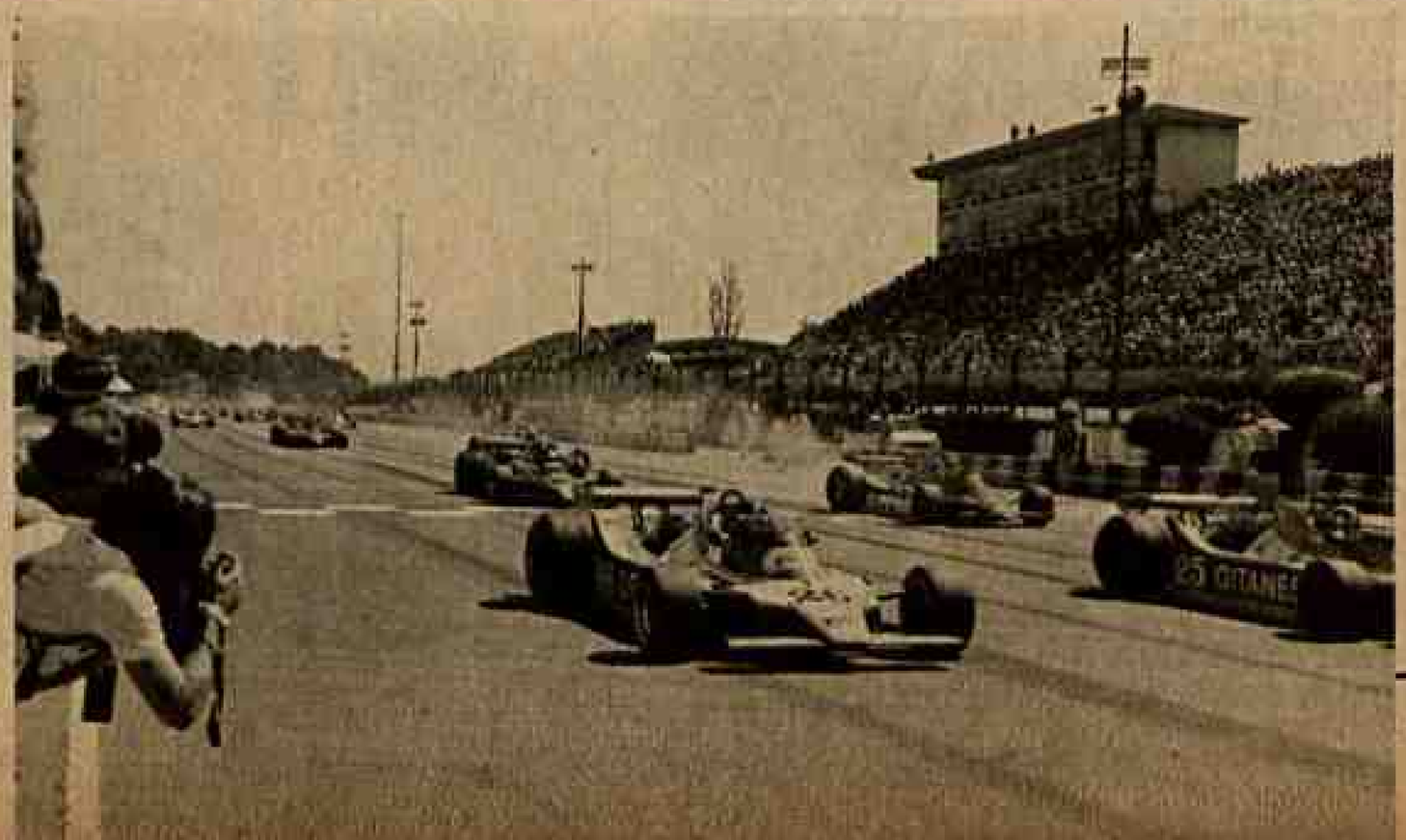


melhor ainda.



Laffite no pódio: os aficcionados argentinos o saudaram como campeão.





A saída acidentada (à esquerda): o carro de Watson bateu no de Scheckter e vários outros rodaram. Houve nova saída, já então sem vários concorrentes (entre eles, Piquet), quase uma hora depois (foto à direita).

Os argentinos viram uma dupla vitória francesa

FOI uma tarde francesa no insuportável calor de San Martin, o Autódromo Municipal de Buenos Aires. Jacques Laffite se encarregou de esfriar os ânimos portenhos e o fez de maneira sensacional. Se Carlos Reutmann tinha toda uma torcida a seu favor, ao lado de Laffite estava a moderna e perfeita técnica do Ligier-Gitanes, um carro novo e tão superior aos outros que jamais se poderia duvidar da vitória que conquistou.

Essa superioridade veio desde os primeiros treinos oficiais, quando Patrick Deppailler, o outro piloto da equipe, ficou com o melhor tempo do dia, sexta-feira. Mas, no sábado, Laffite assumiria a ponta, deixando seu companheiro logo atrás. Com isso, a **pole-position** estava assegurada e só ficou faltando mesmo a bandeirada de chegada, no domingo, porque o francês não deixou mais escapar o primeiro posto que conquistara na pista, durante os treinos.

Nas primeiras voltas, Jacques Laffite teve que fazer algum esforço para dominar Deppailler, Jarrier (cujo Tyrrell não demorou muito a ter problemas) e Reutemann (Lotus). Depois, disparou na frente de maneira impressionante e começou a colocar uma volta de vantagem sobre os demais, até reencontrar o carro de seu companheiro de equipe, que perdera a segunda e terceira posições para Reutemann e Watson (McLaren), no final da corrida. Deppailler ainda conseguiu acabar em quarto, seguido de Mário Andretti e Emerson.

Pode-se dizer que Fittipaldi atuou de maneira excepcional com o velho F-5. Marcou o menor tempo nas duas provas de classificação e se manteve assim no início do GP. Com a quebra de Jarrier e do Renault de Jean Pierre Jabouille, chegou ao setimo lugar, não demorando muito a alcançar o sexto, onde se manteve até o final. Com o F-6, as chances do piloto brasileiro aumentarão, pois já se pode ver, claramente, que excelentes, no momento são apenas os novos modelos Ligier. Até que a Lotus ponha na pista seu novo carro e a Brabham consiga resolver os problemas do BT-48, Emerson, se acertar o F-6, terá condições de se aproximar mais do podium. É, sem dúvida, um piloto incomparável. Só lhe falta a máquina.

Quanto a Nelson Piquet, a sorte realmente não esteve ao seu lado em Buenos Aires. Ameaçado durante toda a semana de perder o velho Brabham BT-46 para o primeiro piloto da equipe, Niki Lauda, conseguiu finalmente largar. Mas não adiantou: Watson entrou forte demais na primeira curva, bateu em Scheckter e causou um acidente de grandes proporções materiais e de poucas conseqüências físicas. Para a segunda largada, ficaram de fora Arturo Mezario e Patrick Tambay, com os carros danificados, e Scheckter (torção no pulso) e Piquet (luxação no dedo do pé).

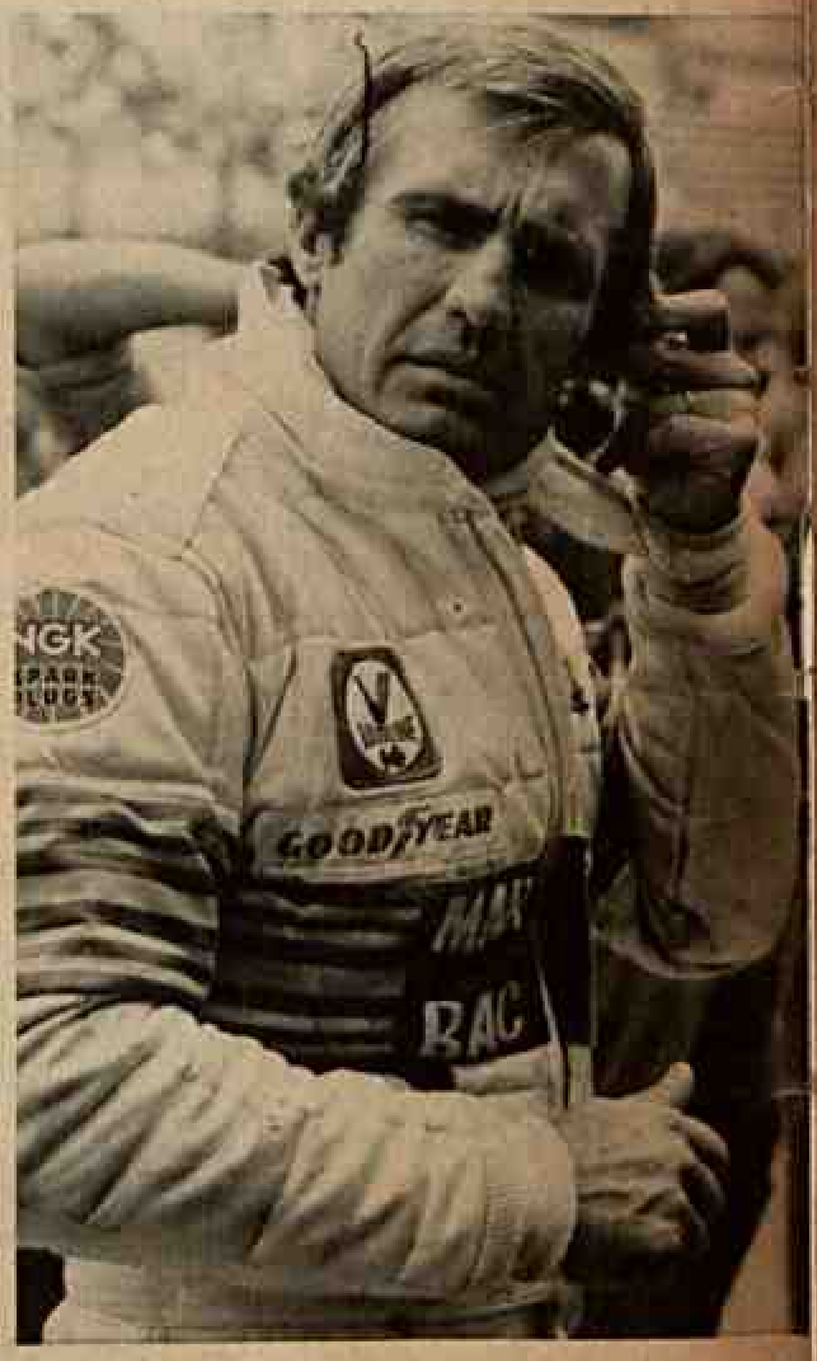
Bernie Ecclestone, o dono da Brabham, considerou a corrida como mais um teste, para BT-48 em que Lauda lar-



Reutemann, com o carro 2 da Lotus 79, empolgou a torcida, garantindo para a Argentina o

Laffite, Reutmann, Emerson e Piquet:







2.º lugar, ao ultrapassar Watson e o Ligier de Deppailler, que teve problemas de ignição.

gou. Tanto é assim que anunciou ter alugado o autódromo San Martin por toda esta semana, para que o brasileiro Piquet e o ex-campeão mundial Niki Lauda acertem os carros novos para o Grand Prix do Brasil, a prova seguinte do campeonato.

Da equipe Lotus não se poderia esperar outra coisa, senão uma boa corrida. Não se pode esquecer que, com base na sua linha, estão surgindo novos carros na F-1. Se o campeão Andretti não andou bem, isso deve ser atribuído ao acidente inicial, quando seu carro foi danificado e rebocado. Mas o argentino Reutmann, companheiro de equipe de Andretti, deu conta do recado da melhor maneira que pôde, pois ir além do Ligier de Laffite era totalmente impossível.

Quanto à McLaren de Watson, pode-se até achar que houve injustiça com o terceiro lugar do piloto, pois foi ele que causou o acidente. Mas nunca se poderá dizer que o carro não correspondeu, e Watson fez o que se esperava, e acabou se aproveitando da parada nos boxes do Ligier de Deppailler.

No mais, o GP da Argentina foi um sucesso completo, uma festa que correspondeu às aspirações do público, entusiasmado com a prova. Só faltou mesmo um pouco mais de organização. Momentos antes da largada, os jornalistas tiveram que sair do autódromo, ficando sem lugar para assistir à corrida. O jeito foi se espalhar ao longo do circuito para observar a competição, que não apresentou resultados surpreendentes para quem presenciou os treinos. ■

pequenas histórias de derrotas e vitórias no GP da Argentina





Laffite (à esquerda) era líder na primeira largada e não teve problema para assumir a ponta na segunda. E, quando conseguiu, não parou mais de abrir luz sobre os demais: "Lolli", como é conhecido na Argentina o piloto Carlos Reutemann, foi a única ameaça aos franceses da Ligier. Emerson Fittipaldi levou o Copersucar F-5A ao limite de seu rendimento; ganhou duelos com Jabouille e Villeneuve e terminou em sexto. Nélson Piquet, atingido por Ricardo Patrese, nem largou na segunda partida.

Laffite conseguiu 3 proezas: a pole position, bater as Lotus e quebrar o recorde da pista



O Copersucar F-5A, de Emerson Fittipaldi, acabou em sexto lugar graças ao seu piloto.



O possante Ligier de Jacques Laffite não

JACQUES Laffite, pilotando o novo Ligier-Gitanes, conseguiu três proezas numa só tarde: largar na **pole position**, bater os Lotus e quebrar três vezes o recorde da pista, depois de largar mal e ficar algumas voltas na quarta posição, atrás de Patrick Deppailler (Ligier), John Watson (McLaren) e Jean Pierre Jarrier (Tyrrell 009).

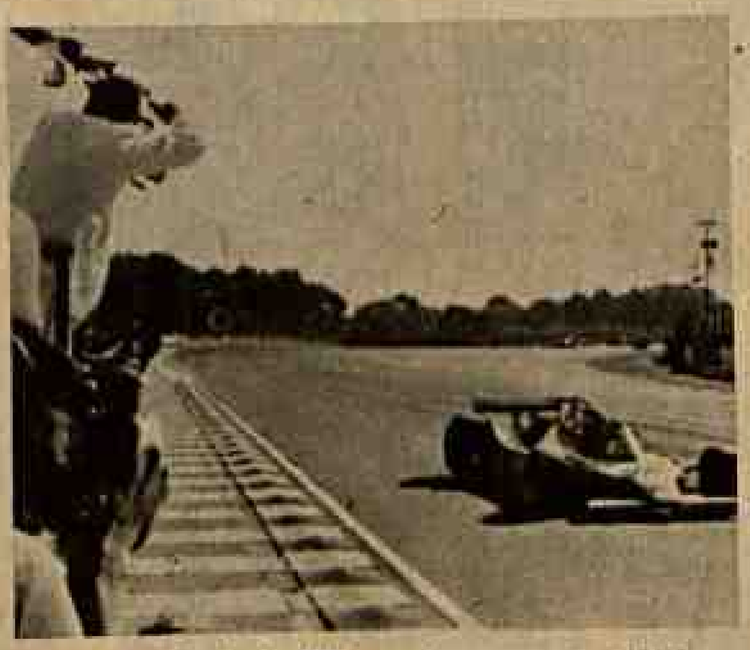
Do Grand Prix da Argentina ficaram algumas lições. A primeira, e mais importante, é que haverá muito equilíbrio na atual temporada, com pelo menos 4 equipes em condições de ganhar as primeiras provas do Mundial. A segunda, é que Jody Scheckter continua, ou voltou a ser, o mesmo dos primeiros dias de Fórmula-1. E a terceira é que os argentinos permitiram excesso de público nas áreas reservadas à competição, e quando após a primeira largada houve o acidente provocado pela rodada de Scheckter ficou impossível controlar a segurança.

Essa última observação é da maior importância, uma vez que para o GP do Brasil os organizadores estão vendendo ingressos para áreas que, até o ano passado, eram privativas de pessoal credenciado. Ou seja, pátio de boxe e **padcock**. Como Interlagos é um autódromo naturalmente difícil de controlar, pelas características da topografia, caso haja quantidade de público idêntica à verificada nos gramados do San Martin, não precisará nem de um acidente para criar situações de perigo.

O segundo lugar de Reutmann foi bastante suado, e o argentino, instigado pela torcida, fez o que sabia e inventou para perseguir e ultrapassar o Ligier de Deppalller. E nem o fato de que havia problemas de ignição no segundo carro francês diminui o mérito do **Lolli**, uma vez que, mesmo falhando, o Ligier era mais veloz nas duas retas grandes, e sempre que Reutemann saía do vácuo para a ultrapassagem, Deppailler conseguia uns giros a mais para fechar a porta.

Outra excelente corrida foi a de John Watson que, com o McLaren M28, acompanhou enquanto pôde os dois Ligier e o Tyrrell de Jarrier. Aliás, acertadíssimos, os Tyrrell estão andando mais do que o pretensioso modelo Lotus 79. Voltando a John Watson, o irlandês começou a perder rendimento mas conseguiu, a duras penas, manter uma folgada distância de Mário Andretti, que correu com o Lotus reserva.

Do campeão mundial Mário Andretti pode-se dizer que teve muito azar. Primeiro, quando pegou as sobras da rodada de Scheckter e foi atropelado por Patrick Tambay (McLaren n.º 8). Depois,



O Ligier 26 de Laffite, soberano na pista.

na segunda largada, quando a lateral do Lotus começou a se soltar, na segunda metade da corrida. Nas voltas finais, só a sua perícia o impediu de perder, na reta final, a posição para o Copersucar de Emerson Fittipaldi, que cruzou a faixa de chegada colado ao Lotus do ítalo-americano.

Atuação impressionante teve o estreante Élio de Angelis, terceiro piloto da Shadow, que correu substituindo o havaiano Dannis Ongais, que quebrou o braço, em acidente numa prova americana, há alguns dias. Pelo desempenho do jovem italiano, é possível que as posições se invertam e que Ongais passe a ser o terceiro da equipe. Élio, em determinados momentos da prova, chegou a ameaçar as posições da Ferrari de Gillers de Villeneuve e do Copersucar de Emerson. Para quem veio de torneios secundários da Fórmula-3 italiana, onde o carro mais forte que pilotou foi um protótipo de Fórmula-2, com motor experimental Ferrari, de seis cilindros, Angelis promete uma grande carreira.

Infelizmente, o grande **mêlè** causado pelo acidente da primeira volta, afastou alguns concorrentes que teriam chances de disputar a ponta, como Didier Pironi, da Tyrrell e Jody Scheckter, da Ferrari (que, segundo versões, teria rodado em conseqüência de um toque de Watson, na entrada da curva, o que é perfeitamente possível, embora o carro do irlandês não apresentasse sinais de batida na frente). Watson, que na hora do bolo saiu pela esquerda, andou algumas centenas de metros na grama e provavelmente avariou bastante o McLaren. E Scheckter não chegou a alinhar o carro reserva, que ficou nos boxes, coberto por uma lona. **(José Lago)**

encontrou nenhum obstáculo, durante toda a corrida. Na verdade, o conjunto Laffite-Ligier foi perfeito dos treinos ao pódio. Imbatível.

Patrick Tambay e os incêndios do McLaren M 28









O francês Patrick Tambay, segundo piloto da equipe McLaren, teve problemas de fogo em seu carro nos treinos oficiais, no treino livre e na corrida. No fim, a eficiência das equipes de bombeiros foi a sua salvação.

SOB O SIGNO DOS VAMPIROS, SÓ UM CARA COMO ROMAN POLANSKI DARIA JEITO NO NOSSO FUTEBOL



VOCÊS viram **A Dança dos Vampiros**, de Roman Polanski? Pois a eleição da CBD não passou disso. Os estriges em hordas espectrais, loucos por uma carótida de bola... como se bola tivesse carótida!

Me irrita, nisso tudo, o despudor com que avacalham os clubes. Como se o futebol não pudesse sobreviver sem eles. Como se a CBD pudesse reger seus minuetos sem eles.

Ah! aqueles rostos sem cor, os caninos expostos, os olhos esbugalhados, os cabelos em desalinho... e o futebol agonizando, morrendo. Um doente cuja cura só tem solução com um remédio que já não existe no Brasil: estádios superlotados.

É mal hereditário. Esses juvenis que estão no Uruguai não oferecem nenhuma esperança para o futuro. Nem os do Campeonato Brasileiro. Assim, constata-se que estão transformando a paixão do povo — o futebol — num esporte em decadência. Uma obra de humor negro desses vampirinhos de bolso, sinistros personagens de um Polanski de calção e chuteiras.

Meu amigo Onotônio Baldruegas diria, no seu linguajar típico da Gamboa:

— Virou zona!

E virou. Em São Paulo, Osvaldo Brandão resolve colocar Rubem Minelli na Seleção. No peito e na raça. No Rio, Flamengo, Botafogo e Fluminense clamam por uma confederação de futebol. No Nordeste... ora, no Nordeste tudo se resolve com uma caixa de lagostas... Como no Sul um bom churrasco cala a boca de todo mundo. E os sangue-sugas sugam o sangue do futebol. O campeonato de praia do Rio já tem tabela de turno e returno. O campeonato profissional do Rio, nem número exato de participantes tem.

Eu quisera estar agora escrevendo sobre as grandes obras dos **cartolas** para recuperar a moral do futebol brasileiro, que é, cada vez mais, um perdedor em potencial, em todos os mercados do mundo. Mas, infelizmente, não posso. A menos que falte com a verdade.

Quisera estar num bate-papo informal com o presidente Heleno Nunes, ouvindo dele que o próximo Campeonato Brasileiro só teria trinta participantes, turno e returno, **go there, come here** — como fazem os ingleses — acesso e descenso, a percentagem da CBD reduzida para dois por cento. E, mais importante que tudo: os clubes com voz ativa, regendo os seus destinos.

Como? Os **cartolas** das federações? Ora, os **cartolas** das federações devem ser como os reis e rainhas, que não mandam nada. E, na hora dos festins, carótidas para eles...

Chegará o dia em que alguém porá fim nessa corrupção desenfreada que assola o futebol brasileiro. Para o seu próprio bem, o presidente Heleno deve se livrar o mais rapidamente que puder dos vampiros de bolso que estorvam o seu caminho, sejam eles lagosteiros, churrasqueiros ou simples caipiras.

(Poderá um vampiro ser caipira?...)

Digo para o seu próprio bem, porque o presidente Heleno Nunes é, no fundo, boa gente. Político demais para o meu gosto. Um tanto ingênuo para o **bas-fond** do futebol brasileiro. Mas o presidente tem a vantagem de ser vidrado em futebol, coisa que a maioria dos seus **cartolas** odeia. Não fora o futebol um esporte **dirigido** por dezesseis esportes amadores, dentro da própria CBD!

Há muita indignidade ao redor da bola e não vejo um Dom Quixote que seja se erguer contra isso.

Os **cartolas** estão impunes. De tal forma que, às vezes, eu desejaria que o meu amigo Baldruegas fosse um centurião romano para escrever à ponta de espada sobre suas tumbas:

— Vixit!

Fator RH à parte, claro...

Frederico Mendes



Há um pouco de vida nas cenas das decisões. E, então, a paixão do futebol se reacende inteira.

Cor, garra e emoção

Tudo o que você deseja de uma revista de esportes

Manchete Esportiva é muito mais do que uma revista de esportes. É a única revista que traz até você a emoção em cores vibrantes, com a garra do jornalismo vivo.

Manchete Esportiva criou um novo conceito em jornalismo de esporte: rápido, completo, e com as melhores fotos que você já viu.

Manchete Esportiva foi a primeira revista brasileira a dar ênfase à cobertura do esporte amador.

Manchete

esportiva

o esporte como você gosta



GRAND PRIX

Com o F-6 criado pelo mesmo Bellamy que projetou a revolução da Lotus, ele espera reencontrar a vitória

EMERSON FITTIPALDI

de José Lago

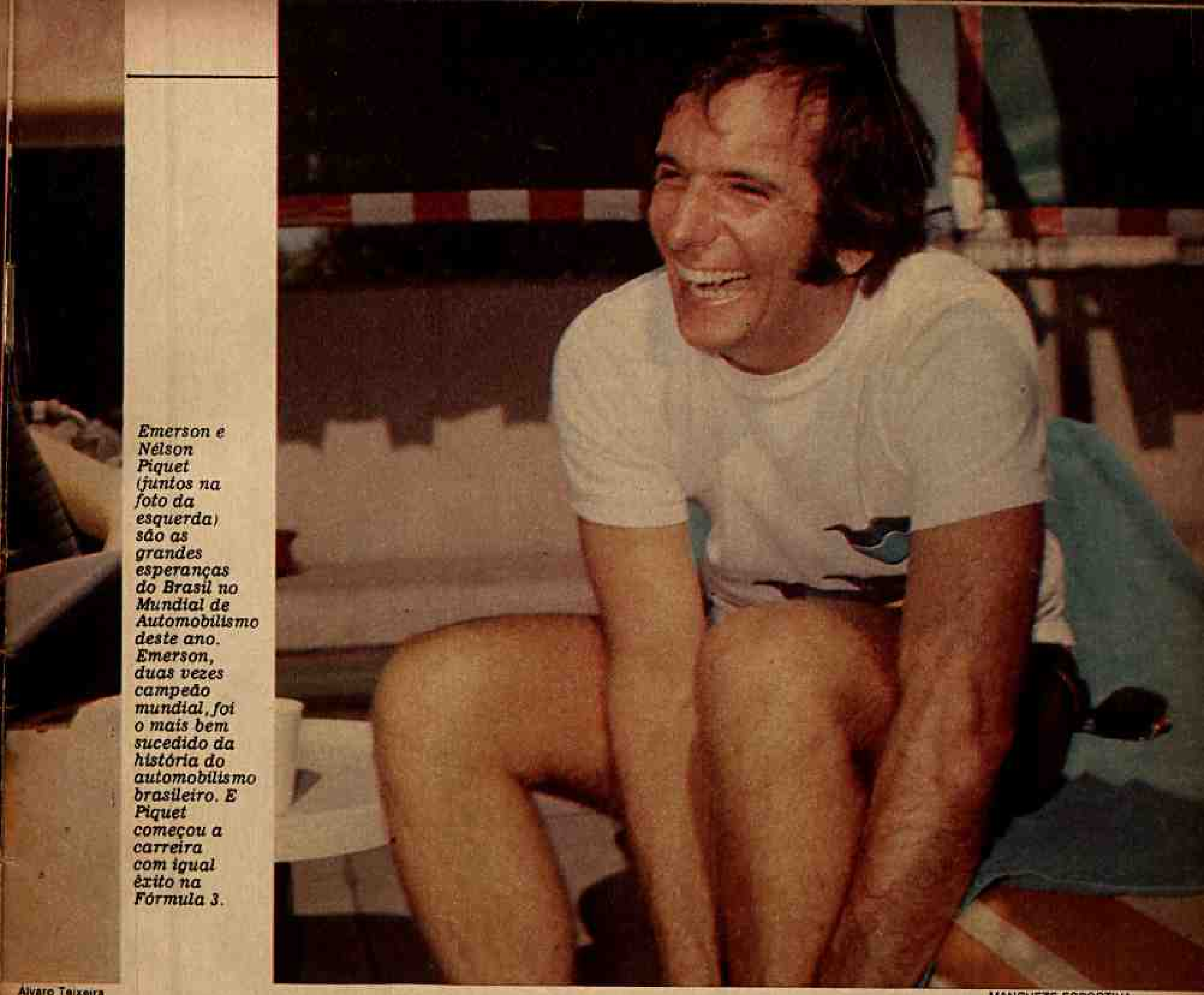
NO início da temporada de 1978, Emerson Fittipaldi vaticinou que em 1979 haveria pelo menos 20 carros semelhantes aos Lotus 78/9 com que corriam Andretti e Peterson. E não deu outra. Alguns, como o Tyrrell, são cópias fiéis; os outros guardam prudentes diferenças, mas todos adotam o mesmo princípio aerodinâmico da asa invertida, como o próprio F-6 de Emerson.

Agora, Emerson vai correr o mais desenvolvido de todos os **wingcar**, desenhado e construído sob a batuta de Ralph Bellamy, o mesmo homem que fez os Lotus 77 e 78 para Collin Chapman. O F-6, que segundo Bellamy é uma antecipação do Lotus 80 ou o que ele teria feito para ser o Lotus 80, só perde em soluções originais para o Brabham BT48 e para o Alfa-Alfa, a ser apresentado ainda este ano na temporada européia, mas que já vem sendo testado em Milão há quase um ano.

Há cerca de dois meses, durante o lançamento do Fiat Rally, em Belo Horizonte, Emerson voltou a dar alguns palpites. Na ocasião, ainda antes de ter o F-6 pronto, ele já depositava fé no projeto, mas ainda considerava os Lotus como favoritos para a Argentina, Brasil e África do Sul. Sem desdenhar as possibilidades dos novos Brabham e Tyrrell, nenhuma equipe tem um carro tão ajustado e bem casado com o piloto — no caso, Mário Andretti — como o Chapman. E o próprio Collin, em artigo publicado na última edição do **L'Année Automobile**, observa que, "apesar do progresso alcançado pelos pneus e pelas técnicas de construção de chassi, ainda é o piloto quem ganha as corridas".

Chapman, pela quarta vez, tem um piloto bem casado com seu carro. O primeiro foi o inesquecível Jim Clark; o segundo, Jochen Rindt, que, graças à primeira vitória de Emerson Fittipaldi no GP dos Estados Unidos, foi campeão mundial mesmo depois de morto, em 1970; depois, veio outro casamento perfeito, com Emerson Fittipaldi e o Lotus 72; agora, o casal perfeito é Andretti/Lotus 79.

Para Mario Andretti, um ítalo-americano várias vezes vencedor do Memo-



Emerson e Nélson Piquet (juntos na foto da esquerda) são as grandes esperanças do Brasil no Mundial de Automobilismo deste ano. Emerson, duas vezes campeão mundial, foi o mais bem sucedido da história do automobilismo brasileiro. E Piquet começou a carreira com igual êxito na Fórmula 3.

Alvaro Teixeira

MANCHETE ESPORTIVA

rial Day Challenger (500 Milhas de Indianápolis), o título de Campeão Mundial de Pilotos quebrou o tabu de que os vencedores do Oval não poderiam correr em Grand-Prix, habituados que estavam a fazer apenas as duas curvas para a esquerda, com carros assimétricos e com apenas uma marcha para arrancar e outra para baixar a bota. Enfim, o conceito era de que para ganhar em Indianápolis bastava apenas uma grande dose de coragem, um mínimo de habilidade ou talento e muito motor para fazer médias superiores a 300 km/h. Andretti provou o contrário com a Lotus 79, depois de tentar, por três vezes, fazê-lo na Ferrari, o que torna ainda mais válido o conceito de Chapman de que é necessário haver um relacionamento muito íntimo entre o piloto e seu carro.

Emerson casou bem com o McLaren e levou a marca de Teddy Maeyer ao título máximo. Depois, montou no Copersucar e brigou com o carro até 77, quando o F-5 e depois o F-5A começaram a ficar competitivos, disputando entre os seis primeiros e conseguindo um segundo lugar gratificante no Grand-Prix do Brasil de 78 graças à quebra do Lotus 78 de Andretti.

Na temporada passada, foi o carro do brasileiro, excetuando os Lotus, o que melhores resultados obteve entre os equipados com motor Cosworth. Nas primeiras competições de 1979, sua cotação, mesmo com o F-5A, é muito boa. Seu relacionamento com a Goodyear, fornecedora de pneus, que andou crítico há um ano, é o melhor possível; e como bons pneus podem decidir corridas, é válido esperar bons resultados do piloto brasileiro.

Quanto ao F-6, poderá ser lançado na pista de Interlagos no próximo dia 4 de fevereiro, se bem que o ideal seria esperar um pouco mais, completar os testes e esperar pela África do Sul — onde ainda estaria à frente de Chapman, que começa a testar o modelo 80 em março, no circuito de Kyalamy. Mesmo assim, é bom que os brasileiros não esqueçam que mesmo Chapman andou de relações cortadas com as vitórias desde o título levantado por Emerson em 1972.

Depois da apresentação do F-6 em São Paulo, nota-se uma mudança de atitude na equipe Copersucar. Nada de promessa de vitórias ou sequer de boas colocações. Só afirmações de confiança no projeto e no já muito provado piloto que, apesar das temporadas infelizes, ainda é considerado um dos melhores ou mesmo o melhor do mundo. Algumas publicações européias chegaram a especular o que não poderia fazer Emerson num dos **wingcar** de Chapman. E Chapman chegou a convidar o brasileiro para voltar a correr com seus carros, em condições de igualdade com Andretti. Emerson lembrou então a Collin que uma equipe com dois primeiros pilotos custou à Lotus um título mundial (quando a equipe era composta por ele e Ronnie Peterson, sendo Stewart campeão) e preferiu continuar a arriscar no Copersucar.

Agora, Emerson tem um carro teoricamente competitivo. Uma equipe ajustada e a possibilidade de um segundo carro para Ingo Hoffman ou Alex Dias Ribeiro. Resta torcer para que as coisas corram bem e é possível que Emerson volte aos primeiros lugares e reencontre a antiga intimidade com as vitórias. ■

Em apenas quatro anos, ele deixou de ser um ilustre desconhecido para se tornar uma das estrelas da F-1

NÉLSON PIQUET

de **Geraldo Mainenti** (Buenos Aires)



MANCHETE ESPORTIVA

Para ele, a Brabham é o melhor caminho.

A carreira de Nélson Piquet no automobilismo é, certamente, uma das mais vertiginosas que já se pôde ver até hoje. Em apenas quatro anos, ele alcançou de forma espetacular, com resultados surpreendentes nas categorias pelas quais ia passando, fruto de muito esforço e dedicação.

É uma história fascinante, tanto quanto ele próprio, pelo jeitão humilde, conversa fácil e pela habilidade natural de cativar as pessoas. Mas não é só do passado — curto, por sinal — que vive este jovem brasileiro (27 anos). É muito mais futuro, que se anuncia formidável. Quando começou a correr, na Fórmula Volkswagen 1600, em 1974, Piquet já planejava com cuidado sua vida de piloto. Tanto assim que em 1977, ano seguinte à conquista do seu primeiro título na chamada Super-Vê, ele partiu para a Europa, a fim de disputar o campeonato do continente, um dos mais difíceis de lá. E foi aí que começou a aprender muita coisa. Não sobre as máquinas, motores e pneus, mas principalmente sobre o mundo que cerca o automobilismo internacional. Ele fala daquela temporada com saudosismo, mas deixa claro que serviu-lhe de lição:

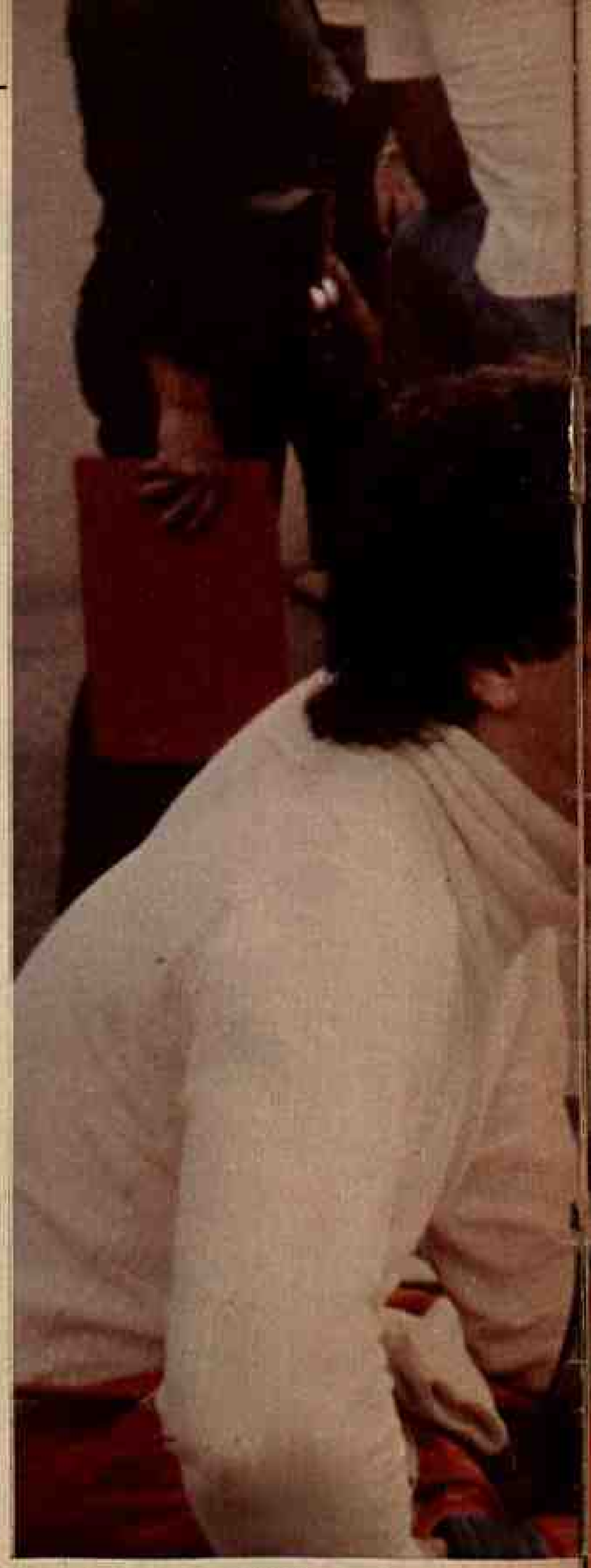
— Foi o melhor ano que já tive no automobilismo. Consegui um feito considerado dificílimo: chegar em terceiro lugar na classificação final do campeonato europeu de Fórmula-3. Anteriormente, nenhum estreante conseguira classificação tão boa. Na verdade, são necessários três anos para se pensar em boas colocações na temporada européia. Mas eu vivia para o carro, para o automobilismo e pude, logo no primeiro ano, obter uma posição de destaque. Mas foi justamente aí que eu percebi um grande problema.

Apesar de chegar a um feito tão importante, a ele não foi dada nenhuma cobertura, nem apoio. Na mesma época, o Chico Serra obtinha algumas vitórias na Fórmula-3 inglesa e era considerado o novo rei do automobilismo brasileiro, no exterior. Piquet ficou pensando muito nisso e viu a importância que a divulgação internacional do piloto tinha em sua carreira. E precisava dessa divulgação, precisava ver reconhecido o trabalho que estava fazendo na Europa:

— Foi quando percebi que, se disputasse o Campeonato Inglês, me projetaria com muito mais facilidade, pois as vitórias viriam, sem dúvida, já que o europeu era muito mais difícil e nele me saí muito bem. Assim resolvi disputar o Campeonato Inglês, em 78.

E foi o que se viu, ano passado. Nélson Piquet conseguiu sete vitórias consecutivas, batendo um recorde que existia há 10 anos. Ganhou mais seis provas, das 21 do calendário. Ou seja: venceu cerca de 50 por cento das corridas do campeonato. Seu carro era um Ralt e a equipe era dele mesmo. Trabalhou tanto e tão bem que nas últimas provas já não tinha mais adversários e conseguia correr disparado, na frente:

— Foi um sucesso total. Mas também foi um ano de trabalho duro, muito duro. Os cinco primeiros meses eram na base de quase 24 horas por dia. Não havia um momento de descanso. Eu estava mesmo disposto a dar tudo de mim, a mostrar que podia vencer. E consegui. Para dar uma idéia de como fomos bem na temporada inglesa, basta dizer que no final haviam três patrocinadores correndo atrás de nós. Não éramos mais os caçadores de patrocínio. E sim os caçados. Foi uma recompensa ao esforço de toda a equipe durante o ano inteiro. Talvez esteja aí a resposta a minha ascensão rápida, no automobilismo: eu me dedico de corpo e alma a ele. No início de minha carreira, na Europa, não economizava dinheiro. Queria mesmo era ver o carro melhor cada dia. Tudo para ele. E deu certo.



Álvaro Teixeira

Fazendo dupla com Niki Lauda, duas vezes cam

Na verdade, melhor não poderia ser. Pelo menos, são muito poucos os pilotos que podem ser convidados por Bernie Ecclestone para fazer parte da sua equipe. E menos chance têm aqueles que estão começando. Não só pela força de Ecclestone, mas também pela categoria do Brabham e do companheiro de equipe de Nélson nesta temporada: Niki Lauda. Isso tudo mostra bem a projeção de Piquet no mundo automobilístico e as esperanças que são depositadas nele.

Em 78, por cinco vezes, Nélson foi às pistas, pilotando carros da Fórmula-1. Mas apenas uma vez — na última — teve um Brabham nas mãos. O mesmo que lhe deram para o GP da Argentina. Quer dizer: o velho Brabham. O novo ficou com Lauda:

— O maior problema que a equipe teve com o novo carro é que ele não

peão mundial. Nélson Piquet corre com o BT-46, velho porém mais confiável talvez do que o modelo novo, BT-48, não suficientemente testado.

pode ser testado antes de chegar à Argentina, porque nevava muito em Paul Ricard, na França. Assim foi deixado, além do meu carro, outro velho Brabham na espera, para o caso de o novo ter qualquer problema e o Lauda não poder pilotá-lo. A verdade é que o novo carro só foi testado em Buenos Aires. Por isso, fiquei mesmo com um antigo. Mas, já para o GP do Brasil terei um novo, também. Já poderei então me preparar melhor para a temporada. O carro velho, em Interlagos, não teria a mínima chance de chegar entre os cinco primeiros. No máximo, conseguiria um décimo lugar. Interlagos é hoje, na minha opinião, o circuito mais difícil da Fórmula-1. Antes era o de Nurburgring, mas já não se corre mais lá.

Piquet vai falando de sua nova vida, na Fórmula-1. E as perguntas vão aparecendo, com o novo tema.

— E os novos companheiros, Piquet? Lauda, Ecclestone, os mecânicos...

— Ainda não dá para dizer muita coisa, pois não tenho intimidade com ninguém. Há um clima de indiferença, por enquanto. Isso só muda com o passar do tempo. Lauda me parece um cara legal. O Ecclestone também. Eu os conhecia um pouco, do Brasil, pois sempre ajudava a equipe Brabham nos GPs do Brasil. Mas é tudo diferente, quando se convive diretamente, não tenho queixa alguma e espero que não venha ter. O certo é que o bom relacionamento só aparece mesmo no meio da temporada. Não adianta apenas ser um cara legal, amigo de todo mundo. No automobilismo, o importante são as vitórias, as boas colocações. Isso ajuda em tudo dentro de uma equipe, se eu for querido por todos, mas fracassar na pista, as coisas irão se complicando, aos poucos. Simpatia e eficiência juntas é o ideal. É assim que quero que seja.

— Sua vida mudou muito da F-3 para a F-1?

— Sim, muito. Na F-3 a equipe era minha. Eu fazia de tudo, não parava um momento. Agora a situação é outra. Sou apenas um piloto, não tenho que pensar em mais nada. Ficou sendo um ritmo mais calmo, pelo menos até aqui.

— E o Copersucar, não tem vontade de fazer parte da equipe?

— Por enquanto, não. A equipe ainda é pequena, sem condições de ter dois carros. No atual estágio da minha carreira, não seria conveniente ficar dependendo de um segundo carro que ainda não existe. Este é o problema que tem o Ingo Hoffman. A Brabham me parece o melhor caminho, no momento. Uma equipe de grande porte, que pode me dar chance de sucesso na F-1. ■

O campeão mundial de pilotos de 1978 ainda sonha em dar à Ferrari um título na Fórmula-1 antes de abandonar as pistas

MÁRIO ANDRETTI

de **Geraldo Mainenti** (Buenos Aires)

AQUI está o campeão mundial de Fórmula-1. Ele é o ítalo-norte-americano Mário Andretti, nascido em Montana, Itália, mas radicado desde os 15 anos, em Nazareth, na Pensilvânia, Estados Unidos. A ele já se liga, imediatamente, a Lotus, de Colin Chapman. Um carro por demais conhecido por qualquer brasileiro. Afinal, foi com ele que Emerson Fittipaldi conseguiu, não só a sua primeira vitória num GP de Fórmula-1 (em 1970, nos Estados Unidos), mas também o seu primeiro título de campeão mundial, em 1972.

Mário Andretti e a Lotus 79 já vivem juntos desde o ano passado, quando este modelo foi lançado nas pistas, oficialmente, no GP da Espanha, logo no início da temporada européia. Mas há uma grande diferença, de um ano para cá: o carro que antes era negro, agora é verde. Ele, que antes era da John Player Special, tem novo patrocinador: a Martini. Porém, mesmo com tantas mudanças, Mário Andretti, no fundo, não terá grandes novidades em seu carro, com relação à parte técnica, nesse início de temporada. O carro é pouca coisa diferente daquele com o qual correu no ano passado e o Lotus 80 só será entregue a ele em uma das primeiras provas da temporada européia, ou seja: Andretti estará praticamente com a mesma força que fez dele o campeão mundial de 78.

A verdade é que muitas outras equipes já lançaram seus novos modelos no GP da Argentina e, com isso, ganham tempo e experiência. Quando a Lotus colocar seu novo modelo na pista, os outros já estarão rodando macio. Mas há uma coisa a se lembrar, em relação a isso, e que serve de **handicap** ao carro da Martini: em 78, a Lotus foi considerada um ano à frente de todos os outros. Se é verdade, o novo carro poderia estrear até mesmo no final da temporada que ainda assim seria competitivo. E pelo menos Chapman pensa desse jeito. Por isso que seu carro, de 78, tinha o nome de Lotus 79 e o de 79 será o Lotus 80. Ou seja: um ano à frente. Pelo menos ainda uma coisa é certa: ela estará nas mãos de um grande piloto. Nas mãos de Mário Andretti, um campeão pela Lotus, que, desde menino, sonha em conquistar um título pela Ferrari. Mas, esse, é o sonho de todos os pilotos italianos. As diferença é que Andretti está, hoje, mais perto que qualquer outro para conseguir realizá-lo. Ele mesmo conta, recordando a infância:

— Eu tinha 14 anos quando meu pai me levou para ver uma corrida, ainda na Itália. Lembro-me como se fosse hoje. Dela participava Ascari, que se tornou, imediatamente, meu ídolo. Aliás, há também um outro piloto que, ainda hoje, ao vê-lo, sinto imensa emoção e por quem tenho muito respeito: Juan Manuel Fàngio. Não posso deixar de ter uma profunda admiração por um piloto, um homem tão vibrante como ele.



Andretti: sonhando ainda com a Ferrari.



A Lotus de Mário Andretti sofreu algumas modifi

E foi com essas idéias, com esses ídolos, que Mário imigrou para os Estados Unidos. O sonho o impedia de dormir. E, um dia, pegou um velho carro de seu tio — com quem viveria parte de sua adolescência — e o transformou em carro de competições — razão pela qual ele é considerado um excelente **acertador de carros** na Fórmula-1.

Mas, como um piloto não vive só de sonhos, o seu talento natural o fez merecer um bom carro numa das célebres corridas de Indianápolis, ganhando-a na oportunidade. A glória e a fortuna que começaria a ter, não o impediriam de continuar com um outro sonho: disputar os grandes prêmios do campeonato do mundo de pilotos. E já em 1970 estava na Ferrari. Apesar de uma vitória naquele ano, a sua primeira na Fórmula-1, o GP da África do Sul, devido aos muitos problemas que atravessava a equipe do **Comendador**, ele retornaria aos EUA, voltando às fórmulas **Indy**.

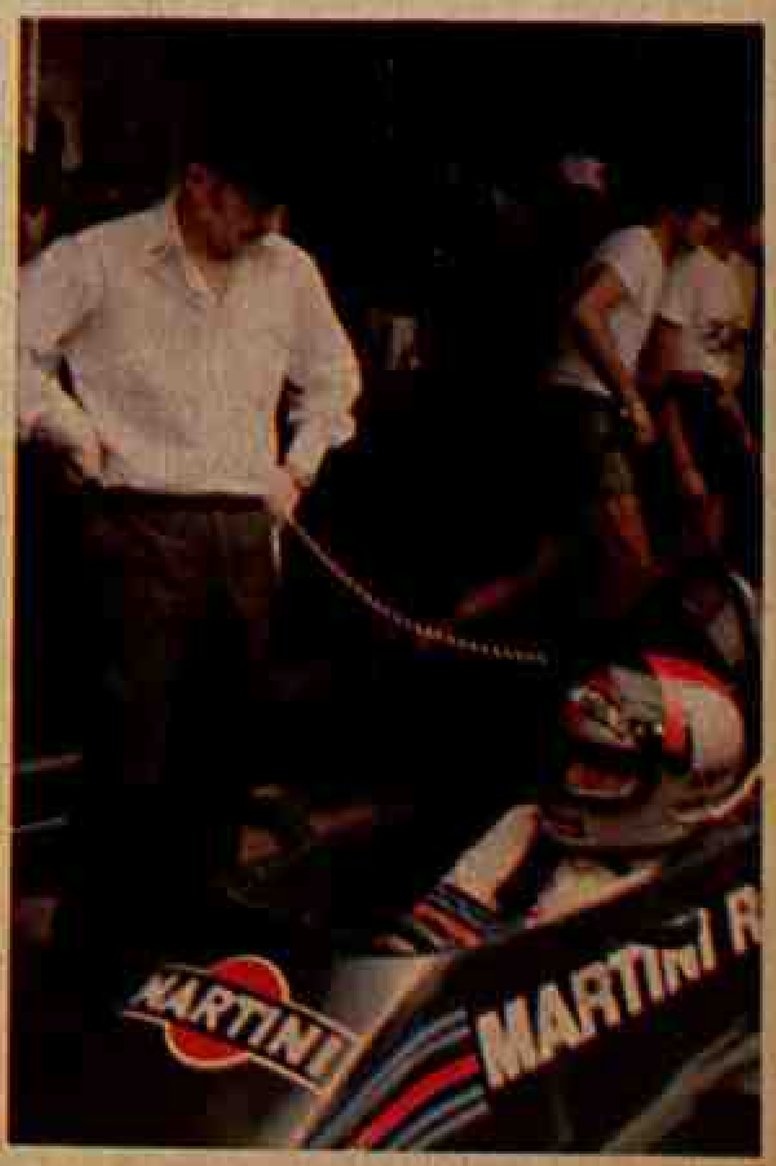
O que duraria muito tempo. Não só lhe faltava motivação — apesar de ser um dos pilotos mais bem pagos dos EUA —, mas também porque receberia convite de Colin Chapman em 1976 para ingressar na sua equipe que àquela época, ia de mal a pior. Isso representava, para o menino de Montana, um desafio. Com muita dedicação e competência, ele ia conquistando a confiança de Chapman. E, graças aos dois, Chapman-Andretti, a Lotus 79 seria um carro imbatível.

— Hoje sou um piloto e um homem realizado. Às vezes me recordo daqueles momentos em que segurava a mão de meu pai, puxava-o, tentanto passar por entre as pessoas para ver de perto Ascari. De repente, eu digo para mim mesmo: "I'm a world champion" (eu sou o campeão do mundo). ■

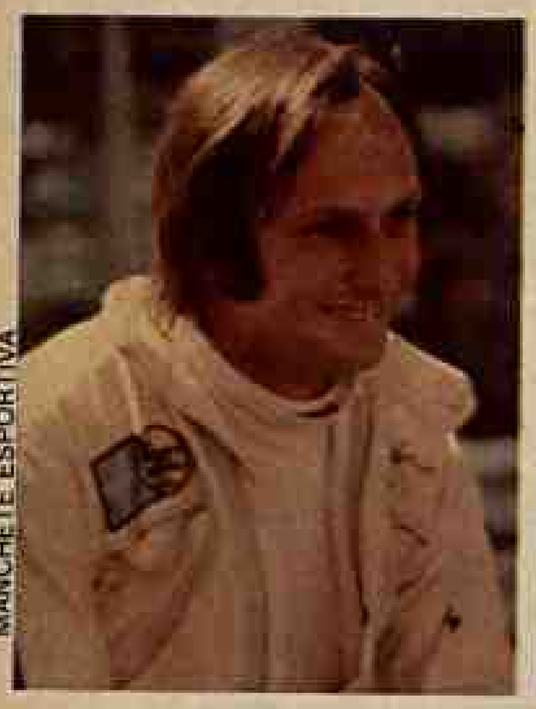
cações daquele que lhe deu o título mundial. Mudou a cor — de preto para verde — e o patrocinador, que agora é a Martini.



Aos 39 anos, Andretti é um dos pilotos mais experientes que atuam no circo da Fórmula-1, este ano. Para ele, a Lotus poderá repetir sem muito esforço as vitórias do ano passado; embora reconheça que os demais competidores evoluíram. Mas o principal motivo para essa previsão é o seu perfeito entrosamento com Colin Chapman.



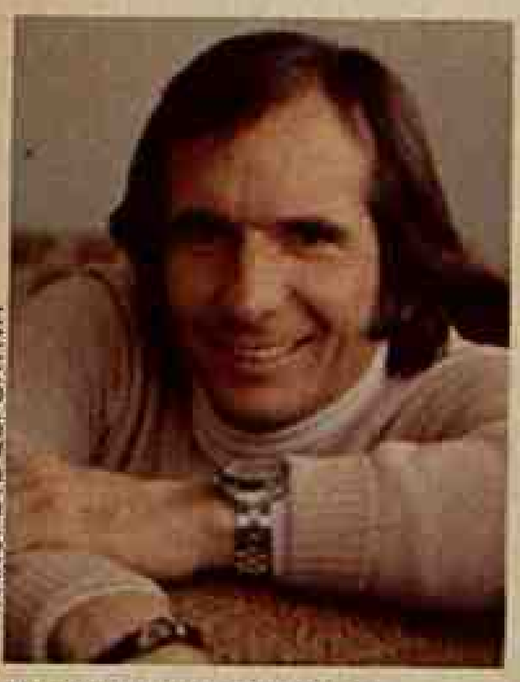
Chris Amon foi o 1.º vencedor do GP argentino, mas sua vitória não valeu para o Mundial; Andretti ganhou em 78, e Emerson já ficou com dois primeiros lugares



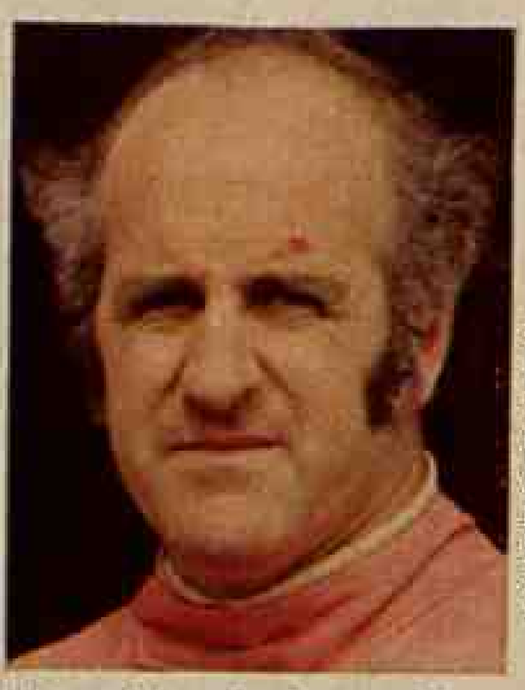
Amon venceu a 1.ª prova.



Jackie Stewart ganhou em 72.



Emerson venceu duas vezes.



Hulme foi o vitorioso de 74.



Scheckter estreou ganhando.



Andretti, o vencedor de 78.

DESDE 1971, quando foi realizado o Grand Prix de experiência, vencido por Chris Amon, da Nova Zelândia, com Matra, o Autódromo Municipal de Buenos Aires já foi palco de sete provas do Campeonato Mundial de Pilotos da Fórmula-1. Jackie Stewart, da equipe Tyrrell, venceu o primeiro GP válido para o Mundial, em 72 e, no ano seguinte, Emerson Fittipaldi, com Lotus 72, foi o primeiro sul-americano a vencer na capital argentina. Em 1974, Dennis Hulme, com McLaren, chegou em primeiro lugar. O ano seguinte viu a vitória brasileira, com o McLaren de Emerson cruzando em primeiro lugar.

Em 76, por causa de problemas políticos e a conseqüente falta de verbas, não houve o Grand Prix da Argentina e o campeonato começou no Brasil. Em 77, Jody Scheckter, quebrando o tabu de que carro novo não vence, ganhou o primeiro GP que disputou com o Wolf, depois de ultrapassar José Carlos Pace, com Brabham, que liderava a prova desde as primeiras voltas. No ano passado o vencedor foi Mário Andretti, com Lotus 78, quando os argentinos esperavam uma vitória da Ferrari de Reuteman. (José Lago) ■



A primeira vitória de Emerson teve final emocionante, com Stewart em 2º.

Em 1977 Jody quebrou o tabu de que carro novo não ganha

Quando Scheckter venceu o GP da Argentina, em 77, o José Carlos Pace liderava a prova com larga vantagem. Mas o piloto brasileiro perdeu terreno nas últimas voltas devido a problemade saúde. Foi tirado do Brabham, depois da bandeirada, pelos enfermeiros e levado a um hospital. Scheckter o ultrapassara na última volta.



SALÁRIO MÍNIMO NÃO VAI MAIS A CAMPO, MAS, DISSO, A CBD NÃO TEM CULPA

LEMBRA-ME bem a propriedade da observação. Estava, como sempre, nas arquibancadas do Maracanã, vendo o joguinho, distraído. Bem, distraído, aí, quer dizer atento ao jogo — que não era exatamente um joguinho, mas um clássico, que a pequena presença de público transformara num joguinho. Ainda que o futebol fosse razoável, em campo, a miudeza do público justificava o diminutivo.

Bem, mas, eu dizia, estava atento ao que se desenrolava no gramado, desatento para o que me rodeava. Foi quando o amigo me fez a observação de bom repórter — aquele que vê as coisas com precisão e o que está por trás delas. Eis o que, com a sabedoria própria dos que sabem observar os fenômenos globalmente, me disse o companheiro de mais aquela rodada de Campeonato Carioca:

— Veja bem, observe com vagar cada um dos que estão à nossa volta, lembre-se dos que estavam conosco em torno do balcão do bar, no intervalo. Não há um só trabalhador das mais baixas faixas de renda na arquibancada. Nem um único, se a gente desprezar a clássica exceção que confirma a regra. O que há é muita juventude, mas gente da classe média, garotões a quem o papai faz o sacrifício de dar o dinheirinho para comprar o ingresso, tomar um refresco e comer um cachorro-quente para fazer a festa completa.

Deixei um pouco o futebol. Afinal, meu time estava ganhando, a coisa estava **mole**, o barco navegava tranqüilo. Olhei em volta, agora com olhos de quem se prepara para fazer um julgamento. Até onde a vista pôde alcançar, realmente, nenhum salário mínimo. Agora, boa parte das arquibancadas do Maracanã é ocupada pelas mais diversas torcidas organizadas. E essas torcidas se compõem, basicamente, da garotada. Aquilo mesmo que o amigo tinha dito: garotada da classe média, dinheiro do pai. Alguns, certamente, da classe média baixa, mas sempre da classe média.

Quem freqüenta o Maracanã há muitos anos sabe perfeitamente que, se a arquibancada sempre mostrou — como diria um tecnocrata — um amplo espectro de categorias de público, sempre teve presente, numa das pontas, ou até mesmo no centro desse leque, uma boa parte do trabalhador das mais baixas faixas de renda. O salário mínimo já caiu há muito tempo (a expressão mais exata seria: foi empurrado) para a geral. Muitos deles, da geral já pularam para fora do estádio. E os de uma ou duas categorias acima da sua é que desceram para as dependências mais baratas, aquelas onde os painéis de publicidade do campo hoje obrigam o pobre apaixonado pelo futebol a ficar na ponta dos pés para ver o gol do seu ídolo. E as arquibancadas ficaram ou para a classe média que se proletariza ou para a que apenas começa a caminhar para isso, mas ainda consegue agüentar — sabe Deus como — a diversãozinha do filho no fim de semana. Ou o lazer, como diria aquele comunicólogo.

Não, nem tudo é culpa da atuação do Almirante Heleno Nunes na CBD. Tenho sido um tanto duro aqui com o velho comandante de longo curso (longuíssimo, a julgar pelo brilhareco de sua recente reeleição por aclamação, com perdão da rima pobre). É verdade, ele tem dado com galhardia passos decisivos para matar mal matado (há alguma coisa mais cruel?) o futebol brasileiro. Mas o esvaziamento progressivo dos bolsos nacionais também não pode deixar de pesar na balança. Ao contrário. É um dado importantíssimo. E com isso a CBD não tem nada. A não ser... Bem, deixa pra lá. Quem vê o que está por trás das coisas é aquele meu amigo...

Com garra.
É como trazemos o esporte até você.

Manchete Esportiva *tem a cobertura completa do que acontece durante a semana no esporte do Brasil e do mundo.*
Tudo o que a televisão não mostra está em Manchete Esportiva, *que analisa para você o outro lado do esporte.*
Leia Manchete Esportiva *e saiba tudo sobre futebol, tênis, atletismo, natação, esporte amador, automobilismo. No Brasil e no mundo.*







tudo sobre todos os esportes

Manchete esportiva



Agência Estado

EXIGÊNCIA

Pinhalense terá que reformar estatuto para ficar na intermediária

O Ginásio Pinhalense disputou o Campeonato da Divisão Intermediária clandestinamente? É o que sugerem as leis. Primeiro, o ginásio não é clube de cidade com população superior a 60 mil habitantes e, nessas condições, não poderia ser promovido à Especial. Segundo: seus estatutos, eleborados em 1930, não estão adequados às leis vigentes. Trata-se, ainda, de uma associação recreativa e social e não esportiva. Apesar de tudo (e a federação tinha conhecimento das irregularidades) o clube fez normalmente seus jogos na Intermediária. Recentemente, foi ameaçado de desfiliação pela FPF. A CBD, porém, deu prazo — até o início do próximo campeonato — para que o ginásio entre na lei, reformando seus estatudos.

Os estatutos do clube são tão antigos que sequer atendem às determinações do Decreto 3.199, que em 1941 oficializou o esporte no Brasil. **(Horácio Marana)**

BALANÇO

Quem subiu e quem foi rebaixado nos torneios de acesso em São Paulo

DOS quatros campeonatos de acesso em São Paulo, apenas dois foram encerrados em 78, ficando a decisão dos outros dois para este ano. E a transferência das decisões causada por diversos julgamentos na FPF. O acesso em São Paulo ficou assim, no último ano:

DIVISÃO INTERMEDIÁRIA: **Finalistas:** Velo Clube, de Rio Claro, e Internacional, de Limeira, terminaram em primeiro lugar, ambos com 13 pontos ganhos. O Internacional, porém, deverá disputar novamente o jogo com o Ginásio Pinhalense, em Espírito Santo do Pinhal, dia 28 próximo. Esta partida foi interrompida no intervalo, quando houve invasão de campo e o Ginásio vencia por 2 a 0. Um empate, agora, bastará ao Internacional para conseguir o título e ser promovido à Divisão Especial, cujo último colocado, a ser conhecido em maio, será rebaixado. Restará, neste caso, ao Velo Clube, disputar uma série melhor-de-três com o penúltimo colocado da Especial tentando igualmente uma promoção. Mas se o Internacional for derrotado no dia 15 de fevereiro pelo Ginásio Pinhalense, o Velo será promovido, pelo critério de saldo de gols.

Rebaixado: O Esporte Clube Rio Preto, de São José do Rio Preto, foi rebaixado para a Primeira Divisão por ter sido o último colocado da Intermediária. O penúltimo colocado, a Esportiva, de Guaratinguetá, conseguiu manter-se nessa divisão por vencer o Rádium, de Mococa (vice-campeão da Primeira Divisão) numa série melhor-de-três.

PRIMEIRA DIVISÃO. **Campeão:** A Associação Atlética Votuporanguense, de Votuporanga, foi promovida para a Divisão Intermediária, ocupando o lugar do Rio Preto. O vice-campeão, o Rádium, não foi promovido por não vencer a série melhor-de-três com o penúltimo da Intermediária.

Observação: não haverá rebaixamento na Primeira Divisão porque dois clubes (Andradina, de Andradina e o Olímpia, de Olímpia) desistiram do Campeonato, sobrando então duas vagas que os dois primeiros da divisão imediatamente inferior preencherão.

SEGUNDA DIVISÃO. **Primeiro finalista:** Clube Atlético Lemense, de Leme. Foi o vencedor de uma das chaves e, pelos motivos já expostos, vai decidir o título apenas pró-forma, já que tanto ele como o segundo finalista serão automaticamente promovidos.

Segundo finalista: os jogos no outro grupo ainda não foram encerrados. Quando começou o período de férias profissionais, os mais cotados eram o Jaboticabal Atlético Clube, de Jaboticabal e o Grêmio Novo-Horizontino, de Novo Horizonte. O atraso na definição do grupo deveu-se a um julgamento do Ilha Solteira Futebol Clube, de Ilha Solteira, que venceu uma causa no Tribunal de Justiça e entrou, tardiamente, nas disputas.

Observação: não haverá rebaixamento.

TERCEIRA DIVISÃO: **Campeão:** O Cruzeiro, de Cruzeiro, foi o campeão, com um ponto de diferença sobre o segundo colocado:

Vice-campeão: A Associação Atlética Saltense. Ambos foram promovidos para a Segunda Divisão. **(H.M.)** ■



Flávio Canalonga

O Lemense, finalista da 2.ª Divisão, e, no alto, Maia faz o gol do Velo contra o São José.

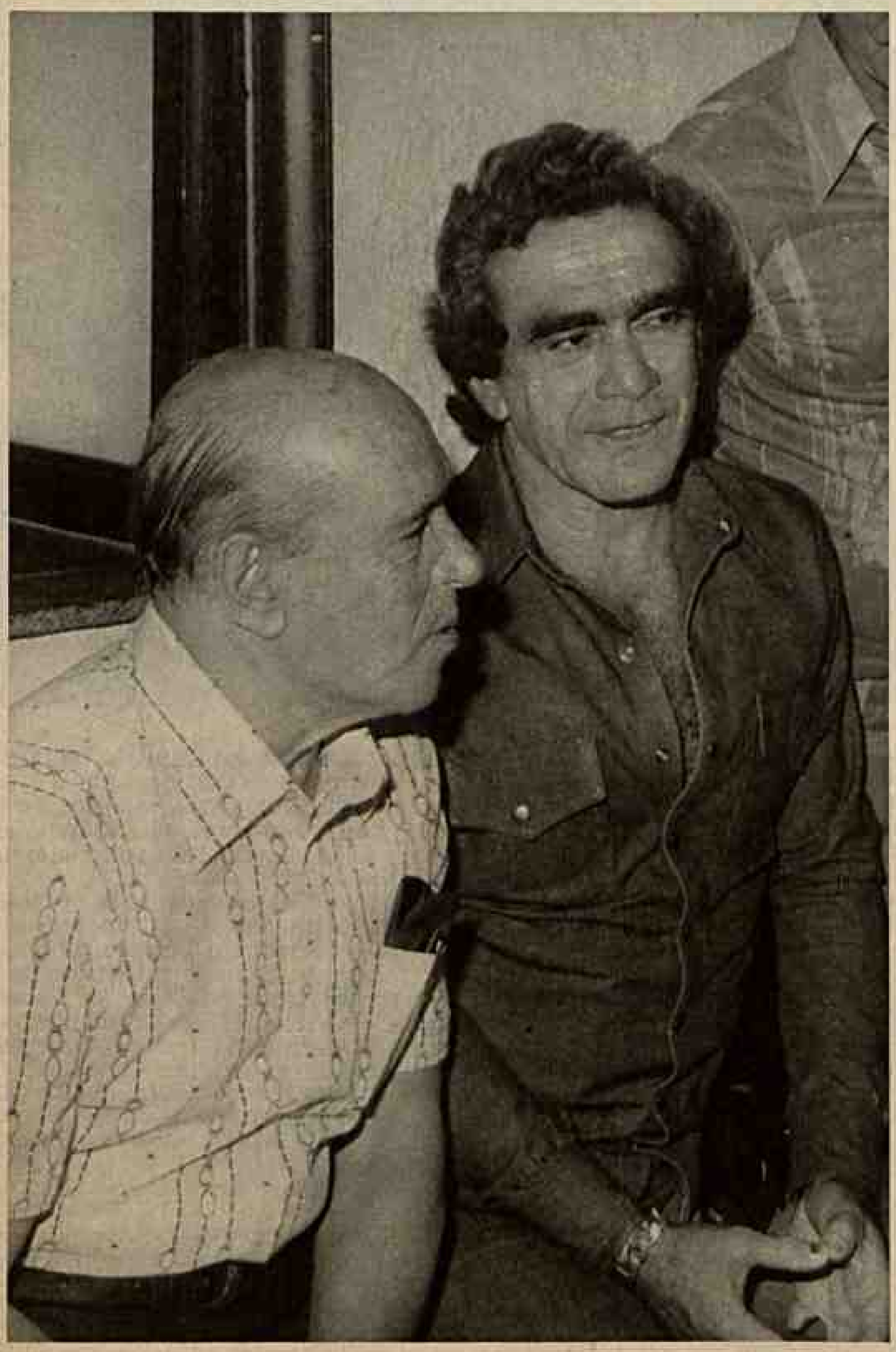
A ALEGRE FESTA DOS VETERANOS

Fotos de **Paulo Marcos**

TUDO começou quando, há cinco anos, Orlando Pingo de Ouro teve a idéia de reunir, anualmente, os jogadores que integravam a equipe do Fluminense, Campeão Carioca de 1951: Castilho; Píndaro e Pinheiro; Vítor, Édson e Lafaiete; Telê, Didi, Carlyle, Orlando e Joel (ou Quincas). Técnico do **timinho**: Zezé Moreira. Para o primeiro jantar, só um cartola foi convidado: Benício Ferreira Filho, diretor de futebol do clube em 51.

Como a iniciativa teve o maior sucesso, os veteranos tricolores resolveram convidar, no ano seguinte, um jogador de outro clube. Daí em diante a promoção se expandiu e se transformou no Encontro dos Veteranos do Futebol Brasileiro, que reuniu agora, em jantar na Churrascaria Majórica, mais de 50 ex-jogadores profissionais. Foi uma festa de confraternização muito alegre e descontraída, onde se encontravam, entre outros, Ademir, Nílton Santos, Danilo, Índio, Castilho, Orlando Pingo de Ouro, Robson, Tomé, Amauri, Otávio, Sabará, Dida, Biguá, Duque, Píndaro, Jair Santana, Ivã (América e Fluminense); Micau (Olaria); Válter Miraglia, Constantino e Nélio (Flamengo); Lima (América); Índio (Botafogo e São Cristóvão) e Ítalo (Fluminense). O comandante do **timinho** também estava lá, Zezé Moreira, confraternizando com seu velho rival, Flávio Costa, na presença do professor Ernesto Santos.

Como em todas as promoções independentes do futebol brasileiro — e, por isso mesmo, bem-sucedidas — os cartolas arrumam um jeito de se intrometer. O presidente da CBD, Heleno Nunes, participou do jantar dos veteranos, o que deixou alguns deles aborrecidos. Com sua presença, o almirante levou o churrasco a ser servido um pouco mais cedo e quase transforma o clima de completa descontração que reinava.





Zezé Moreira, comandante do timinho tricolor de 51, ao lado do ex-goleiro Castilho (à esquerda), era um dos mais emocionados do Encontro de Veteranos. À direita, três dos mais habilidosos atacantes do futebol brasileiro: Robson, Ademir e Sabará. Abaixo, dois estilistas, dois craques inesquecíveis: Nílton Santos e Danilo Alvim, o Príncipe.

Lamentou-se o fato por prejudicar o espírito espontâneo da festa. Alguns ex-jogadores explicaram que o encontro foi pago por cada um deles e que recusaram alguns convites para fazer a reunião sem despesas, justamente para manter o ambiente de confraternização, uma coisa só deles.

Mas os cartolas não conseguiram estragar a festa, que foi a maior que os veteranos já realizaram. E a promoção ganhou tal porte que Gilbert (ex-ponta-direita do América), da AGAP (Associação de Garantia do Atleta Profissional), acredita que no próximo ano a entidade posssa encampar a idéia, fazendo o encontro por sua conta. Otávio Moraes, ex-atacante do Botafogo e presidente da AGAP, aproveitou a oportunidade e conclamou os ex-companheiros a participarem da entidade, **"porque se trata de uma associação que, subvencionada pelo governo federal, está em condições de auxiliar os profissionais do futebol".** Sobre o Encontro dos Veteranos do próximo ano, nada ainda ficou decidido.

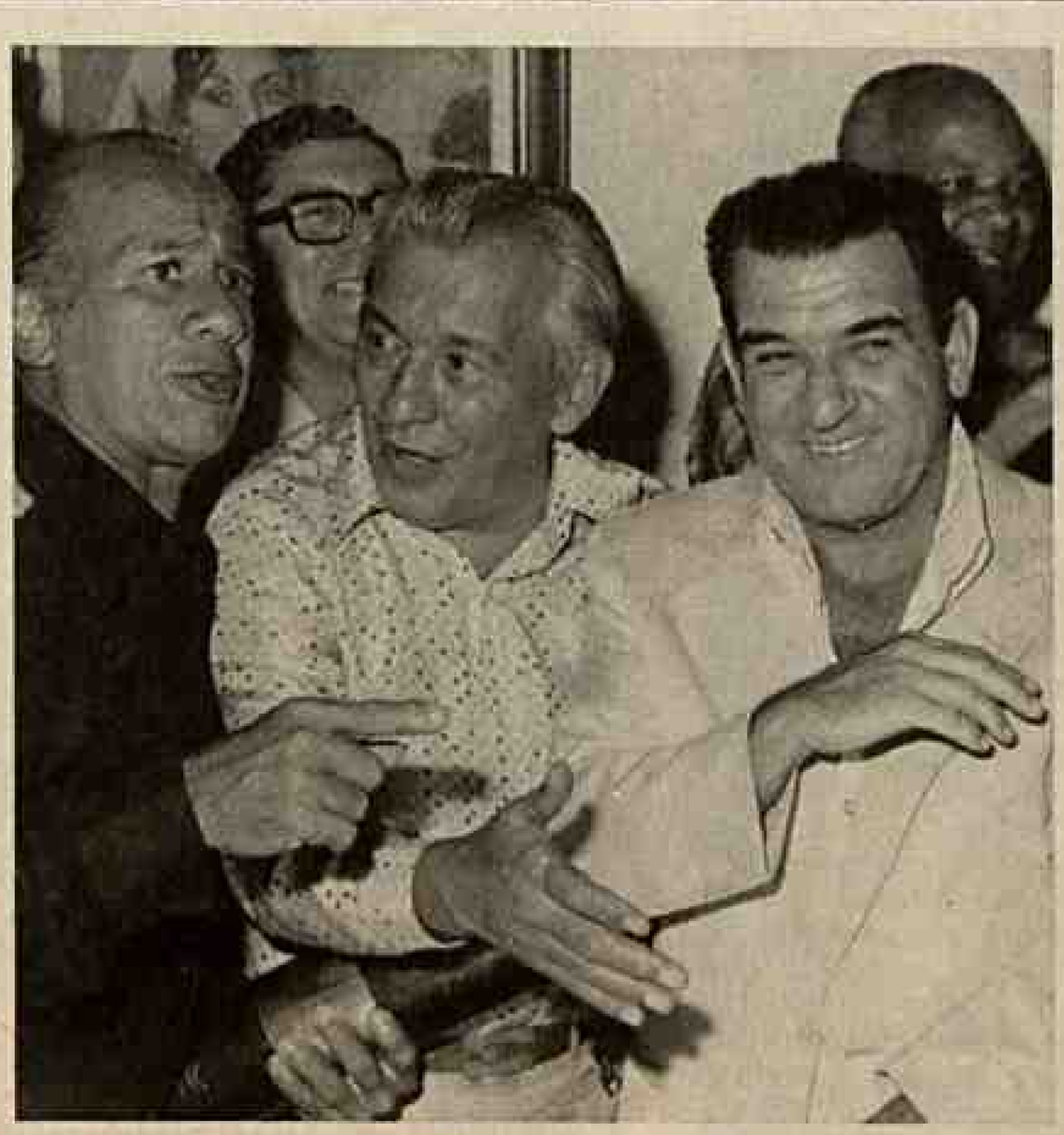
Os mais emocionados da festa foram, sem dúvida, os técnicos Flávio Costa e Zezé Moreira, que já tinham treinado a maioria dos veteranos presentes. Zezé não esqueceu que o próprio Flávio Costa foi seu treinador:

— Ele jogou contra mim, no mesmo time, e acabou sendo o meu técnico.

Danilo e Ademir também puderam lembrar os bons tempos de Vasco da Gama, com o famoso Expresso da Vitória. E do **timinho** tricolor de 51 ali estavam Castilho, Píndaro, Orlando Pingo de Ouro e Robson, um dos mais animados do encontro. Biguá lembrava dos duelos que mantinha com Chico (ponta-esquerda vascaíno), nos muitos Flamengo e Vasco de que participou, apesar de o ex-adversário não estar presente. Índio e Dida também recordaram os bons tempos, quando um começou e outro terminou de dar um bicampeonato ao Flamengo. Ivã, ex-meio-de-campo do América e do Fluminense, lembrava com Dida a decisão de 1955, quando Tomires tirou Alarcon de campo e a equipe rubro-negra chegou ao tri.

Quem acompanha futebol há algum tempo e esteve na noite daquela sexta-feira (dia 12) na Churrascaria Majórica, deve ter vivido momentos agradáveis, ao ver de perto algumas das grandes personalidades do futebol brasileiro; jogadores que muito contribuíram para a evolução do futebol no país e, conseqüentemente, para a conquista de três Copas do Mundo; jogadores de uma época mais romântica e, por isso mesmo, mais emocionante, mais cheia de história. **(Carlos Alberto Rodrigues)** ■





Orlando Pingo de Ouro (à esquerda, de camisa preta, ao lado de Biguá) foi o idealizador da festa dos veteranos, iniciada há cinco anos. O técnico Flávio Costa (abaixo, ao lado de Ernesto Santos) reviu seus ex-comandados.





GASPERIN

Goleiro que derrotou o ceticismo de todos é hoje titular do Inter

O Inter começou o ano de 79 com um grande dilema: o que fazer com os goleiros Bagatini e Benitez, que custaram Cr$ 6 milhões ao clube e não conseguiram provar que são melhores que o titular Gasperin, que não custou nada. A hipótese mais provável é que a diretoria do Inter venda o paraguaio Benitez — o goleiro que fez boas defesas no Maracanã, quando jogava pela seleção paraguaia nas eliminatórias à Copa do Mundo da Argentina — e fique com Bagatini, comprado ao Caxias em 78 por Cr$ 3 milhões. O Inter não deseja de forma alguma ficar com os dois, e já garantiu inclusive que não vende Gasperin, o titular de 78 e que provou valer mais de Cr$ 6 milhões — pois desbancou os dois reservas, comprados por esse alto preço.

A carreira de Luís Carlos Gasperin sempre foi caracterizada pela persistência. Ele jogou em vários clubes do interior (Brasil de Vacaria, Juventude de Caxias do Sul e Esportivo de Bento Gonçalves), sempre mostrou boas qualidades, mas nas duas oportunidades que teve de jogar no Grêmio — em 71 e 75 — não conseguiu convencer os treinadores de que merecia ser titular. Em 76 foi para o Juventude de Caxias do Sul, onde provou que era bom goleiro, e acabou indicado para o Inter pelo técnico Rubens Minelli.

Gasperin chegou no Inter desacreditado: o clube tinha Manga e contrataria, meses depois, Benitez. Sem perder a esperança e achando que "não morreria na reserva", Gasperin continuou lutando para ser titular. No fim do campeonato gaúcho de 77, Manga foi mandado embora estranhamente (o time perdeu o campeonato e o goleiro foi culpado por alguns gols curiosos) e Benitez passou a titular. O paraguaio, porém, não teve sorte: sofreu quatro gols em um Gre-Nal, e foi queimado. O ano de 78 começou bem para Gasperin: ele foi escalado na equipe titular mas o Inter não confiou muito e resolveu contratar Bagatini ao Caxias. Bagatini também saiu do time por causa de alguns gols que sofreu em um Gre-Nal (vitória de 3 a 2 do Grêmio). No jogo seguinte e até hoje, Gasperin é titular do Inter e o melhor goleiro do sul, provando que a tradição de que só goleiro que custa pouco corresponde no Beira-Rio é verdadeira.

Gasperin, 26 anos e um belo futuro pela frente, não esquece porém que para ser um ótimo goleiro é preciso ter humildade, treinar bastante e aprender com os mais velhos e mais experientes.

"Aprendi a maioria dos segredos da profissão de goleiro com o velho Manga (hoje no Grêmio), que é ainda, para mim, um dos melhores do mundo. Graças ao Manguinha eu progredi muito, cheguei a titular de uma grande equipe e hoje até posso sonhar com a Seleção brasileira." **(E.B.)**



MANCHETE ESPORTIVA

Ediélson: domínio de bola, visão e fôlego.

REVELAÇÃO

Ediélson é considerado franzino e Brasília perde um novo craque

A Seleção Brasiliense de Futebol Juvenil, que foi derrotada pelos cariocas, no Rio, por 5 a 0 e empatou, em Brasília, com os mineiros, em 0 a 0, não está completa. Esta é a opinião de vários desportistas que acompanham o certame. Para eles, a não convocação do armador Ediélson, do Grêmio Esportivo Brasiliense, foi uma injustiça só comparável à que fizeram com Paulo César e Marinho na Copa de 78.

Com 18 anos, 1,69m de altura e 66 quilos, Ediélson foi considerado **muito franzino** para integrar o Selecionado. Apesar do grande domínio de bola, uma boa visão do campo e muito fôlego para correr o campo inteiro, Ediélson não se considera frustrado pela não convocação.

"A gente faz o que pode. Corro o ano inteiro e procuro mostrar o que sei, para depois ser esquecido. Mas não acho que isso seja o fim do mundo. Outras chances virão."

No ano passado, Ediélson esteve próximo da realização de seu grande sonho de jogar num time do Rio ou de São Paulo. Um amigo de seu irmão, Francisco, tinha intenção de levá-lo para testes no Flamengo ou Fluminense, mas os estudos não deixaram. Mas uma nova oportunidade talvez volte a acontecer agora, durante o período de férias escolares. Segundo Otasiano Lopes, técnico da equipe principal do Grêmio Brasiliense, Ediélson vai para o Rio e só volta para visitar a família já que "os cariocas não vão deixar fugir a chance de ter um novo Zico". **(Nilson Nelson)**

LOTECA

Pedreiro que ganhou 14 milhões só teme as artimanhas femininas

O servente de pedreiro gaúcho José André da Silva, 26 anos, um dos três ganhadores do teste 424 da Loteria Esportiva — que deu a cada um mais de Cr$ 14 milhões — teme uma só coisa na vida de milionário, que passou a levar: as mulheres. "Antes, quando era pedreiro e ganhava uma miséria, elas me ignoravam. Agora, vão querer se aproximar de mim só porque tenho dinheiro. Mas não vão ter nenhuma chance", prometeu ele.

"Vou me cuidar muito com elas, pois são perigosas e muitas só se aproximam de um homem quando notam que ele tem dinheiro" — disse o milionário. — "Vou procurar para mim uma mulher humilde e que não pense só em dinheiro. Isso porque a maioria agora vai querer casar com a minha gaita (dinheiro)."

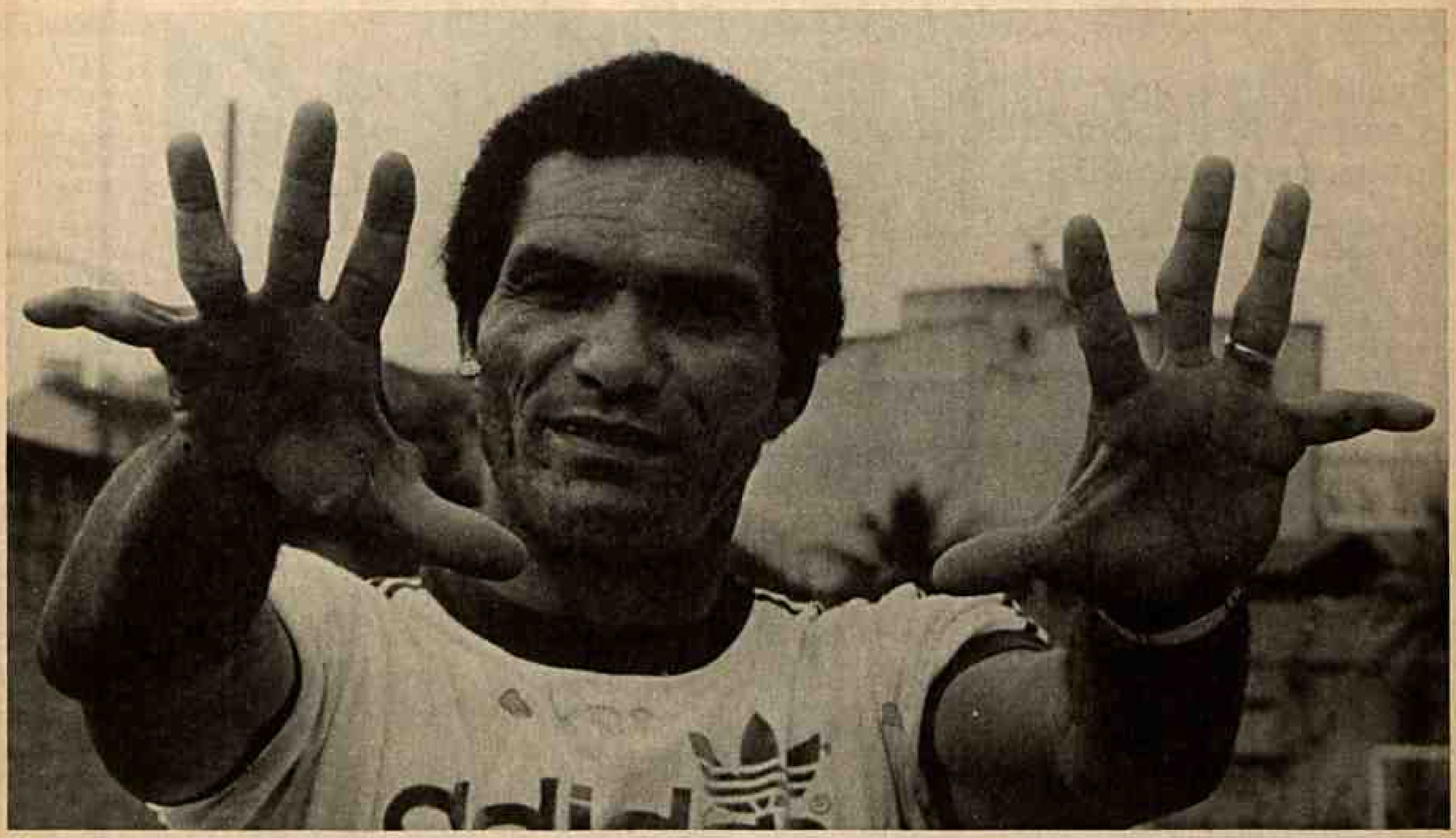
José ganhou na Loteria com uma aposta simples de Cr$ 10,00. Tem só o segundo ano primário e mora no distrito de Maquiné, da cidade de Osório, a 100 quilômetros de Porto Alegre. Diz que não existe segredo para fazer 13 pontos: "É só apostar sem olhar para os times e esperar pela sorte", afirmou. Seu plano para o futuro é estudar para poder aplicar bem o dinheiro.

"Agora vou trabalhar para mim. Já cansei de ser pedreiro", afirma. **(E.B.)**

AUTOMOBILISMO

Norwich faz homenagem para Colin Chapman, o supercampeão da Lotus

DA Prefeitura de Norwich, onde está sediada a equipe Lotus, Colin Chapman acaba de receber várias homenagens, entre elas o título de Cidadão Honorário, entregue pessoalmente pelo prefeito. Houve até uma parada singular, com a participação de todos os carros produzidos pela Lotus, pilotados por alguns ex-pilotos e pelo atual campeão do mundo, Mario Andretti. A homenagem terminou com um jogo de futebol, para a qual Chapman foi convocado a dar o pontapé inicial. **(Márcio Torloni)**■



Manga e as mãos que deram o título de 1978 ao Coritiba: no momento oportuno, um plano diabólico para receber o que lhe devia.

FOLCLORE

Como Manguinha recebeu seu dinheirinho na véspera da decisão

OS jornalistas esportivos do Paraná estão de luto pela perda de seu principal inspirador de notícias — o goleiro Manga, agora transferido para o Grêmio. Mas as histórias do famoso pernambucano que se eterniza como grande goleiro continuam a circular nos meios esportivos e jornalísticos. E a última delas, acontecida na véspera da partida decisiva contra o Atlético Paranaense, quando a defesa de Manga num pênalti deu o título ao Coritiba, tornou-se o grande sucesso do momento.

A cena ocorreu num ambiente de aparente serenidade, às seis da tarde, em plena concentração. Manga chamou o diretor de futebol Estêvão Damiani, responsável pela sua contratação, e falou, pausadamente:

— Damiani, o Manguinha está com um problema. E Manguinha com problema em partida decisiva tem medo de jogar mal e comprometer o time. Ainda mais que a decisão pode ser por pênaltis.

— Mas o que houve, Manga?

A esta altura, Manga puxou uma promissória de 100 mil cruzeiros, vencida, que o Coritiba lhe devia desde que foi contratado. Logo apareceu um talão de cheque, mas quando o emitente começava a preencher o documento, Manga voltou à carga:

— Não, não. Cheque, não. Cheque é problema. Manguinha tem de ir ao banco, às vezes a assinatura não confere, é um corre-corre danado. Manguinha prefere os 100 mil em dinheirinho mesmo.

Duas horas depois, não se sabe como, os dirigentes do Coritiba apareceram com o dinheirinho que garantiu a tranqüilidade do Manguinha. E o título do Coritiba. **(Vinicius Coelho)** ■

PARANÁ

Coritiba tem saudade de Tim e Dino mas eles não pensam em voltar

DOS técnicos que passaram pelo Coritiba nos últimos dez anos, somente dois deixaram saudade entre os dirigentes e a torcida: Tim e Dino Sani. Os dois são lembrados sempre pelos feitos de suas equipes e pela forma alegre com que elas jogavam. Futebol de gol e de bons espetáculos. Tim não quer mais saber de dirigir profissionais: "Só volto a trabalhar se alguém me der uma escolinha pra ensinar." E Dino Sani, sondado em Santos quando passava as festas de fim de ano, não só pelo Coritiba como também pelo Vasco, que chegou a anunciar sua contratação, fez ruir as esperanças coritibanas: "Estou bem demais no Uruguai. Já ganhei quatro títulos. O que disputei, ganhei. O presidente Washington Cataldi não me liberou para o Vasco, com apelo até do presidente Heleno Nunes. E o Peñarol está pagando em dólares." **(Vinicius Coelho)** ■



Dino Sani: nem com apelo de almirante.

IATISMO

Brasileiro de Snipe começa a 27 e aponta nomes para o Mundial

O XXX Campeonato Brasileiro da Classe Snipe — a mais importante competição nacional do iatismo — será realizado a partir do dia 27 no clube Veleiros de Sul, de Porto Alegre. As provas deste ano serão disputadas com bastante entusiasmo, pois definirão os representantes do Brasil que irão competir nos Jogos Pan-Americanos de Porto Rico, em julho, e no Campeonato Mundial, no Canadá, em agosto.

A classe **snipe** é uma das mais eficientes do iatismo brasileiro, o que fica comprovado não só pelo grande número de flotilhas dos estados litorâneos mas também pelos títulos de campeão mundial e campeão do hemisfério ocidental que se encontram em poder das duplas brasileiras Bóris Ostergren-Ernesto Neugebauer e Juan Pimentel-Carlos Dornet, respectivamente.

Os grandes favoritos no campeonato nacional deste ano em Porto Alegre são Marco Aurélio Paradela (campeão do hemisfério ocidental em 77, gaúcho), Juan Pimentel (atual campeão do hemisfério, carioca), Bóris Ostergren (campeão mundial, gaúcho), Nélson Piccolo (ex-pentacampeão brasileiro, gaúcho), Paulo Santos (duas vezes campeão europeu, campeão português, agora radicado no Brasil), João Paulo Barcellos (campeão carioca), Múcio Poronga (campeão do Nordeste). **(Eugênio Bortolon)**

VIAGEM

Serginho viu no México o fracasso de Dirceu e o sucesso de Cabinho

DIRCEU foi vendido a peso de ouro para o futebol mexicano (575 mil dólares), mas está enfrentando enormes dificuldades para impor seu futebol técnico e objetivo, e pretende voltar logo para o Brasil (o Grêmio, de Porto Alegre, é um dos clubes interessados em seu passe). Quem constatou a real situação de Dirceu no México foi o ponteiro direito gaúcho Serginho, do Caxias, que voltou há poucos dias de lá, onde foi fazer testes no Clube Atlético Espanhol.

— O futebol mexicano é muito parecido com o estilo gaúcho — disse Serginho. **— Como o Dirceu é jogador muito habilidoso e técnico, vem enfrentando dificuldades e problemas para agradar aos torcedores e ao treinador do América. Pelo que vi, o futebol mexicano exige muita raça e disputa. Dirceu, que não está acostumado com isso, não consegue agradar. É um excelente jogador mas vai demorar para se adaptar ao estilo de jogo dos mexicanos.**

Serginho conta também que os outros jogadores brasileiros que estão no México vivem melhor que Dirceu, e não são tão criticados. Ele cita os casos de Luisinho e Zanata, que ganham ótimos salários, e de Cabinho, ex-jogador da Portuguesa de São Paulo, que seguidamente é comparado a Pelé.

— O Cabinho tem um cartaz enorme. Ele é adorado pela imprensa, que o considera o novo Pelé, e lhe dedica sempre espaços no rádio, tevê e jornal. Cabinho é um mito no México, graças a quantidade de gols que marca. Já está milionário e nem pensa em voltar ao Brasil.

Impressionado com tudo que viu e sentiu, Serginho garante até que os brasileiros que jogam no México não precisarão mais trabalhar ao fim da carreira, pois ganham verdadeiras fortunas.

— Os clubes do México são de propriedade de pessoas ricas que não se importam em pagar enormes salários aos jogadores — diz ele.

Serginho afirma que viu coisas inacreditáveis no futebol mexicano, como a preocupação dos dirigentes com os torcedores:

— Aqui os dirigentes só pensam em conseguir boas rendas, lá os clubes distribuem ingressos aos torcedores. Nas touradas a torcida tem que pagar e vai em maior número, mas no futebol existem ainda as transmissões de tevê, que são diretas, e por isso é possível afirmar que o futebol tem tanto público quanto as touradas. (E. B)

RENOVAÇÃO

Corrupção na Federação pode causar a derrota de Hofmeister em março

O todo-poderoso presidente da Federação Gaúcha de Futebol, Rubens Freire Hofmeister, está enfrentando vigorosa campanha da oposição contra sua reeleição em março. Até agora, já existem três chapas para as eleições na entidade — fato realmente raro nos últimos anos, quando Hofmeister dirigiu a Federação com "mão de ferro" e procurou aniquilar os clubes. Há chapa situacionista, há da oposição, e uma independente, que tem como candidato Dagoberto Focaccia, dirigente da falida Associação São Gabriel. Hofmeister acha que vai ganhar fácil, mas a chapa da oposição, comandada por seu ex-vice presidente, Sadi Cavalheiro, e Gastão Prudente, está fazendo tudo para ganhar as simpatias dos eleitores. E está conseguindo: Sadi e Gastão possuem fartos documentos que provam a corrupção na Federação na última gestão de Hofmeister.

— A Federação tem 19 títulos protestados em cartório, fora os averbados — revela Gastão. Além disso, o superfuncionário Luís Carlos Alvim passa o ano inteiro com um carro alugado de uma locadora, pago pela própria Federação, só para uso particular. Dele ainda existem algumas compensações de conta bancária particular, que teve a falta de fundos coberta por transferências da conta da Federação.

A oposição garante ter um "saco cheio de documentos" para mostrar a corrupção na gestão de Hofmeister. Os principais documentos, porém, foram obtidos na campanha eleitoral de Hofmeister para deputado federal em 78, quando ele sofreu uma vergonhosa derrota, obtendo apenas sete mil votos.

— O Hofmeister teve a audácia de transferir três telefones da Federação para seu comitê eleitoral, situado no 12.º andar do edifício onde está instalada a entidade, durante os meses de setembro, outubro e novembro — diz Gastão. Só no mês de outubro, por exemplo, a conta de telefone da Federação foi de Cr$ 250 mil, o que é um absurdo, pois quem está sustentando tudo são os clubes, que vivem com problemas financeiros o ano inteiro. E nessa época os funcionários da Federação só recebiam vales, pois a tesouraria da entidade alegava não ter dinheiro para pagar os salários. A oposição tem outros documentos para provar a corrupção, como as contas do telex (aparelho usado para a campanha eleitoral).

Hofmeister ficou irritado com as revelações da oposição, tentou fazer um acordo com os adversários para acabar com a campanha oposicionista mas não obteve êxito. O apoio dos clubes a Hofmeister — antes aberto e declarado — já não existe mais com tanta força, mas ainda é difícil dizer se ele será derrotado nas eleições: a maioria dos clubes tem medo da sua prepotência, de suas ameaças e das suas chantagens. **(E.B.)**

MANCHETE ESPORTIVA



Candidato a deputado, Rubem Hofmeister não conseguiu mais de 7 mil votos nas eleições. Agora, está ameaçado de perder também a presidência da Federação Gaúcha de Futebol.

A crítica, a informação, a notícia, você encontra em OPERAÇÃO ESPORTE ESPECIAL





Operação Esporte Especial, sob o comando de Carlos Lima, é a maior audiência em programas esportivos. Todas as segundas-feiras, às 23 horas, uma equipe constituída por jornalistas, convidados especiais e personalidades do esporte critica, informa, discute o dia-a-dia esportivo. Carlos Lima lidera a equipe que é integrada por Ney Bianchi, Ricardo Serran, Raimundo Mendonça, Iata Andersson, Carlos Felipe e Éldio Macedo. Como convidados especiais participam ainda Francisco Horta e Celso Franco.

OPERAÇÃO ESPORTE ESPECIAL
TV TUPI-RIO
as 2as -feiras, às 23 horas

De segunda a sexta-feira, ao meio-dia, pela TV Tupi, **Operação Esporte**, o mundo do esporte amador e mais o turfe. Participam: Nelson da Waimea (surfe e skate), Basilone (natação), Romeu Lima da Graça (interior), Nóli Coutinho (basquetebol), Lilian (asa voadora), Eduardo Reagal (kart), Reynaldo Veloso (xadrez), Garcia Jr. (futebol de salão), Luís Carlos (turfe de Campos) e **Bolonha.**

Nem as técnicas avançadas de cirurgia tiram o medo dos jogadores. Mas os médicos garantem que a recuperação é completa

MENISCOS: O GRANDE PESADELO DOS CRAQUES

De **Carlos Alberto Rodrigues**

ANTIGAMENTE o torcedor podia ver em campo aqueles jogadores com gorro na cabeça e uma enorme joelheira. Eram os joelhos d'água — jogadores que tinham os meniscos lesionados mas mesmo assim jogavam enquanto agüentavam. Hoje já não existe isso, mas apesar das técnicas avançadas, tanto na parte cirúrgica quanto na parte de recuperação, alguns jogadores tiveram problemas sérios e outros foram obrigados a abandonar o futebol. Os médicos garantem que a cirurgia de meniscos não é responsável por um craque abandonar os gramados. O médico da Seleção brasileira, Lídio Toledo, diz que todos os jogadores que são operados, sem apresentar outras complicações (como rupturas de ligamentos, artroses e outros problemas) voltam a jogar. Arnaldo Santiago, médico do Fluminense, lembra ainda que não só jogador que teve os meniscos extraídos, mas também o que sofreu cirurgia reparadora dos ligamentos, pode voltar à atividade.

Já ex-jogadores como Amarildo e Fontana, ex-integrantes da Seleção brasileira, tiveram problemas sérios depois da operação. O primeiro, operado na Itália, teve a recuperação apressada e, depois de uma nova operação no Brasil, acabou forçado a abandonar o futebol. O outro diz que nunca foi o mesmo depois de extrair os meniscos e que até o jeito de bater na bola mudou inteiramente.

Certos ou errados, a verdade é que problema de joelho **grila** qualquer um. O caso do jovem artilheiro Careca está aí mesmo para provar essa teoria. Operado às escondidas e praticamente proibido de conversar com os repórteres sobre o assunto, sob alegação de que isso poderia prejudicá-lo psicologicamente, Careca já está na fase da recuperação. Segundo previsões médicas, voltará a jogar em março, mas será que vai ser o mesmo? Ou os **grilos** de antes da operação vão continuar? Outro craque que vive o drama do joelho é Reinaldo. Operado dos quatro meniscos, o artilheiro mineiro acabou tendo que se submeter a uma nova cirurgia, feita nos Estados Unidos, mas ninguém em sã consciência pode jurar que a história terá um final feliz, com Reinaldo voltando a jogar seu excelente futebol — ou, pelo menos, parte dele. Mas para muitos especialistas no assunto, como Lídio Toledo, Arnaldo Santiago e o Major Cléber Camerino, o segredo da coisa está numa recuperação bem feita. Camerino, que já recuperou vários jogadores através de um trabalho de fiseoterapia e posteriormente de musculação, na Escola de Educação Física do Exército, afirma que uma recuperação bem feita é tão importante quanto a cirurgia. Camerino lembra que vários jogadores que a abandonaram o programa de recuperação antes do tempo se deram mal e não conseguiram voltar à atividade.

Mas por que os jogadores lesionaram os meniscos? Quais são essas causas? Quem explica é Lídio Toledo, uma das autoridades no assunto:

— A causa fundamental e quase que exclusiva da lesão dos meniscos é a torção do joelho, isto é, a distorção da articulação do joelho. A distorção é sempre causada por um mecanismo indireto. Isto é, o jogador que roda em cima da articulação, porque prendeu o pé num buraco, ou pisou na bola, ou caiu com o joelho em rotação. Dessa maneira, pode-se afirmar que a causa da lesão do menisco é sempre uma distorção do joelho.

Lídio Toledo explica ainda que, uma vez atingidos os meniscos, aparecem sintomas que podem ser subjetivos e objetivos, tais como: dor ao nível das interlinhas, derrames, sensação de falhas, estalidos, bloqueio e atrofia muscular. Para o médico do Botafogo e da Seleção brasileira, a maneira como o futebol vem sendo jogado atualmente — com marca-

Para o Dr. Lídio Toledo, a causa quase exclusiva das lesões dos meniscos é a torção do joelho, sempre causada por mecanismo indireto: o jogador roda em cima da articulação por ter prendido o pé num buraco, ter pisado na bola ou ter caído com o joelho em rotação. No futebol atual, segundo o médico, os atletas ficaram mais vulneráveis a esse tipo de contusão durante as partidas, devido ao contato direto com o adversário.



MANCHETE ESPORTIVA

esportiva

A falta de paciência do jogador durante o tratamento de recuperação pode acabar comprometendo o sucesso de uma cirurgia e até impedir o retorno ao futebol

ção cada vez mais rígida, o que torna o jogador mais e mais vulnerável, deixando-o cada vez mais em contato direto com o adversário — pode ser apontada como uma das causas da lesão dos meniscos, porque provoca a distorção da articulação do joelho. Mesmo assim, ele acha que os casos de lesão nos meniscos não aumentaram tanto assim:

— Estou trabalhando no esporte desde 1958 e a estatística é mais ou menos a mesma. É claro que no futebol atual existe um contato mais direto entre os jogadores, mas pode-se dizer que o número de lesionados não aumentou tanto assim.

Mas a lesão pura e simples do menisco não significa o fim da carreira de um jogador. Pelo menos é o que diz Lídio Toledo:

— Quase todos os jogadores que foram operados sem apresentar outras complicações, como rupturas, artroses etc., voltaram a jogar quase que normalmente. Não consta que nenhum jogador que tenha lesionado exclusivamente os meniscos fosse obrigado a abandonar o futebol. Todos, de uma maneira geral, se recuperam. É claro que uns mais rapidamente do que outros. Mas esse é um fator biológico e muitas vezes não podemos modificar essas leis imutáveis da natureza.

Lídio Toledo, como outros especialistas, ressalta que o trabalho de recuperação pós-operatória é tão importante quanto a cirurgia. Segundo o médico, graças aos modernos métodos de musculação e fisioterapia, a recuperação tem sido segura e rápida. Por isso, ele faz questão de frisar que a extração pura e simples do menisco não acarreta problemas para o jogador de futebol. Mas Lídio Toledo não esquece de explicar que às vezes um campo ruim e uma chuteira mal travada podem ser responsáveis diretos por uma lesão de menisco.

— Um jogador bem treinado, física e tecnicamente e que jogue com uma chuteira bem travada, num campo bem gramado, provavelmente não terá problema de articulação nos joelhos e sobretudo lesão nos meniscos. Ao contrário daquele que apresente uma atrofia muscular, lesões ligamentares anteriores, com frouxidão ligamentar e que joguem num campo irregular, calçando chuteiras mal travadas. Esses, é claro, serão bem mais vulneráveis do que os outros.

Por essas e outras, é de se perguntar se os jogadores através de sua associação de classe, presidida por Zé Mário, tinham ou não razão quando reclamaram contra ao péssimo estado de vários campos no Brasil, que apresentam gramados irregulares, comprovadamente perigosos para os profissionais. Mas não só o campo em mau estado pode causar lesão nos meniscos; na verdade, a violência de alguns jogadores, sobretudo dos que jogam na defesa, também é apontada como uma das causas. Os casos de Careca e Reinaldo estão aí mesmo para reforçar essa teoria.

Para Lídio Toledo, o talento de Careca e Reinaldo pode ser a principal razão de terem ambos, apesar de bastante jovens, sido obrigados a fazer cirurgia para extraírem os meniscos.

— Eles são hábeis e impetuosos — explica Lídio Toledo. **— Naturalmente, por isso, sofrem mais do que os outros. Afinal, têm pela frente zagueiros sempre dispostos a impedir o prosseguimento do lance de qualquer maneira.**

Reinaldo já tirou os quatro meniscos. Careca foi operado recentemente de um deles. Pode parecer estranho, mas Careca contou que se machucou sozinho num treino, quando o Guarani se preparava para jogar com o São Paulo, pelo Campeonato Paulista. O jogador explicou que ao chutar sentiu dores no joelho, que logo inchou. Ficou fora três partidas, porque o departamento médico pensou que se tratasse de uma simples torção. Mas durante as férias, numa partida beneficente, voltou a sentir a contusão e aí foi constatado que o menisco estava lesionado. Careca está sendo submetido a um trabalho de recuperação, durante oito horas por dia e garante que em março voltará aos campos.

Já o caso de Reinaldo parece bem mais complicado. Depois de extrair os quatro meniscos, o jogador foi obrigado a viajar para os Estados Unidos, onde se submeteu a nova cirurgia no joelho esquerdo — operado anteriormente pelo médico Abdo Arges. O atual médico do Atlético Mineiro, Neylor Lasmar, conta que os problemas no joelho esquerdo de Reinaldo surgiram muito depois, com o aparecimento de atrofia e derrames. O médico explicou ainda que por isso foi feito um trabalho especial no músculo da coxa, recuperando-o do derrame. Na Seleção brasileira, Reinaldo prosseguiu o tratamento e aí já contando com o aparelho **Nautilus**. Mas no fim, parece que os exercícios especiais, que antes recuperavam, não funcionaram mais e Reinaldo acabou sendo submetido a nova cirurgia. Dessa vez, nos Estados Unidos. Agora, Reinaldo está em fase de recuperação, na esperança de voltar em março. Resta saber se o jovem artilheiro será o mesmo. Se não for ou se tiver mesmo que parar, de quem será a culpa? Do médico que realizou as primeiras cirurgias ou dos que trabalharam na sua recuperação?

Mas não é só uma cirurgia bem-feita e uma recuperação cuidadosa que são importantes. Segundo Arnaldo Santiago, médico do Fluminense e especialista no assunto, é muito importante um diagnóstico preciso, "para que não se abra um joelho só para ver o que tem dentro". Outra coisa fundamental, segundo Arnaldo, é a presença do médico no campo no momento do acidente.

— Quando o médico está presente, certamente terá uma visão do mecanismo de produção da lesão, bem como uma noção da sua gravidade.

Em 1964, quando era médico do Bangu, Arnaldo Santiago foi obrigado a operar o ex-goleiro Ubirajara Mota às pressas.

— Ele sofreu violenta torção no joelho e com isso teve bloqueio articular. Daí a facilidade do diagnóstico. Esse caso é a única indicação de cirurgia para extração dos meniscos. A operação foi bem-sucedida e Ubirajara jogou até os 40 anos sem nenhum problema. Por isso, é importante ressaltar que um diagnóstico preciso contribui efetivamente para que não surjam problemas futuros.

Sempre frisando que é preciso ter certeza para operar um menisco, Arnaldo Santiago lembra que existem casos, onde não se pode caracterizar a lesão.

— Às vezes um jogador torce o joelho, mas como fica sentindo uma dor difusa não dá para caracterizar a lesão meniscal. Nesses casos, deve-se imobilizar o local e fazer tratamento clínico conservador. É muito importante que o médico não tenha pressa de liberar o jogador, porque isso poderia agravar a lesão e aí tornar-se necessária uma cirurgia.

Como os demais especialistas, Arnaldo Santiago lembra que a recuperação deve ser feita com o maior cuidado.

— Se a recuperação não for bem feita, poderá acarretar problemas seriíssimos. Tudo tem que ser feito gradativamente: a fisioterapia, a carga de peso e o condicionamento físico. Se tudo isso for realizado metodicamente, o jogador voltará a campo. A verdade é que, com o avanço das técnicas de cirurgia, não existe problema numa extração de meniscos e numa plástica reparadora dos ligamentos.

Muito craque já se recuperou de problemas no joelho e de cirurgia nos meniscos e ligamentos fazendo trabalho de recuperação na Escola de Educação Física do Exército, com o Major Cléber Camerino. Carlos Alberto Torres é um exemplo marcante disso.

— Ele chegou aqui dado como acabado para o futebol — diz Camerino. **— Vinha de problemas de ligamentos e de articulação. Além de uma atrofia muscular. Com um trabalho de dois meses, recuperou-se e está jogando até hoje.**

Segundo Camerino, um jogador que é

O que é menisco?

MENISCO é uma fibro-cartilagem localizada no joelho. Em cada um dos joelhos existem dois meniscos: um interno e outro externo. Uma vez lesado, o menisco tem que ser retirado, porque passa a funcionar como um corpo estranho dentro da articulação. É o mesmo que uma pedra dentro do sapato. Enquanto não se retira a pedra, a marcha torna-se difícil. Então, uma vez lesado, o menisco deve ser ressecado, ou seja: deve ser feita uma meniscetomia. (Lídio Toledo)



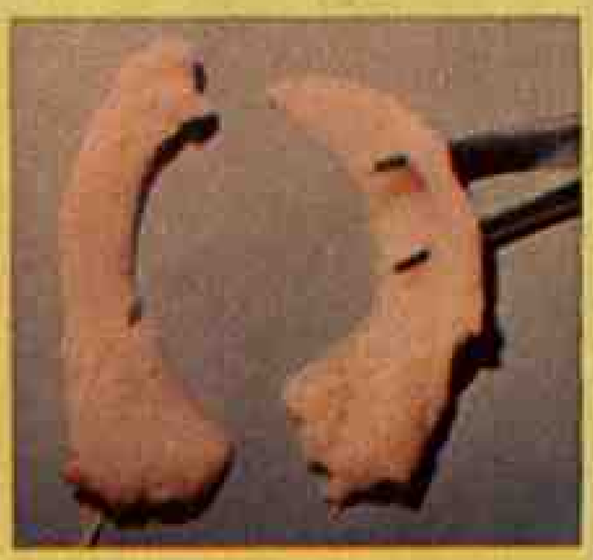
Ao apalpar com o polegar a interlinha articular, o cirurgião verifica se há dor — o que indica lesão de menisco interno ou externo do jogador.



Esta foto, comparando dois joelhos, é bem significativa. No joelho raspado, nota-se um volume muito aumentado — resultado de derrame articular. Trata-se de um dos sinais mais comuns: derrame articular, aumento de volume da articulação pelo aumento de líquido.



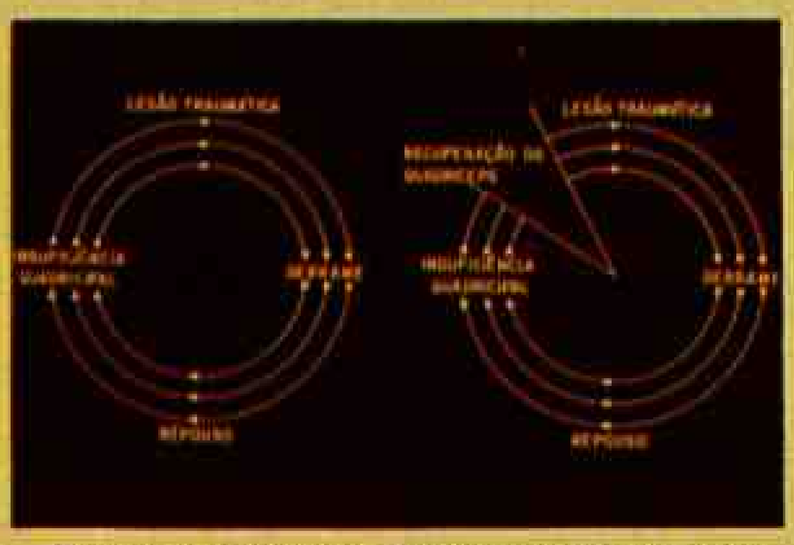
Eis um exemplo de lesão de menisco longitudinal — considerada pelos médicos a mais comum entre os atletas de futebol. Trata-se de uma ruptura longitudinal do menisco.



Eis aqui uma ruptura transversal de menisco de um lado e uma ruptura longitudinal no outro. A pinça mostra a lesão longitudinal.



Nesse exemplo de uma antiga lesão de menisco, nota-se perfeitamente que houve uma verdadeira calcificação no local atingido.



O círculo vicioso de Smillie prova que a cirurgia é tão importante como a recuperação pós-operatória. O fundamental para banir o círculo vicioso é a recuperação do quadríceps. Fazendo-se boa musculação, o joelho passa a sofrer menos.

operado apresenta uma atrofia muscular de três a quatro centímetros. Para isso é necessário um trabalho de musculação, através de peso.

— Mas antes do trabalho de musculação, o jogador é submetido a um trabalho de fisioterapia. Por causa do gesso, geralmente o atleta apresenta um bloqueio articular e por isso a fisioterapia é feita manualmente, através de movimentos no local. Depois que o bloqueio sumir, aí então faz-se um trabalho de massagens e aplicações.

Apesar do inteiro sucesso de alguns casos, Camerino lembra que vários jogadores não tiveram êxito.

— O problema é que muitos não têm paciência de ir até o fim e acabam abandonando o tratamento como foi o caso de Zeca, do Palmeiras, e de Louro, que jogou no Ceará. Os dois não tiveram paciência e foram embora antes do tempo. Com isso não puderam voltar a jogar futebol.

Segundo Camerino, Clodoaldo foi um caso especial:

— Ele não completou a recuperação, mas mesmo assim está jogando até hoje.

Mas além de casos que apresentaram boas possibilidades de recuperação, Camerino teve nas mãos jogadores já sem condições.

— Posso citar o Roberto, que jogou no Botafogo, e o Cláudio, hoje treinador do Internacional. Ambos estiveram aqui comigo. Mas como precisavam de outra operação acabaram desistindo. Não posso afirmar que depois de serem operados novamente eles poderiam se recuperar. A verdade é que do jeito que eles apareceram por aqui eu não podia fazer nada.

Luís Pereira, operado na Espanha, complementou sua recuperação com Camerino, na Escola de Educação Física do Exército.

— Ele estava de férias aqui no Brasil e nós complementamos sua recuperação.

Camerino faz questão de explicar que o trabalho feito na Escola de Educação Física do Exército é inteiramente gratuito.

— Tudo é feito através da CBD, para onde o clube do jogador envia um ofício solicitando que ele seja submetido a um trabalho de recuperação conosco.

Mas não são só os craques tratados na Escola. Muitos jogadores de times pequenos estiveram aos cuidados do Major Camerino.

— Vários deles ficaram alojados aqui mesmo, o que não acontece com jogador de time grande de outros estados. Nesses casos, o clube hospeda o jogador por sua conta num hotel.

Juari, do Santos, é o jogador mais conhecido que se encontra atualmente em recuperação na Escola de Educação Física do Exército. Ele sofreu uma torção no joelho e com isso uma atrofia muscular. Mesmo assim, continuou jogando. Agora, já está quase recuperado e deverá voltar ao time do Santos no início da segunda fase do Campeonato Paulista. Mas se não fosse levado a tempo a Cléber Camerino sua sorte poderia ser outra.

Em 1962, Amarildo entrou no lugar de Pelé e fez os gols necessários para que o Brasil ganhasse a Copa do Mundo. O nosso **Papagaio** foi vítima de um trabalho malfeito. Operado aos 30 anos, quando já defendia o Roma, Amarildo teve sua volta apressada e por isso teve de sofrer nova operação, cujo resultado não foi positivo.

— A operação foi bem-feita, o problema é que com 17 dias de operado me colocaram para treinar. Com isso, o joelho começou a inchar e tive que parar.

Amarildo pretendia ainda jogar mais algum tempo e tentou a sorte no Vasco. Veio para o Brasil, submeteu-se a uma nova operação, mas não houve jeito: teve que encerrar a carreira, aos 33 anos.

— Esperava jogar mais um pouco. Mas não deu. Me disseram que se tratava de um problema de calcificação. Tenho pra mim que ao apressarem minha volta aos treinos no Roma, encerraram minha carreira.

Já Fontana, tricampeão mundial em 1970, conta que depois de operar os meniscos nunca mais foi o mesmo.

— Até o jeito de chutar mudou. Não sei se foi problema da cirurgia ou de outra coisa qualquer. Mas a verdade é que nunca mais joguei o mesmo futebol.

Além de Fontana e Amarildo, muitos cobras tiveram problemas sérios. Uns superaram, outros não. Os médicos dizem que não existe problema na extração dos meniscos. Eles afirmam que se a recuperação for bem-feita, o jogador tem tudo para voltar a ser o mesmo. Vários casos comprovam esse fato. Mas, por outro lado, existem jogadores que afirmam coisa diferente. Num balanço geral, pode-se chegar à conclusão de que o segredo da coisa está na recuperação. Uma recuperação bem-feita pode ser a certeza de uma volta tranqüila ao futebol. Do contrário, pode ser o fim da linha. ■

TROFÉU JÚLIO DELAMARE

Valendo como eliminatórias para o Campeonato Sul-Americano, os nadadores tiveram ótimo desempenho

VINTE RECORDES NA VITÓRIA DO PINHEIROS

de **Orlando Barroso**

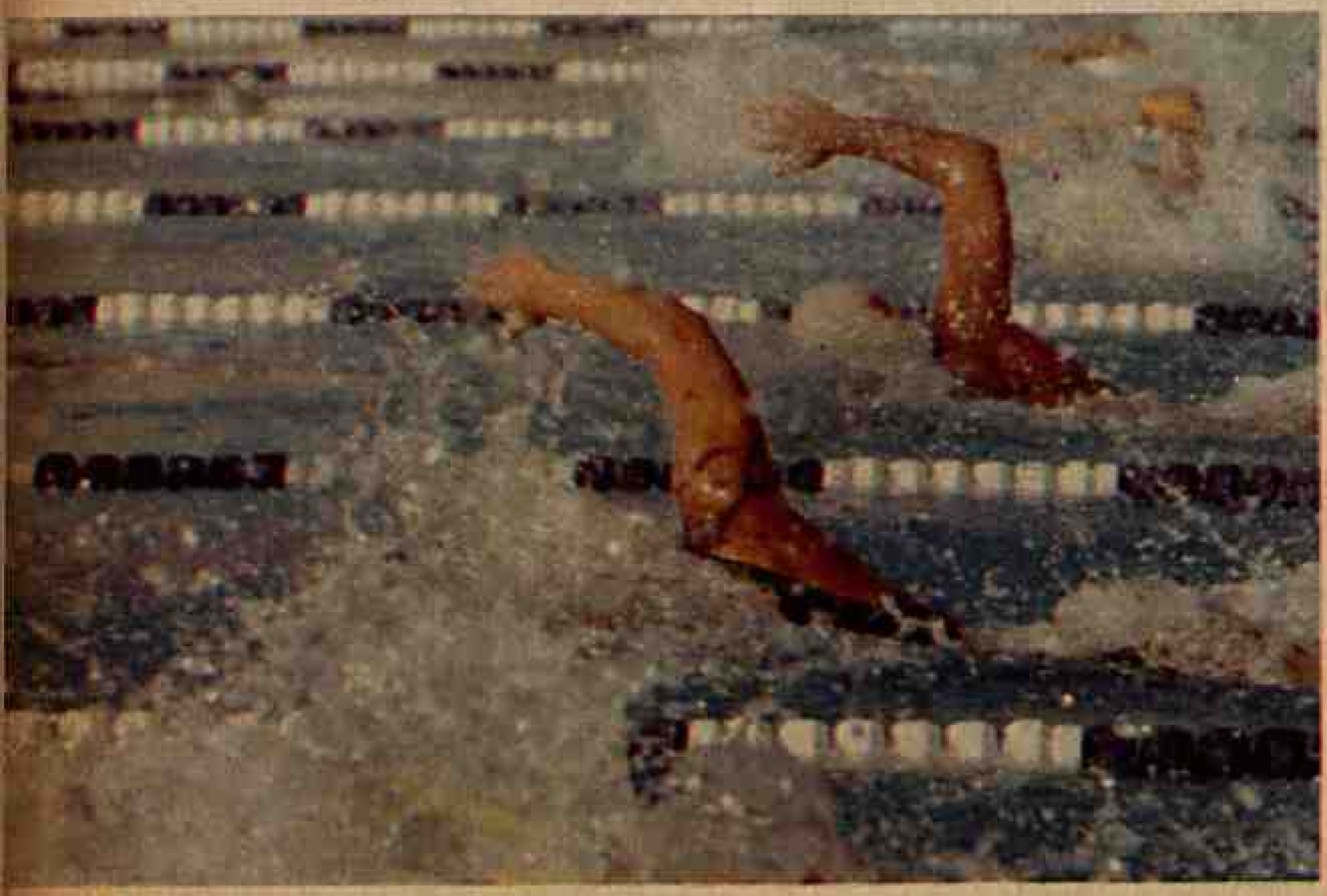
VINTE recordes quebrados, treze deles sul-americanos, e a revelação de alguns valores que, provavelmente, representarão o Brasil nas principais competições internacionais dos próximos anos, foram o saldo do Troféu Júlio Delamare de natação, disputado no Círculo Militar de Campinas.

Apesar das reclamações de alguns treinadores, que criticaram o calendário da Confederação Brasileira de Natação para 79, os dirigentes da CBN, inclusive seu presidente, Rubens Dinard de Araújo, saíram de Campinas satisfeitos com o índice técnico apresentado e otimistas quanto à participação do Brasil nos torneios internacionais deste ano. Em março, São Paulo será a sede do sul-americano de juvenis; em abril, haverá a Copa Latina, no Rio, e, em julho, o Pan-Americano de Porto Rico. Os nadadores que participaram do Troféu Júlio Delamare eram todos juvenis, com idade entre treze e dezoito anos, e deverão estar no auge de sua forma física em 1980, quando se realizarão as Olimpíadas de Moscou.

As queixas dos técnicos se referem basicamente à atitude da CBN, que elaborou um calendário sem ouvir o que eles tinham a dizer. Rubens Dinard confessou que não aceita a opinião dos treinadores, que, para ele, "perderam o direito de reclamar". O dirigente acha que os técnicos só se preocupam em ganhar títulos para seus clubes e, com isso, sacrificam os atletas, fazendo-os participar, às vezes, de até doze provas num único torneio. Por causa disso, a CBN marcou o Troféu Júlio Delamare para janeiro, época em que, segundo os treinadores, a maioria dos atletas está fora de forma, reiniciando suas atividades após as férias.



Mesmo sem um calendário que lhes permita um



Disputando uma vaga para o Sul-Americano, as provas mostraram muito equilíbrio.

— **O calendário da CBN é feito sem nenhum planejamento** — desabafa William de Lima, técnico do Pinheiros, clube tricampeão do troféu. Ele explica que, até agora, os treinadores não sabem como preparar seus nadadores para os Jogos Pan-Americanos, sem dúvida a competição mais importante do ano, pois a CBN ainda não definiu como serão escolhidos os atletas que representarão o Brasil (pelo regulamento dos jogos, cada país só pode inscrever dois nadadores para cada prova). De fato, ainda não se sabe como serão selecionados os atletas, embora a CBN tenha marcado para maio ou junho um torneio seletivo, visando exatamente a essa seleção.

Durante a disputa do Troféu Júlio Delamare, os treinadores ficaram sabendo que os índices obtidos no torneio também seriam computados para o selecionamento, assim como os índices do Troféu Brasil, marcado para março, no Clube Náutico Mogiano, em Mogi das Cruzes, São Paulo. E William de Lima pergunta:

— **Como poderemos preparar os atletas, sem saber em que data, ou em que**



melhor planejamento, os nadadores estabeleceram treze novas marcas do continente.

época eles terão que estar no ápice de sua forma?

Diante dessa dúvida, houve quem decidisse agir por conta própria, isto é, preparar os atletas sem levar em conta o selecionamento, mas apenas pensando na época do Pan-Americano. Foi o caso de Fernando Soragi, até há pouco tempo um dos melhores nadadores brasileiros, e hoje técnico do Náutico Mogiano. Ele decidiu não levar seus atletas para o Júlio Delamare e sim prepará-los melhor para o Troféu Brasil, que Soragi julga bem mais importante, com a participação de adultos e juvenis.

Apesar desses desencontros, Rubens Dinard de Araújo decidiu que, para efeito de selecionamento ao Pan-Americano, serão escolhidos os nadadores que obtiveram os quatro melhores tempos no Troféu Júlio Delamare. Uma parte deles começa a treinar agora, para representar o Brasil na Copa Latina, em abril, no Rio. O restante será preparado para o torneio seletivo de maio ou junho, mas a CBN ainda não decidiu como proceder à seleção. O que se sabe é que a maioria deles sairá das categorias juvenis pois, diante da crítica insistente dos técnicos à CBN, esta chegou à conclusão de que nessas categorias é que se encontram os principais valores da natação brasileira. Outra medida adotada pela CBN, já a partir do Júlio Delamare, foi determinar que cada nadador só possa competir num total de quatro modalidades diferentes, o que contribuiu para melhorar o rendimento individual.

Depois de vencer em 77 e 78, o Pinheiros conseguiu a posse definitiva do Troféu Júlio Delamare ao ganhar o torneio pela terceira vez, com uma diferença de quase 120 pontos sobre o Fluminense, segundo colocado. Nas provas de revezamento, a superioridade do Pinheiros foi absoluta, o que o ajudou bastante na contagem geral. Mas, individualmente, os maiores destaques ficaram por conta da Hebraica, que revelou Ricardo Prado, irmão da recordista brasileira Rosamaria Prado; do Náutico de Recife, com Maria de Fátima Vieira; e da Sociedade Recreativa de Ribeirão Preto, com Custódio Leite Ribeiro.

Embora tenha sido, sem dúvida, o nadador mais completo do torneio, graças aos ótimos tempos nos 100, 200 e 400 metros livres, Custódio Leite Ribeiro não foi incluído entre os atletas que receberam homenagens especiais da CBN, como responsáveis pelas melhores marcas, individualmente. Ricardo Prado e Maria de Fátima Vieira (categoria A, de 13 a 15 anos); Eric Bell, do Paulistano, e Gladys Anchieta, do Pinheiros (categoria B, de 16 a 18 anos), foram os que obtiveram as marcas mais expressivas em suas categorias. Ricardo Prado marcou o incrível tempo de 2m14s45 nos 200 metros **medley;** Maria de Fátima fez os 200 metros livres em 2m11s55; Eric Bell, nos 200 metros livres, conseguiu o tempo de 1m58s95; e Gladys Anchieta marcou 4m29s39 nos 400 metros livres.

Por sua vez, Custódio Leite Ribeiro tornou-se a grande sensação do torneio, batendo um recorde em cada dia de competição. Na sexta-feira, ele venceu a prova dos 200 metros livres com o tempo de 2m00s32; no sábado, na prova de 100 metros, marcou 55s85; e no domingo, nos 400 metros, fez 4m16s05c. Uma prova de versatilidade que Custódio tinha certeza de que conseguiria dar nesse torneio, depois de treinar com empenho durante todo o ano de 78.

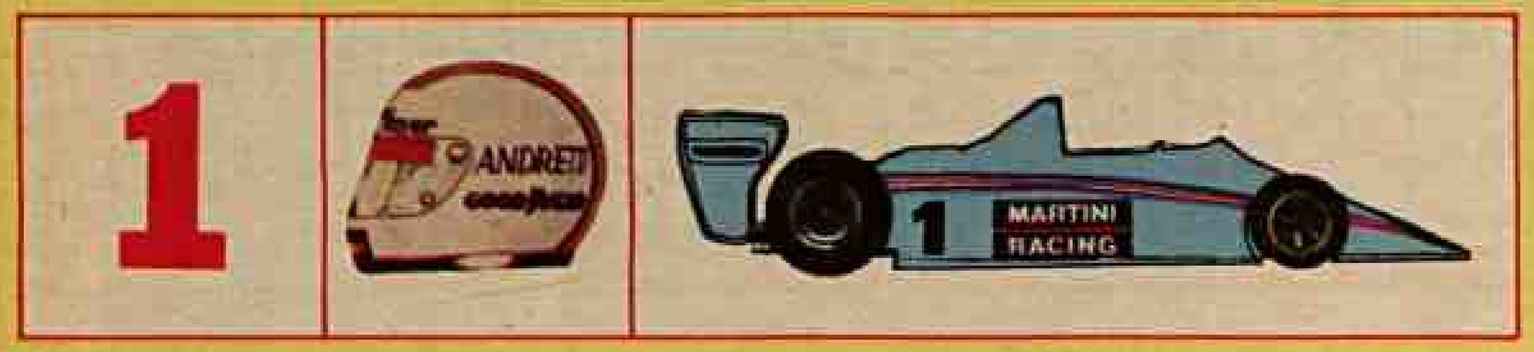
Nas competições por equipe, o Pinheiros, com suas atuações no revezamento 4x100, tanto na categoria A como na B, setor masculino, mostrou que continua com a técnica mais evoluída do país. Suas equipes bateram os recordes anteriores do troféu nas duas modalidades: 4m43s40 na categoria A (o recorde anterior era do Flamengo, com 4m47s12) e 4m08s74 na B (essa marca superou o recorde sul-americano, que pertence à equipe brasileira, com tempo de 4m09s74). Apesar de vários recordes sul-americanos terem sido quebrados, eles não serão homologados porque, pelo regulamento do Campeonato Sul-Americano, seus recordes só podem ser batidos no próprio campeonato. ■

Recordes do Troféu Júlio Delamare

200m livres, categoria A — Custódio Leite Ribeiro (Soc. Recreativa de Ribeirão Preto), 2m03s;
200m livres, cat. A — Maria de Fátima Vieira (Náutico de Recife), 2m11s55;
100m costas, B — Silvio Monteiro (Flamengo), 1m01s70;
200m medley, A — Ricardo Prado (Hebraica), 2m14s45;
Revezamento 4x10, livre, fem, B — Pinheiros, 4m12s37;
100m livres, B — Eric Bell (Paulistano), 54m05s;
100m costas, A — Ricardo Prado (Hebraica), 1m02s78;
400m livres, A — Patricia Pascarelli (Gama Filho), 4m36s49;
100m peito, B — Maria Clara Mata (Fluminense), 1m18s57;
100m livres, A — Custódio Leite Ribeiro (Soc. Rec.), 56s40;
Rev. 4x100, livres, A, fem. — Náutico de Recife, 4m16s36;
200m livres, B — Eric Bell (Paulistano), 1m54s95;
100m livres, A — Maria de Fátima Vieira (Náutico), 1m00s78;
100m costas, A — Dirce Sakai (Acel. de Londrina), 1m10s75;
400m livres, A — Custódio Leite Ribeiro, 4m16s05;
100m costas, B — Rosamaria Prado (Hebraica), 1m09s29;
100m borboleta, A — Caio Salvador Filardi (Fluminense), 58s47;
Rev. 4x100, masc. A — Flamengo, 3m57s01;
Rev. 4x100, medley, fem, A — Pinheiros, 4m43s40;
Rev. 4x100, medley, max., B — 4m08s37.

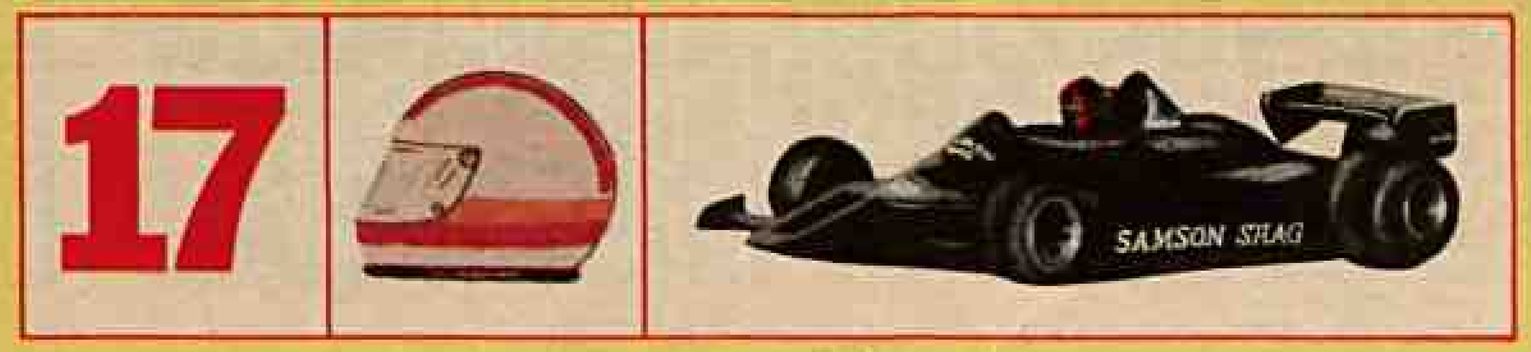
QUEM É QUEM NA FÓRMULA-1 DE 1979

LOTUS MARTINI 79 COSWORTH



● *Campeão mundial de 78 quando venceu metade das provas disputadas e acumulou 86 pontos. O primeiro piloto é Mário Andretti e o segundo o argentino Carlos Reutemann. Uma segunda equipe, dirigida por Bob Sparshot, terá mais dois Lotus 79 marrons para o mexicano Hector Rebaque e o britânico Rupert Keegan.*

SHADOW-SAMSON SHAG DN9 B — COSWORTH



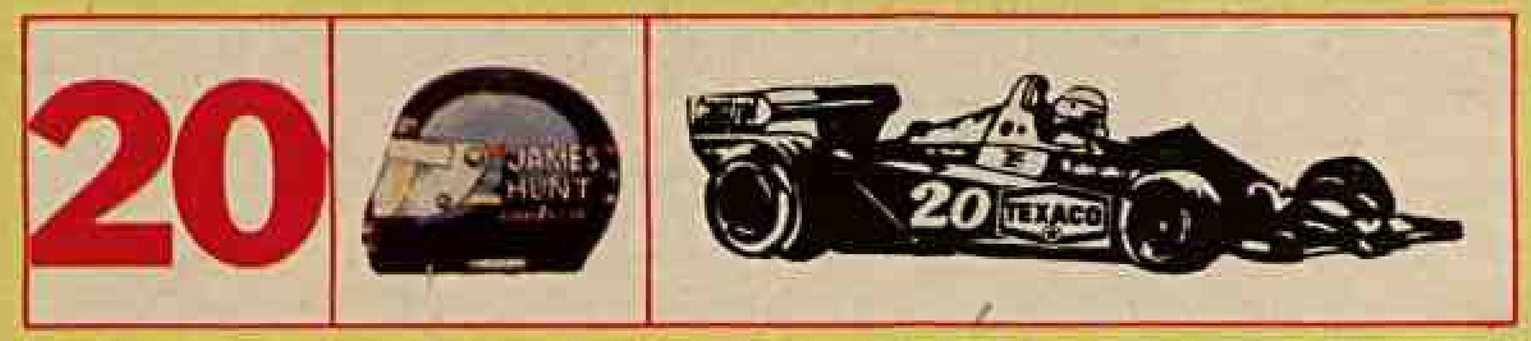
● *Os carros da Shadow conseguiram 6 pontos em 1978. Na temporada que começa na Argentina, os Shadow correrão com o holandês Jam Lammers (17) e o norte-americano Dany Ongais (18). Os pilotos do ano passado eram o suíço Clay Regazzoni e o alemão Hanz Stuck e a equipe não chegou a disputar os primeiros lugares.*

TYRRELL 009 — COSWORTH



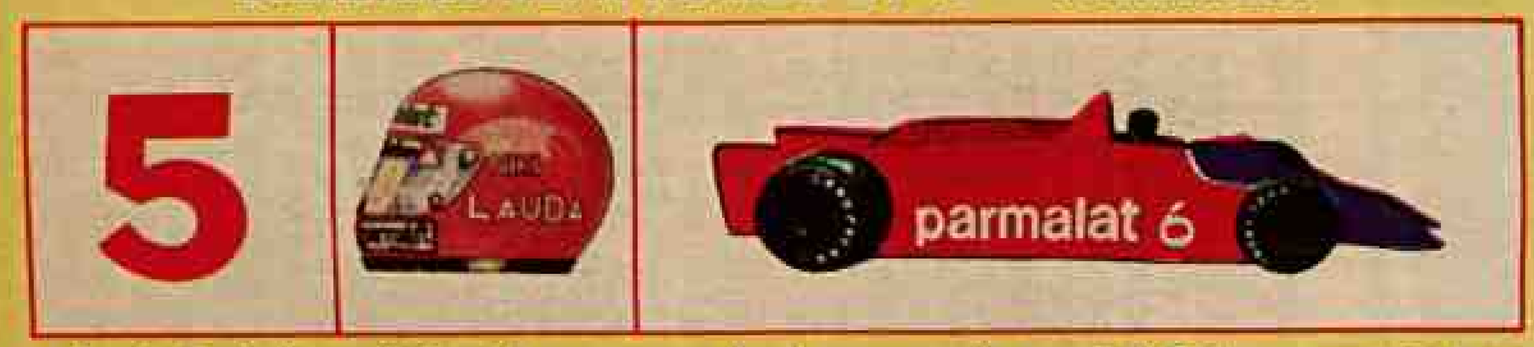
● *Os carros da Tyrrell correrão com Didier Pironi (3) e Jean Pierre Jarrier (4), ambos franceses. Ainda sem patrocínio, Ken Tyrrell, o dono da equipe, espera reencontrar com esse novo carro a intimidade que tinha com o sucesso no tempo em que contava com Jackie Stewart e François Cevert. Em 78 a Tyrrell marcou 38 pontos.*

OLYMPUS WOLF WR6 — COSWORTH



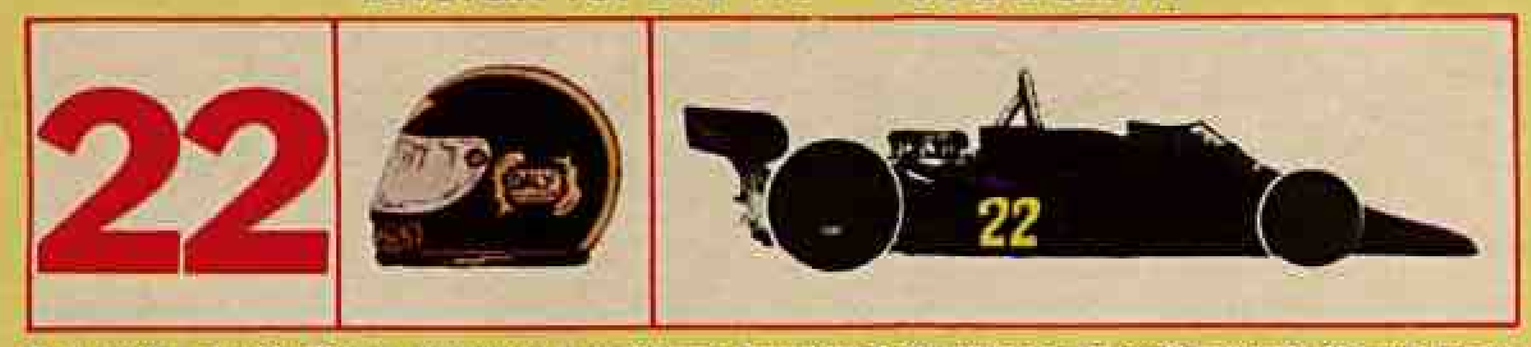
● *A Wolf contratou o inglês James Hunt para substituir o piloto Jody Scheckter, que conseguiu o primeiro lugar na estréia da marca no GP da Argentina de 1976. Hunt levou consigo o patrocínio das câmaras Olympus e o co-patrocínio da Texaco e pretende refazer a imagem de bom piloto, muito desgastada com as farras que fez nos últimos dois anos.*

BRABHAM-ALFA ROMEO BT-48 — PARMALAT



● *Bernie Ecclestone alinha dois carros no atual campeonato mundial. O do ex-campeão mundial Niki Lauda, com o número 5 e o do brasileiro Nélson Piquet (6). O carro é um dos mais revolucionários da série wing e tem o aerofólio traseiro alinhado com o topo da carroceria, com empenagens verticais descendentes. Marcou 53 pontos em 78.*

ENSIGN ICI MN 177 — COSWORTH



● *A equipe de Mo Nunn, agora com o reforço financeiro do milionário californiano Chuck Jones, terá apenas um carro nas pistas, pilotado pelo irlandês Derek Dale, reconhecido como excelente acertador de carros. Mas já começa com a desvantagem de não ser considerado cliente preferencial da Goodyear; portanto, não disporá dos compostos especiais.*

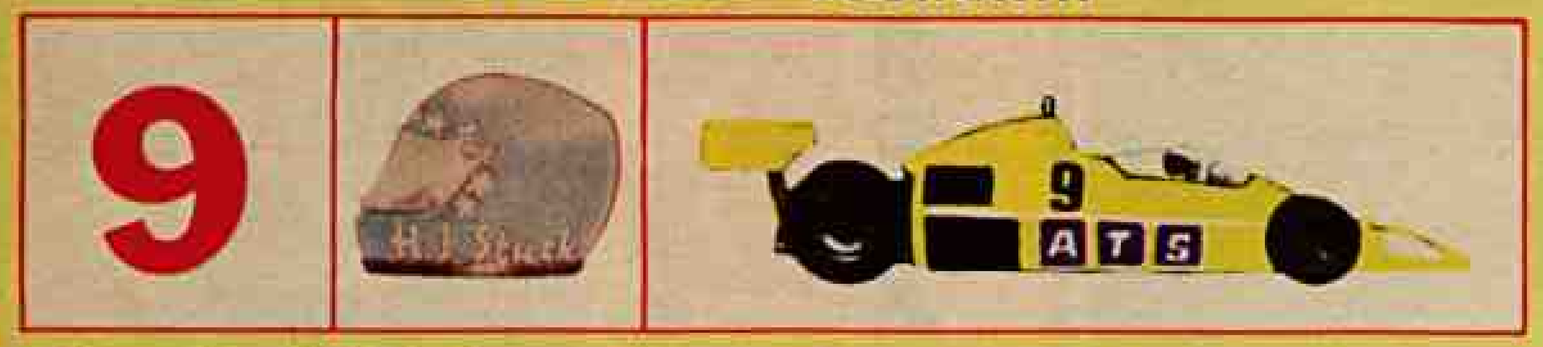
MCLAREN MARLBORO M 28 — COSWORTH

MERZÁRIO A2 — COSWORTH

● *Os novos McLaren M28 alinharão com John Watson (7) da Irlanda e o francês Patrick Tambay (8), que já era segundo piloto em 78 quando a equipe de Teddy Meyer marcou apenas 15 pontos. Watson substitui James Hunt, que se desentendeu com a equipe. Os carros são equipados com motor Ford-Cosworth e Watson é um dos pilotos mais rápidos.*

● *Arturo Merzário, piloto e construtor do único A2 nas pistas em 79, consegue manter os patrocinadores com a sua ação fora das pistas. No Rio, em 78, sambou com as mulatas da Escola Beija-Flor; em São Paulo, jogou mulheres na piscina do Hotel Hilton. Sempre com chapelão de cowboy o magriço consegue ser notícia até quando não alinha.*

ATS D1/003 — COSWORTH



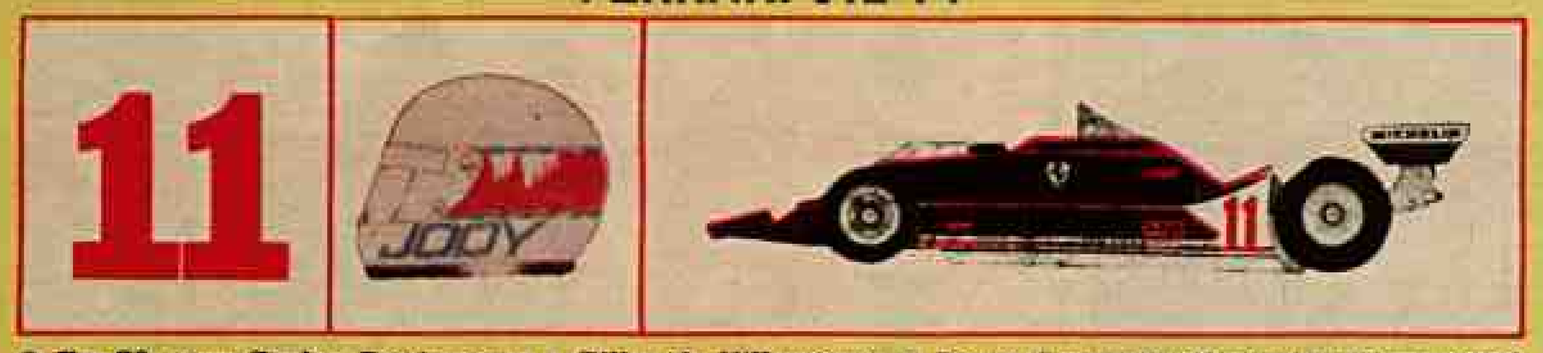
● *Apenas Hans Stuck, da Alemanha, defenderá o carro amarelo da ATS, agora também construído em forma de asa invertida. Stuck é filho de um dos mais importantes ases do automobilismo da década de trinta, o Barão Hans von Stuck, que corria na equipe Auto-Union. O atual Stuck nada tem a ver com o velho barão: é um piloto medíocre.*

LIGIER GITANES JS 11— COSWORTH



● *O novo Ligier da equipe de Gerard Ducarouge abandonou o motor Matra V12 e agora usa os menos potentes porém mais confiáveis Ford-Cosworth V8. Na temporada passada marcou, apenas com Laffite, 19 pontos. Agora, com o reforço de Patrick Depailler, que será primeiro piloto, tem suas chances melhoradas e poderá ganhar algumas provas.*

FERRARI 312 T4



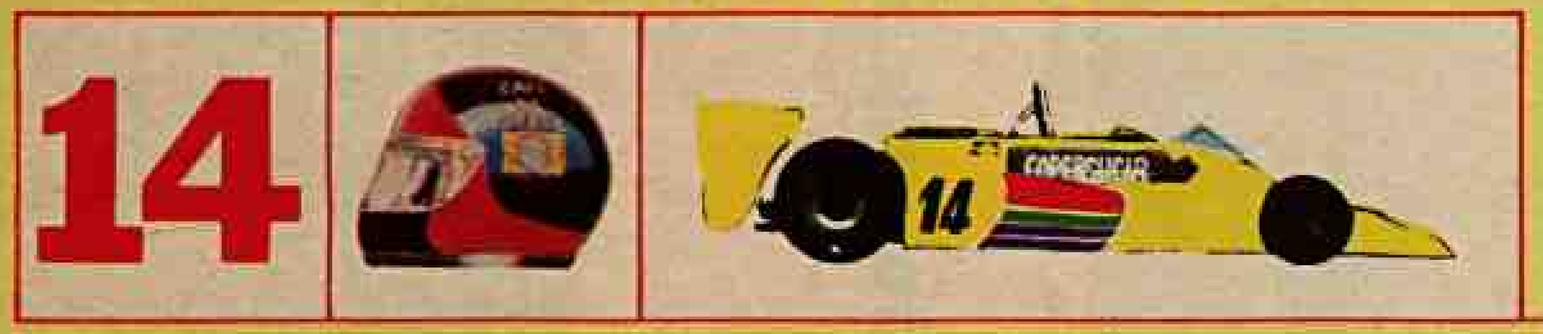
● *Em 78, com Carlos Reutemann e Gilles de Villeneuve, a Ferrari marcou 58 pontos no mundial. Em 79, com o sul-africano Jody Schcketer (11) e o mesmo Villeneuve (12) pretende voltar aos sucessos do tempo em que seu primeiro piloto era o austríaco Niki Lauda. Juntamente com o Renault, a Ferrari usa pnes Michelin radiais.*

SAUDIA WILLIAMS FW 06 — COSWORTH



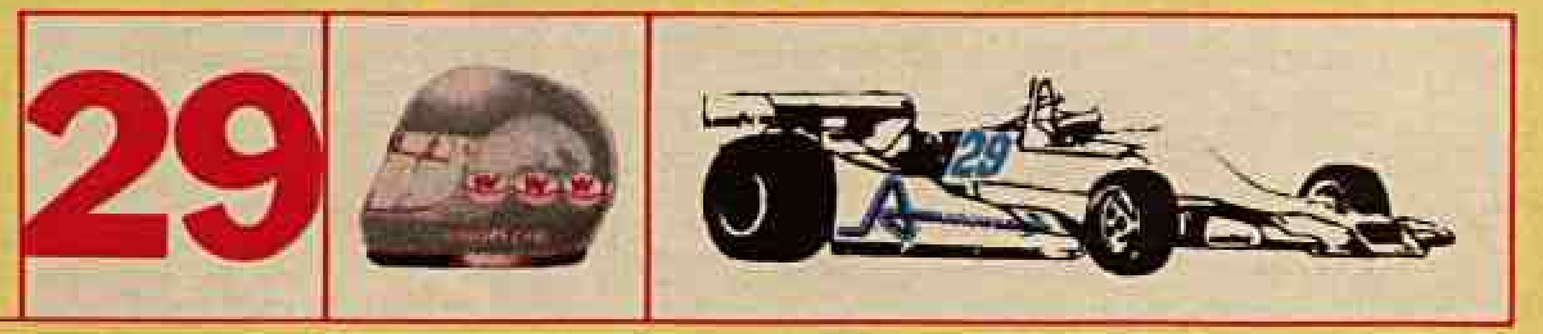
● *Com os petrodólares da empresa de aviação saudita e o talento do australiano Alan Jones, Frank Williams marcou 11 pontos no campeonato de 1978. Agora, com a ajuda nem sempre leal do suíço Clay Regazzoni (28), é possível que consiga melhores resultados, principalmente se Regazzoni conseguir bloquear os adversários sem ser desclassificado.*

COPERSUCAR F-5 E F-6 COSWORTH



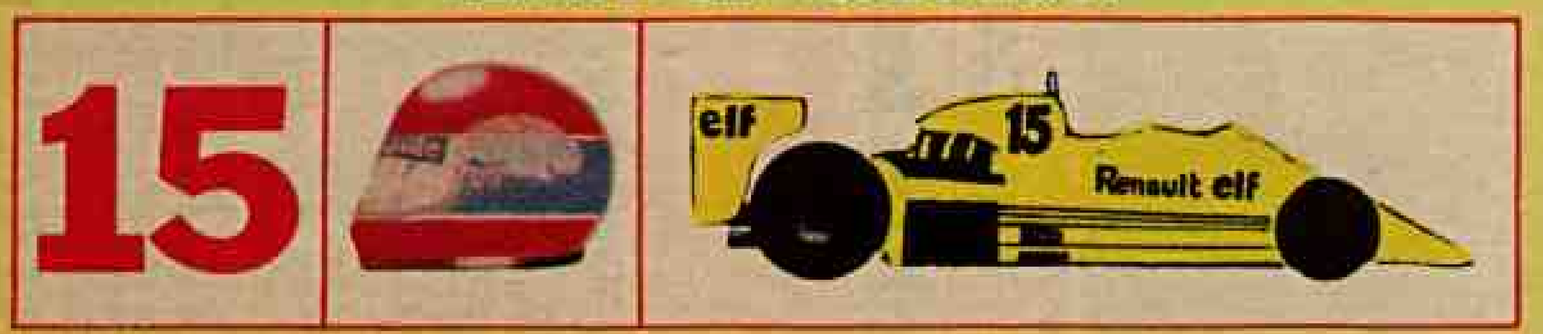
● *Correndo ainda com o F-5A na Argentina a Copersucar apresentou em São Paulo a versão F-6, com estrutura tipo colméia e forma de asa invertida com o máximo de pressão aerodinâmica sobre as rodas motrizes. Ralph Bellamy, o criador do F-6, garante que esse carro fará Emerson Fittpaldi voltar a disputar os primeiros lugares. Em 78 o F-5A fez 19 pontos.*

ARROWS — WARSTEINER AIB — COSWORTH



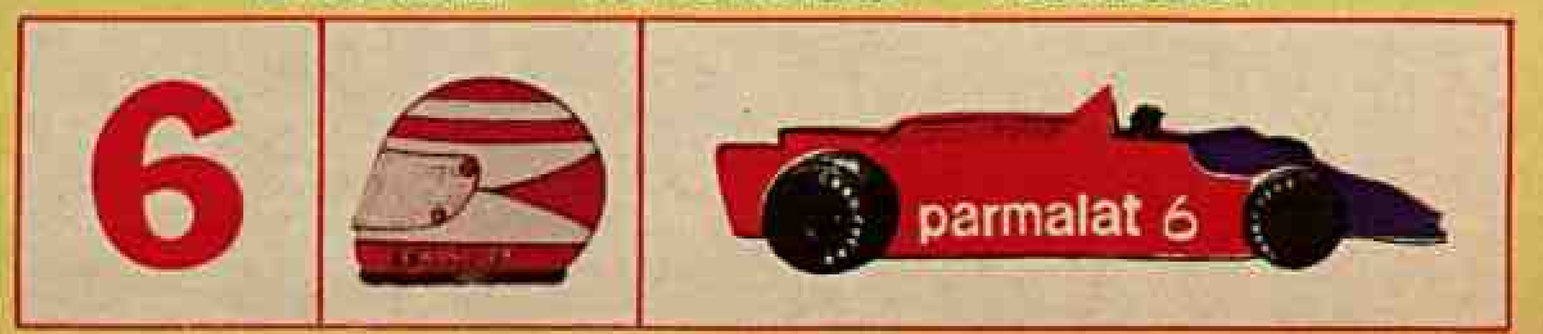
● *A Arrows, com o italiano Ricardo Patrese, conseguiu marcar 11 pontos no mundial de 78 e faturar muita publicidade negativa com o seu envolvimento no acidente que provocou a morte de Ronnie Peterson, no GP da Itália. Em 79, Patrese terá o alemão Jochem Mass como segundo piloto. Mass começou na F-1 como segundo piloto de Carlos Pace, na Surtees.*

RENAULT-ELF TURBO RS/01



● *Jean Pierre Jabouille (15) e René Arnoux (16) defenderão o Renault amarelo com o revolucionário motor de seis cilindros em V, turbo-alimentado e 1,5 litro de cilindrada. Em 78 a equipe, correndo apenas com um carro, fez 3 pontos; agora, com dois na pista, espera até vitórias e tem boas chances nos circuitos de altitude elevada.*

BRABHAM — ALFA ROMEO — PARMALAT



● *O brasileiro Nélson Piquet está ao volante do segundo carro da equipe de Ecclestone, que estréia o BT 48 no Grand-Prix da Argentina, no próximo domingo. Nelsinho fez uma campanha brilhante na Fórmula 3 inglesa de 78, conquistando o título de um dos campeonatos e o segundo lugar no outro. Fez algumas provas na Fórmula-1, já no fim da temporada.*

A torcida atleticana ainda é, sem dúvida, a mais barulhenta. Mas em matéria de arrecadações, os últimos três anos foram menos favoráveis ao

TORCIDAS

Nos tempos do Independência, a maioria atleticana era

EM MINAS O GALO NÃ

De **Marco Octávio Teodoro**

A história das torcidas mineiras se divide em duas fases: antes e depois do Mineirão. Na fase do Estádio Independência, a maior torcida, sem nenhuma contestação, era a do Atlético, seguida pela do América. A do Cruzeiro não passava de uns **gatos pingados**. Tanto que Atlético x América era o Clássico das Multidões. Jogo entre os dois era uma guerra, pois nenhuma das torcidas admitia derrota. Muitas vezes esse jogo acabou em briga. Numa delas o técnico Mário Celso de Abreu, o Marão, invadiu o campo para comemorar o gol de empate do seu time, o Atlético, no América. A polícia tentou evitar a invasão e formou-se o tumulto, com todo mundo indo parar na cadeia (também na fase do Mineirão, Marão foi outra vez parar na polícia, junto com seus jogadores, mas desta vez o clássico já era Atlético x Cruzeiro, e a briga foi ainda pior).

No tempo do Independência não havia facções de torcida. Era na base do "um por todos e todos por um". Os torcedores folclóricos apareciam mais, pois o Independência era um estádio pequeno: Belo Horizonte era uma cidade com pouco mais de um milhão de habitantes. Portanto, foi fácil identificar o **Sempre**



Nelson Aranha

Atlético do que ao Cruzeiro. Quanto ao América, durante anos a segunda torcida de Minas, hoje está relegado a um modesto terceiro lugar.

esmagadora. Depois do Mineirão, a situação mudou muito

O É MAIS ABSOLUTO

Nilson Aranha

Frederico Mendes



O advento do Mineirão eclipsou as figuras folclóricas que no passado saudiam a torcida do Atlético. Mas o entusiasmo dos adeptos do Galo, aliado a alguma imaginação, ainda faz de sua torcida uma das mais respeitadas do país.

Em dias de Atlético x Cruzeiro, o espaço atleticano ainda é bem maior

(já falecido), empregado dos Correios, mas que passou a maior parte da sua vida na porta da sede do Atlético — ou melhor, no bar da sede do Atlético. E ainda, a **Lambreta** (também falecida), perseguida pelas crianças, protegida pelos estudantes — principalmente os de engenharia —, vivia de esmolas. Mas sempre foi espetáculo à parte no dia dos grandes jogos, pelo fanatismo atleticano.

A fase do Mineirão veio mudar muito a história do futebol mineiro. Mudaram até os personagens do maior clássico dos mineiros. Agora não são mais atleticanos enfrentando americanos. São cruzeirenses enfrentando atleticanos. Os americanos desapareceram depois de várias crises dentro do clube, culminado com a quase falência do América (atualmente empenhado em recuperar a posição de prestígio que perdeu). Viraram **torcedores de pijama**, como os atleticanos os apelidaram, e mais tarde foram engrossar a torcida do Cruzeiro.

Mas como o Cruzeiro ganhou tantos adeptos? Simples: formou um time especialmente para o advento do Mineirão. Um time que colecionando títulos, ganhava mais adeptos. As crianças deixaram de acompanhar a preferência dos pais, como já era tradição, por Atlético e América, e aderiram, em grande número, ao Cruzeiro. Principalmente no interior, a bandeira do Cruzeiro foi se multiplicando, enquanto o número de atleticanos continuou estacionário. Resultado: hoje, num levantamento de três anos para cá, com base em arrecadações, a torcida do Cruzeiro mostra-se ligeiramente maior que a do Atletico. Evidentemente, os números tirados dos borderôs dos jogos (renda e público pagante) sofre também a influência do desempenho da equipe no campeonato, mas é evidente que a maioria atleticana de hoje já não é a mesma.

Tostão, Raul, Dirceu Lopes, Piazza são os culpados dessa mudança. Raul merece uma observação a mais, porque levou as mulheres para o estádio. Sua preferência pelo amarelo (ele foi o primeiro goleiro a jogar com camisa colorida) alterou até a bandeira do Cruzeiro, que deixou de ser exclusivamente azul. Ainda hoje, mesmo depois de Raul ter ido para o Flamengo, deixando centenas e centenas de **viúvas**, algumas **raulinas** conservaram o amarelo.

No Brasil, a fama de Tostão crescia e conseqüentemente, divulgava o nome do Cruzeiro, ampliando sua torcida. O **Mineirinho de Ouro**, principalmente depois da sua grande atuação ao lado de Pelé, na Copa de 70, fez com que de Norte a Sul alguém tivesse uma preferência pelo Cruzeiro.

O Atlético, com um título de Campeão Brasileiro, em 1971, conseguiu deter o avanço cruzeirense. Mas com a falta de títulos regionais, pois desde a inauguração do Mineirão só foi campeão mineiro duas únicas vezes (em 70 e em 77), continuou perdendo ponto.

Hoje, o time do Cruzeiro não tem mais as grandes estrelas. Está tentando criar novas (tarefa difícil e demorada). O Atlético, por seu lado, tem em Reinaldo a grande esperança de conquistar os futuros torcedores.

Mesmo assim, em dias de Atlético e Cruzeiro, o espaço reservado para a torcida do Atlético é maior que o do Cruzeiro. No último clássico, alguns diretores do Atlético, irresponsavelmente, incentivaram os atleticanos a tomarem até o espaço que os cruzeirenses sempre ocuparam, o que provocou mais brigas que o normal.

A torcida do Atlético é considerada popular, enquanto a do Cruzeiro é **pó de arroz**. As torcidas organizadas do Atlé-



Nélson Aranha



Nélson Aranha



1978
Renda Bruta total

1978 — Renda bruta total	Cr$
1.º — Cruzeiro	8.779.209,00
2.º — Atlético	4.400.878,00
Público pagante — Total	
1.º — Cruzeiro	412.098,00
2.º — Atlético	251.951,00
Público pagante — Capital	
1.º — Cruzeiro	386.834,00
2.º — Atlético	233.510,00
Público pagante — Interior	
1.º — Cruzeiro	25.264,00
2.º — Atlético	18.441,00

● O Atlético deixou de fornecer público pagante do jogo com o Uberaba

1977 — Renda bruta total	
1.º — Atlético	20.977.065,00
2.º — Cruzeiro	19.807.293,00
Público pagante — Total	
1.º — Atlético	613.870,00
2.º — Cruzeiro	575.523,00
Público pagante — Capital	
1.º — Atlético	568.133,00
2.º — Cruzeiro	524.532,00
Público pagante — Interior	
1.º — Cruzeiro	50.91,00
2.º — Atlético	45.737,00

1978 — Renda bruta total	
1.º — Cruzeiro	13.566.110,00
2.º — Atlético	12.475.483,00
Público pagante — Total	
1.º — Cruzeiro	391.309,00
2.º — Atlético	350.829,00
Público pagante — Capital	
1.º — Cruzeiro	335.285,00
2.º — Atlético	308.233,00
Público pagante — Interior	
1.º — Cruzeiro	56.024,00
2.º — Atlético	42.596,00

No passado, a torcida cruzeirense pouco ia além da colônia italiana que criara o Palestra Itália. Mas graças ao talento de Tostão & Cia. ela agora se atreve até a desafiar a do Atlético.

tico diariamente espalham uma nova piada a respeito da **feminilidade** dos cruzeirenses que rebatem em coro: **cachorrada.** Os americanos de antigamente eram uns **aristocratas:** hoje, além de **torcedores de pijama,** os poucos que ainda vão prestigiar o time, são chamados de **testemunhas** (pelo baixo número) ou de **cris-cris,** pelo exagero em idolatrar qualquer um que vista sua camisa e por insistir, desde o começo do ano, que será campeão da temporada.

Mas atleticanos, cruzeirenses ou americanos não são mais torcedores como **Sempre** ou **Lambreta,** que deixaram muita saudade. São torcedores de arquibancada coberta, com um fosso a separá-los do campo. Eles choram e brigam por seus clubes num estilo mais moderninho, sem folclore. ■

O meio-campo do Vasco sempre lutou por seus direitos e os dos companheiros, por isso a categoria passou a confiar nele

ZÉ MÁRIO, A DIFÍCIL DÉFESA DOS JOGADORES

de **Eduardo Lacombe** ● Fotos de **Gil Pinheiro**

— POUCOS gostam do líder. Poucos mesmo. Falta consciência às pessoas de que o sindicato não quer destruir nada, de que ele quer simplesmente apoiar a classe, servir de intermediário entre as duas partes. O sindicato não quer ir contra as empresas, pois dependemos uns dos outros para nossa sobrevivência.

A queixa é de José Mário Almeida Barros, o Zé Mário do Vasco que, aos 29 anos, foi levado à condição de líder de uma das mais famosas classes de empregados do Brasil: a do jogador de futebol.

— Muitos dizem que o líder sindical sofre represálias. Eu não tenho do que reclamar. Sempre que procuro um dirigente para fazer alguma reivindicação, sou muito bem recebido. Aqui no Vasco, por exemplo, o Dr. Agatirno me apóia muito e me dá até idéias.

A carreira de líder de Zé Mário começou quando saiu do Fluminense, no final de 1976, e se transferiu para o Vasco, envolvido no troca-troca de Francisco Horta. Ele explica que foi levado a essa condição pelo fato de sempre lutar pelo que tinha direito:

— Eu sempre lutei pelo 13.º salário e o Fundo de Garantia. Todos os empregados têm esse direito e, por isso, lutei por eles. O que aconteceu, também, é que os demais jogadores passaram a confiar em mim. Olha que não é fácil conseguir a confiança do jogador de futebol. Ele é naturalmente desconfiado. Está sempre pensando que alguém quer prejudicá-lo.

Prestes a renovar seu contrato com o Vasco, Zé Mário está afastado do time desde a Copa Brasil do ano passado, vítima de um problema no joelho esquerdo. Só agora volta aos treinos. Mas quando não está treinando, procura visitar os companheiros. E a chegada do líder da classe nos outros clubes é muito bem aceita.



"**Sempre** fui honesto na relação patrão-empregado."





"São poucos os que gostam do líder."

— Acho que os dirigentes me recebem bem pelo simples fato de que sempre fui honesto com eles. O máximo que podem dizer de mim é que não jogo nada, sou um perna-de-pau. Mas como homem, no relacionamento patrão-empregado, sempre fui honesto.

Nas visitas, Zé Mário tem procurado alertar os jogadores não só para seus direitos, mas também quanto às suas obrigações:

— O jogador mais antigo não se convence muito das coisas. Essas peladas, por exemplo. O sindicato, no máximo, pode lembrar que se um jogador sofrer uma contusão perde uma série de direitos: os clubes podem encaminhá-lo ao INAMPS, suspender o pagamento dos salários e até prorrogar o contrato durante o tempo em que o jogador estiver

Zé Mário acha que só agora os jogadores começam a se unir em torno de interesses comuns da classe

se recuperando. Mais do que isso é impossível. Nas férias, cada jogador faz o que bem entende. São maiores de idade, eu não posso fazer nada.

Mas cada vez que Zé Mário lembra os riscos de uma contusão na pelada, o jogador usa como resposta, um grande argumento, o atraso no pagamento:

— O jogador de futebol é regido pela Consolidação das Leis Trabalhistas. E na CLT está escrito que se o empregador atrasar o pagamento, não poderá exigir nada em troca. Então, chego para qualquer jogador e lembro a ele os riscos da pelada e ele diz imediatamente: "Poxa, Zé. Eu não recebo há três ou quatro meses." **Aí, toda minha lógica cai por terra. Mas os jogadores que estão começando entendem melhor esse problema.**

E os jovens têm recebido um grande apoio de Zé Mário. Recentemente, ele esteve no Fluminense para conversar com Zezé que, depois de um bom início de carreira, passou a viver grandes problemas dentro do clube:

— Eu acho que o Fluminense agiu muito mal com ele. O garoto vive numa pressão muito grande. Não é fácil. Fui lá, procurei aconselhá-lo e mostrar que ele precisava tomar uma atitude para acabar de vez com os problemas. Até o massagista o pressiona, gritando com ele durante os treinos, e ninguém toma nenhuma atitude. Isso eu vi. Ninguém me contou. Me impressionou a passividade da Comissão Técnica. Isso não pode acontecer.

Vendo muitas coisas erradas no futebol, Zé Mário, assim mesmo, prega a calma como a grande arma da classe:

— Existem coisas que só podem ser corrigidas com o tempo. São problemas muito antigos. Com calma, conversa, chegaremos à solução. Um dos problemas mais sérios e que está sendo eliminado é o do dirigente amador. Se o futebol é profissional, o dirigente também tem que ser profissional. Ele tem que dar oito horas de trabalho ao clube, da mesma maneira que nós. É uma relação de troca igual às outras. Mas isso já está se resolvendo, felizmente.

Quando o assunto mais discutido é o futebol-empresa, Zé Mário cobra uma modernização administrativa dos clubes. Mesmo reconhecendo que o clube sustenta o jogador, ele pergunta se manteriam seus patrimônios sem o futebol:

— Então, o relacionamento não pode ser desigual. O dirigente amador fez muita coisa pelo futebol brasileiro, é verdade. Hoje, somos uma potência no mundo futebolístico e esses homens muito fizeram pelo Brasil. Mas tudo na vida muda. Hoje, o dirigente tem que ser profissional, já que a carreira é profissional. Sei que muitas lutas em que o sindicato está envolvido não trarão resultados imediatos. Eu não desfrutarei delas. Mas os juvenis e os infantis desfrutarão. Por isso, vale a pena lutar por elas.

Ao viajar à Europa em 1977, quando o Vasco disputou o Ramon Carranza, Zé Mário manteve contatos com Ayala, jogador argentino, atualmente defendendo o Atlético de Madri:

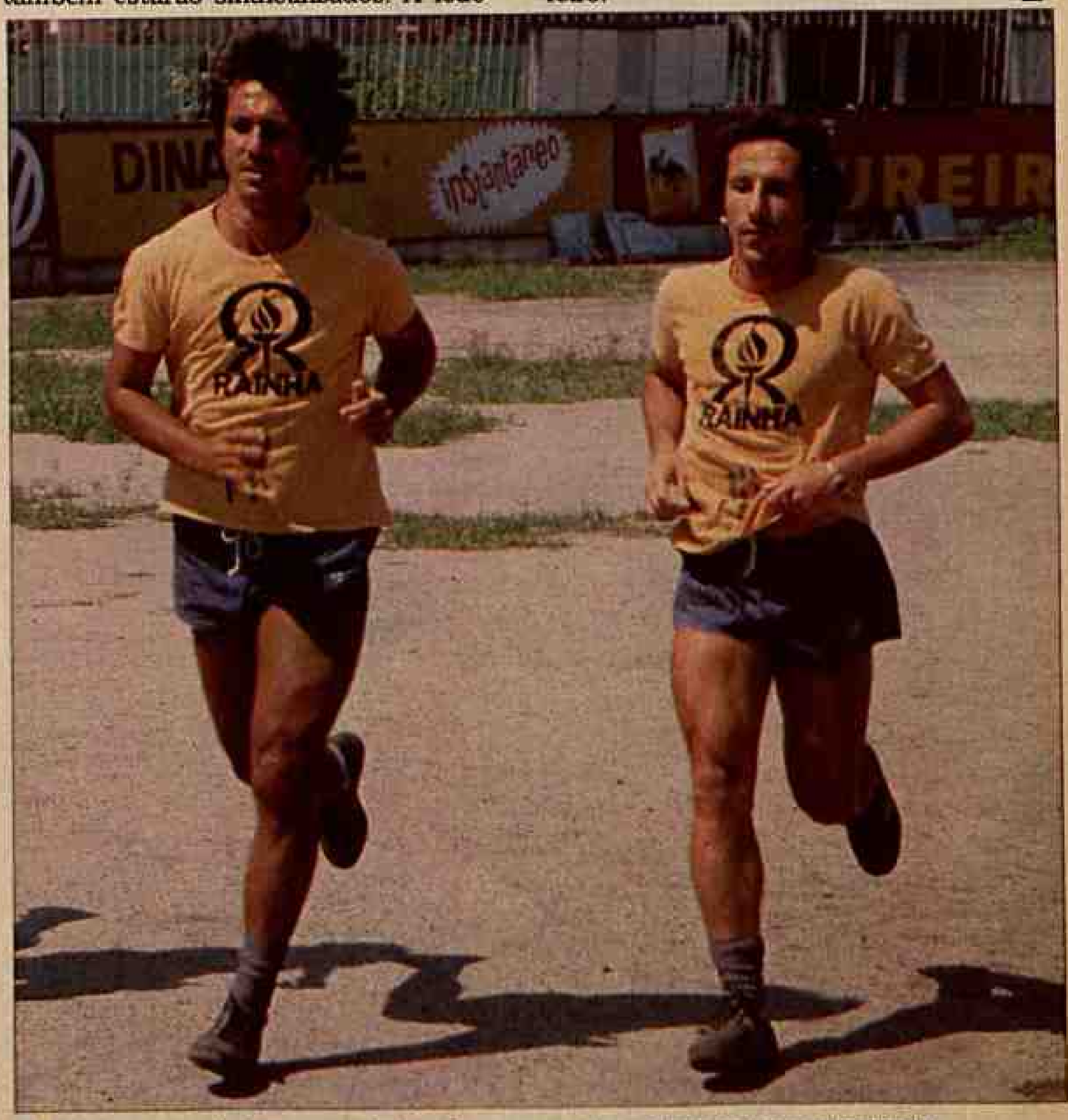
— Estive com ele e com o Leivinha. O Ayala foi dirigente do sindicato argentino e ajuda no sindicato espanhol. Conversamos e trocamos até estatutos. Mas lá, a classe já está mobilizada. Aqui estamos no início. Antes, nós éramos filiados ao Sindicato dos Empregados de Federações, Confederações e Clubes. Mas o próprio MEC nos recomendou que desvinculássemos o jogador de futebol para a formação de seu próprio sindicato. Para se transformar em sindicato, a associação de classe tem que ter dois anos de vida. Aqui no Rio, o processo já está em andamento. Além de mim, farão parte da diretoria o Zico e o Carpeggiani, do Flamengo; o Luis Alberto, do Bangu; o Ernani e o Rubens Nicola, do Olaria; o Caio, do Campo Grande e o Valinhos, do Serrano.

O maior problema encontrado pelo sindicato é o contato com os jogadores do interior. Num futuro próximo, eles também estarão sindicalizados. A federação do estado possibilitará isso. Ano passado, o campeonato de apenas 12 clubes da capital impediu esse contato.

— A AGAP (Associação de Garantia ao Atleta Profissional) está organizando quase 100 cursos profissionalizantes. E estamos ampliando a faixa de ação aos atletas dos outros esportes, não apenas o futebol. Nossa maior preocupação é impedir que o jogador, depois de encerrar sua carreira, fique em situação difícil. A carreira é muito curta e ele tem que se garantir de alguma forma.

No Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul, — continua Zé Mário — o sindicato já existe. Nos outros estados ainda se encontra em forma de associação. Sei que no Maranhão e em Goiás a coisa está muito adiantada. Até me impressionei quando soube da existência da Associação do Maranhão. Quando pelo menos cinco estados já tiverem seus sindicatos, poderemos criar a Federação dos Sindicatos de Jogadores do Brasil. O projeto já está em Brasília e creio que será enviado ao Congresso para ser aprovado.

A mobilização da classe e sua conscientização para seus problemas e direitos, numa relação mais do que direta, enfim, é o objetivo desse homem. Crítico, tranqüilo, líder de fato, ele se empolga ao falar do que é feito atualmente, desde simpósios a cursos profissionalizantes. O sindicato mostra que é uma realidade e que muito pode ajudar ao futebol brasileiro. ■



Zé Mário cumpre à risca suas obrigações, para poder reivindicar com autoridades.

CARO Roberto Dinamite. Eu nem sei como começar minha história. Sou um simples jovem, pobre, mas com uma vida tranqüila, pois, apesar da falta de dinheiro, ainda posso fazer uma das coisas importantes em minha vida: ir aos estádios apreciar o belo espetáculo proporcionado pelos jogadores brasileiros e, em especial, você, que sempre foi meu ídolo. Mas, com 18 anos e tendo que ajudar minha avó, não posso mais viver de ilusões. Por isso sabendo de seu grande espírito humanitário faço um apelo que me parece não ser tão difícil para você: desejo que meu sonho de fazer um teste no Vasco seja conseguido por seu intermédio. Por favor Roberto, me ajude. Não tenho conhecimento com pessoas que possam me dar a mão e agora abuso do fato de conhecê-lo somente dentro dos campos de futebol e nas páginas de revistas para fazer esse apelo. Espero que sua mão seja a que faltou para me encaminhar na vida, pois, embora reconheça que preciso ajudar minha avó, não aprendi a fazer outra coisa a não ser jogar futebol. E quem sabe futuramente eu não mostrarei um sorriso de felicidade, igual ao que você espelha em fotografias, ao saber que tive a sorte de ser ajudado por meu grande ídolo. Desejando tudo de bom para você, mesmo que não seja possível a apresentação no Vasco, me despeço. (Jorge Batista, Rua João Damasceno, 161, São Gonçalo, Niterói-Rio).

NR. Recebemos centenas de cartas com pedidos idênticos ao que Jorge Batista faz ao jogador Roberto Dinamite. Procurando dar atenção aos nossos leitores, sorteamos uma para que fosse encaminhada a um jogador e a de Jorge Batista foi a escolhida. Antes de publicá-la, procuramos saber de Roberto Dinamite as possibilidades de encaminhamento do leitor ao Vasco e o atacante se colocou à disposição. Agora, esperamos que Jorge Batista entre em contato com nossa redação para que seja marcado o dia do seu teste no Vasco.

Gostaríamos de saber as escalações do Clube de Regatas Vasco da Gama nos anos em que o clube conquistou campeonatos cariocas. (Cecília Guedes, Rua Maragogi, 164, Penha; João Carlos Simplício da Silva, Rua Xingu, 353/302, Freguesia, Jacarepaguá-Rio; Osório Guarnieri, Rua Presidente Vargas, 340, Bicas-MG e Manoel Joaquim de Souza, Rua da América, 45, Santo Cristo-Rio)

1923 — Nélson, Leitão e Mingote; Nicolino, Claudionor e Artur; Pascoal, Torterolli, Arlindo, Ceci e Negrito. Jogaram ainda: Adão e Cláudio.

1924 — Nélson, Leitão e Mingote; Brilhante, Claudionor e Artur; Pascoal, Torterolli, Arlindo e Fernandes. Jogaram ainda: Cláudio e Pires.

1929 — Jaguaré, Brilhante e Itália; Tinoco, Fausto e Mola; Pascoal, 84, Russinho, Mário Matos e Santana.

1934 — Rei, Domingos da Guia e Itália; Gringo, Fausto e Mola; Orlando, Almir, Gradim, Nena e Dalessandro. Jogaram ainda: Tinoco, Juca, Calocero, Leônidas da Silva, Lamana e Kuko.

1936 — Rei, Porto e Itália; Calocero, Zarzur e Marcelino Perez; Orlando, Luís de Carvalho, Feitiço, Kuto e Luna. Jogou também: Nena.

1945 — Rodrigues, Augusto e Rafanelli; Berascochéa, Eli do Amparo e Argemiro; Djalma, Lelé, Isaías, Jair e Chico. Jogou ainda: Ademir Menezes.

1947 — Barbosa, Augusto e Rafanelli; Eli, Danilo e Jorge; Djalma, Maneca, Friaça, Lelé e Chico. Jogaram ainda: Wilson, Dimas e Ismael.

1949 — Barbosa, Augusto e Sampaio; Eli, Danilo e Alfredo; Nestor, Maneca, Heleno de Freitas, Ademir Menezes e Mário. Jogaram ainda: Wilson, Laerte, Jorge, Ipojucan e Chico.

1950 — Barbosa, Augusto e Laerte; Eli, Danilo e Jorge; Alfredo, Maneca, Ademir, Ipojucan e Djair. Jogaram ainda: Wilson, Sampaio, Lima, Tesourinha e Jansen.

1952 — Barbosa, Augusto e Haroldo; Eli, Danilo e Jorge; Sabará, Maneca, Ademir, Ipojucan e Chico. Jogaram ainda: Ernâni, Herrera, Belini, Alfredo, Edmur, Vavá, Genuíno e Jansen.

1956 — Carlos Alberto, Paulinho, Belini, Orlando e Coronel; Laerte e Walter; Sabará, Livinho, Vavá e Pinga. Jogaram ainda: Hélio, Laerte, Dario, Roberto Pinto, Wilson, Ortunho, Valmir.

1958 — Miguel, Paulinho, Belini, Orlando e Coronel; Écio e Valdemar; Sabará, Almir, Roberto Pinto e Pinga. Jogaram ainda: Barbosa, Dario, Viana, Laerte, Ortunho, Rubens, Vavá, Delém, Wilson Moreira, Teotônio e Ramos.

1970 — Andrada, Fidelis, Moacir, Renê e Batista; Alcir e Bougleux; Luís Carlos, Valfrido, Silva e Gílson Nunes. Jogaram ainda: Élcio, Clóvis, Beneti, Villi, Jaílson, Eberval, Ademir, Kosilek, Ferreira e Joel.

1977 — Mazzaropi, Orlando, Abel, Geraldo e Marco Antônio; Zé Mário, Zanata e Dirceu; Wilsinho, Roberto e Paulinho. Jogaram ainda: Paulo Roberto, Luís Augusto, Fumanchu e Helinho.

Gostaria de saber o que significam as quatro letras "CCCP" na camisa da Seleção Soviética. (Ariosto Ribeiro de Carvalho, Rua B, 1129, Vila Nova, Imperatriz-MA)

No alfabeto cirílico usado pela maioria da população soviética a sigla CCCP significa, em português, União das Repúblicas Socialistas Soviéticas: URSS.

Desejo saber detalhes do jogo Seleção Brasileira x Seleção da FIFA realizado em 1968, no Brasil. Na súmula, gostaria de saber os países dos jogadores estrangeiros. (Ricardo Paradela, Rua do Riachuelo, 221/309, Centro, Rio)

O jogo foi realizado dia 6 de novembro de 1968, em comemoração ao décimo aniversário da conquista do primeiro título mundial pelo Brasil.

Local: Maracanã. Juiz: Diego di Léo (Itálo-mexicano), auxiliado por Istvan Szolts, da Hungria e Ramon Barreto, do Uruguai. Renda: Cr$ 434.998,00 com 93.634 pagantes. Resultado: Brasil 2 a 1 com gols de Rivelino, aos 4 minutos do primeiro tempo, Albert aos 34 e Tostão, aos 39 do segundo tempo.

Seleção Brasileira — Picasso, Carlos Alberto (Moreira), Jurandir, Dias e Everaldo; Gérson, Rivelino e Paulo César; Natal (Paulo Borges), Jairzinho (Tostão) e Pelé.

Seleção da FIFA — Yashin (União Soviética), Novak (Hungria), Schesternev (União Soviética), Schultz (Alemanha Ocidental) e Marzolini (Argentina); Perfumo (Argentina), Beckenbauer (Alemanha Ocidental) e Overath (Alemanha Ocidental); Amâncio (Espanha), Albert (Hungria) e Djaizic (Iugoslávia). No segundo tempo entraram: Marzukiewiscz (Uruguai), Szucs (Hungria), Metreveli (União Soviética), Pedro Rocha (Uruguai) e Farkas (Hungria).

Solicito que seja publicada a história dos jogos realizados entre as seleções Brasileira e Peruana. (Cecília Borouncle Piqui,Cahilla 11071 - Lima - 14 - Peru)

1936 — Brasil 3 x 2 (SA); **1942** — Brasil 2 x 1 (SA); **1949** — Brasil 7 x 1 (SA); **1952** — 0 x 0 (PA); **1953** — Peru 1 x 0 (SA); **1956** — Brasil 2 x 1 (SA); Brasil 1 x 0 (PA); **1957** — Brasil 1 x 0 (SA); 1 x 1(E) e Brasil 1 x 0 (E); **1959** — 2 x 2 (A); **1962** — Brasil 3 x 1 (A); **1963** — Brasil 1 x 0 (A); **1964** — Brasil 1 x 0 (SA); **1966** — Brasil 4 x 0 (A); Brasil 3 x 1 (A); **1968** — Brasil 4 x 3 (A); Brasil 4 x 0 (A); **1969** — Brasil 2 x 1 (A); Brasil 3 x 2 (A); **1970** — Brasil 4 x 2 (CM); **1975** — Peru 3 x 1 (SA); Brasil 2 x 0 (SA); **1977** — Brasil 1 x 0 (E); **1978** — Brasil 3 x 0 (A) Brasil 3 x 0 (CM) — Obs.: (A) — Amistoso; (SA) — Sul-Americano; (PA) — Pan-Americano; (E) — Eliminatória; (CM) — Copa do Mundo.

Existe uma série de informações sobre a origem dos jogadores Pita e João Paulo, do Santos Futebol Clube... (Carlos Alberto Correia, Rua Cecília Biter, 455, Vila Progresso, São Paulo-SP)

O atacante Pita começou no infantil da Portuguesa Santista e se revelou no juvenil do Santos, sob o comando de Urubatão. O ponta-esqueda João Paulo, depois de atuar no Pavunense do Rio, clube que disputa o campeonato do Departamento Autônomo, jogou no São Cristóvão e, em seguida, foi contratado pelo Santos.

Sou um dos milhares de leitores desta revista especializada e, por intermédio dela, gostaria de receber endereços de pessoas que gostam de futebol e que estejam interessadas em se corresponder com pessoas que, como eu, adoram falar de futebol. (Sílvio Luís Capaverde, Rua 24 de outubro, 1281/405, Porto Alegre-RS)

Não temos fichário de pessoas que desejam trocar correspondência sobre futebol com outros leitores, mas isso poderá ser feito através dos endereços publicados em nossa seção Cartas.

N.R.: O retrospecto da decisão do título mundial de xadrez, entre o soviético Anatoly Karpov e o dissidente soviético Victor Korchnoi, que vínhamos publicando nesta seção, a partir deste número passará a sair na seção de Xadrez, assinada por Valério Andrade.

O CRAQUE RESPONDE

LUÍS CARLOS

(Confiança)

Você acha que o Confiança vai ser tricampeão sergipano? Espera ir para o Sul em 1979? É possível conseguir uma camisa sua?
(Jeová Marcelo, A. de Mesquita — Lagarto — SE)

"Embora o Confiança não tenha conseguido se classificar para as finais do campeonato, por não haver somado pontos nas três etapas iniciais, resta ainda a esperança de o clube conquistar o quarto e último turno, partindo daí, com força total, para levantar o torneio dos vencedores, e conseqüentemente, o tricampeonato estadual. Ir para o Sul é não só o meu desejo como o de todos os jogadores do Nordeste, pois com isso podemos nos realizar profissionalmente e financeiramente. O Esporte, de Recife, está querendo me contratar, e embora veja em tal transferência uma boa chance de melhorar de vida, gostaria mesmo era de voltar ao Santos, onde comecei, ainda garoto, em 1972, nos juvenis. Infelizmente, Jeová, o clube não permite que os jogadores dêem suas camisas aos torcedores."



ZÉ MÁRIO

(Vasco da Gama)

Você acredita que um técnico de conhecimento limitado, usando somente o bom relacionamento com jogadores, pode obter sucesso?
(Vicente Primo da Silva — Santo Amaro — SP)

"O futebol no Brasil é muito fácil. Tendo bons jogadores o técnico, apenas com o bom relacionamento, pode armar um time, dando-lhe uma estrutura. A conversa com os jogadores também é fundamental na armação do time. Mas eu acho que o técnico de conhecimento limitado não vai se dar bem em todos os times, principalmente em clubes grandes, onde a inovação é sempre necessária, além de táticas modernas e muitas vitórias. Esse técnico limitado só vai se dar bem em determinados clubes, não em todos."

TIÃO

(Fluminense de Feira de Santana)

Você está satisfeito jogando pelo Fluminense? O que você espera no futuro como jogador de futebol?
(Nomildo Barreto — Jacobina — Bahia)

"Tenho pelo Fluminense, Nomildo, muita admiração, por haver começado aqui minha carreira de jogador de futebol. É claro que pretendo atuar num centro maior do que o de Feira de Santana e num clube que possa me dar uma outra projeção. Entretanto, enquanto as oportunidades não aparecem (extra-oficialmente soube que o Vitória daria ao Fluminense o zagueiro Amadeu, que já se encontra em Feira, por empréstimo, para me ter em seu elenco), vou ficando por aqui mesmo, onde tenho grandes amigos e muito cartaz junto ao público e à imprensa esportiva. Como não tenho nenhuma queixa do clube, vou levando, procurando jogar meu futebol e quem sabe despertar o interesse de algum clube que possa me pagar mais. Por enquanto vou ficando aqui mesmo procurando acertar sempre."



ZÉ MARIA

(Corintians)

Você concorda com o comentário de que o jogador paulista não tem vez na Seleção?
(Hermano Pereira da Silva — Pindoabaçu — BA)

"Olha, Hermano, eu não concordo com essa opinião, não. Acho que a situação que foi criada não condiz com a verdade. Sempre que São Paulo apresentou jogadores em condições de serem convocados eles o foram, independente de qualquer preferência clubística por parte da comissão técnica. O que eu acho é que o jogador tem que apresentar bom futebol e condições para ser convocado. Essa deve ser a preocupação básica de qualquer jogador, principalmente aquele que está em nível de Seleção."

MERICA

(Bahia)

Qual seu nome completo? Você é baiano de onde? Como está se sentindo no Bahia? Onde iniciou sua carreira?
(José Muniz de Santana — Paulo Afonso — BA)

"Meu nome é Valdomiro Lima da Silva. Sou baiano sim, caro José Muniz. Sou natural de Acupe, um distrito da cidade de Santo Amaro da Purificação, terra onde nasceram o compositor Caetano Veloso e a cantora Maria Bethânia. Caro José, apesar de estar fora do time — Baiaco é o titular da cabeça da área — não tenho qualquer queixa do Bahia, pois sempre tive um bom tratamento aqui e sempre fui muito considerado. Como profissional, iniciei minha carreira no Atlético de Alagoinhas, tendo a oportunidade de formar naquela equipe um meio de campo com o jogador Dendê, que está atualmente no Vitória. Nós fomos transferidos juntos para o Flamengo mas ele acabou voltando para a Bahia antes de mim. Acho que tive menos problemas de adaptação e consegui me firmar logo no time rubro-negro carioca, ficando por lá algum tempo. Por sinal, ainda sou atleta do time carioca e estou emprestado ao Bahia. Não sei como ficará minha situação este ano, pois vai depender do Flamengo."



PITA

(Santos)

Você acha que será convocado para a Seleção brasileira? Qual seu endereço para correspondência? Está feliz no Santos?
(José Theones Batista dos Santos — Aracaju — SE)

"Acho que é muito cedo para pensar na Seleção brasileira. O mais importante no momento é me firmar na posição dentro da equipe santista. É claro que a Seleção é o sonho de todo jogador, mas primeiro vem a experiência e isso só se adquire com o tempo. Pode escrever para Vila Belmiro mesmo. Jogar nesta equipe deixa qualquer jogador feliz. É um ambiente sensacional."

CHICO EXPLOSÃO

(Coritiba)

Onde começou a jogar? Qual seu nome completo? E seu endereço atual para , correspondência?
(Paulo César Kurkieevis — Castro — PR)

"Comecei a jogar no juvenil do Náutico, em Recife, no ano de 1971. Passei para a equipe profissional em 73 e fui campeão em 74. Eu me chamo Francisco Caraciolo Ferreira de Siqueira. Se quiser me dar o prazer de escrever, pode fazê-lo para o seguinte endereço: "Rua Ubaldino do Amaral, 37 — Sede do Coritiba FC — Curitiba, Estado do Paraná."

Faça uma pergunta a seu craque favorito. MANCHETE ESPORTIVA se encarrega de fazê-lo responder. E depois publicar.

Manchete esportiva **O CRAQUE RESPONDE**

A correspondência deve ser enviada para MANCHETE ESPORTIVA: Rua do Russell, 804, 4.º andar — 22.214 — Rio de Janeiro, RJ. Só encaminharemos aos jogadores perguntas feitas através deste cupom, devidamente preenchido.

Gostaria que o jogador ..... do .....
..... respondesse à seguinte pergunta:
.....
.....
.....
.....

Nome: .....Clube.....
Rua: .....n.º ..... apto.º .....
Cidade: .....Estado .....
Profissão: .....Idade .....

DARIO

(Atlético Mineiro)

Em que times você já jogou? Quantos gols fez em cada um?
(Mário César Cândido — Icó — CE)

"Caro Mário César, eu já joguei em muitos clubes. Para seu controle, vou enumerá-los. Primeiro foi no Campo Grande, onde comecei minha carreira. De lá fui transferido para o Atlético Mineiro, onde passei uma boa fase e acabei vindo para o Flamengo, outro clube de torcida numerosa, o que me deixou muito contente. Depois, passei um tempo no Esporte Clube Recife e acabou surgindo a chance de ir para o Internacional. Ao contrário do que muita gente afirmou na época, vivi então uma grande fase, talvez a melhor de minha carreira, jogando pelo time gaúcho. Do Internacional fui para a Ponte Preta, mas não fiquei muito tempo, vindo em seguida para o Atlético Mineiro, clube ao qual me adaptei melhor. Aqui sou muito querido por torcedores e companheiros, além dos dirigentes. No Campo Grande fui artilheiro apenas do time. Nas outras agremiações fui artilheiro não só do time como de campeonatos. Quanto ao número de gols, não tenho exatamente o total: não costumo conferir.





OSCAR

(Ponte Preta)

Qual seu número de chuteiras, sua altura e endereço para correspondência?
(Teresa Cristina Taranto — Rio de Janeiro — RJ)

"Cara Cristina, a minha chuteira é de número 41,5. Meço 1,85m e com relação ao meu endereço, se você quiser me escrever, pode usar o próprio endereço da Ponte Preta, em Campinas, que eu recebo todas as cartas endereçadas pra mim. E só posso te prometer que respondo, mas talvez leve algum tempo, porque recebo muitas cartas diariamente, certo?"

ANCHETA

(Grêmio)

Como se sente ganhando quase Cr$ 100 mil mensais parado? Por que se naturalizou brasileiro?
(Jorge Miguel de Oliveira — Vacaria — RS)

"Caro Jorge, acho que você está enganado ao comentar o meu salário. Realmente, ganho bem, mas a quantia que você citou está errada. Estou parado por causa de uma lesão durante uma partida do campeonato gaúcho. Tenho a consciência tranqüila, pois sempre defendi o Grêmio honestamente. Eu me naturalizei, para facilitar a vinda de outros estrangeiros para o Grêmio e por ser melhor pra mim."

CARPEGGIANI

(Flamengo)

Você está contente no Flamengo? Ainda sonha com a Seleção?
(César Costa Mattos — Brasília — DF)

"Caro César, sonhar com a Seleção todo mundo sonha e não adianta negar. Quem nunca participou sonha em ser convocado e quem já o foi, quer voltar a ser chamado para representar seu país. Este é o objetivo de todos os jogadores: pertencer ao escrete nacional. E eu, para não fugir à regra, ainda sonho voltar à Seleção. Estou com 29 anos e acredito que tudo vá depender única e exclusivamente de minha saúde. Eu me cuido muito fora do campo e acredito que, apesar da idade, ainda tenho condições de voltar à Seleção brasileira. Sobre o Flamengo, posso lhe adiantar que estou muito contente, pois nesse clube fiz muitas amizades e tenho ótimo ambiente. Para minha completa felicidade, só faltava um título de campeão carioca, que finalmente veio ano passado, coroando uma bela campanha do time. Sou o capitão da equipe e gosto muito da moçada que ora pertence ao rubro-negro carioca. E espero conseguir este ano o bicampeonato carioca de futebol, junto com os companheiros."





MENDONÇA

(Botafogo)

Qual o seu nome completo, idade e peso. Como se sente jogando no Botafogo?
(Ronaldo Gomes de Melo — Tavares — PB)

"Meu nome completo é Milton Cunha Mendonça. Tenho atualmente 22 anos de idade, peso 67 quilos. Bem, caro Ronaldo, sinto-me bem jogando no Botafogo, não tenho nenhum problema com o clube, nem maiores dificuldades de adaptação aos companheiros de time. Acho que está tudo bem comigo e com o Botafogo. Não tenho nenhuma reclamação do clube a fazer."

ASSIS PARAÍBA

(Esporte Clube Recife)

Qual o seu nome completo? É verdade que você vai se transferir para o Corintians? Você já foi campeão pelo Esporte?
(Marcos Santos Pinto — Recife — PE)

"Eu me chamo Francisco de Assis Silva. Não tenho qualquer proposta de nenhum clube do Brasil, pelo menos no momento. Pode ser que ainda surja alguma. Já fui campeão pelo Esporte duas vezes: foi no ano de 1975 e depois no de 1977. Vamos ver se realmente vai aparecer alguma proposta de transferência agora, em 1979. A você, Marcos, grato pela lembrança."

BATISTA

(Internacional)

Há quantos anos você joga no Internacional? Qual a sua altura e seu clube de coração?
(Rubens Santana — Bandeirantes — PR)

"Estou no Internacional já há oito anos, passei por todas as categorias, joguei em várias posições, apareci mais como jogador de meio-campo, mas atualmente estou colaborando com o técnico Cláudio Roberto Pires Duarte e ando jogando como lateral-direito. Minha altura é 1,79 e meu clube de coração, por enquanto, é o Internacional. Foi aqui no Colorado gaúcho que iniciei meus primeiros contatos com a bola e foi jogando por esse mesmo clube que acabei servindo à Seleção brasileira que disputou o Campeonato Mundial da Argentina. Mas o fato de torcer pelo Internacional não quer dizer que não possa me transferir para outro clube, pois sou jogador profissional e preciso aproveitar todas as boas chances que surgem na carreira. Os torcedores não podem esquecer que a profissão de jogador é muito rápida, num instante a gente envelhece para a prática do futebol. Temos que aproveitar ao máximo as chances quando surgem, por isso uma transferência é sempre bem vista pelo atleta."



DIRCEU

(América do México)

A torcida não acreditava em seu futebol. Agora você virou superstar. Isso é vingança sua?
(Euza Shirakawa — São Paulo — SP)

"É verdade que quando fui convocado estava muito desacreditado e, inclusive, era reserva de Rivelino, mas nunca perdi a fé e sabia que na hora do jogo era eu quem entraria. Não foi vingança não, mas foi resultado de uma enorme aplicação e vontade de vencer e calar a boca de muita gente. Acho que consegui me apresentar bem e alcançar o objetivo."

MARINHO

(Colorado)

Quantos gols você tem em todo seu tempo de Colorado e qual o gol mais bonito de sua carreira?
(Evilásio Liberato Filho — Praia Grande — SP)

"Creio que marquei uns 25 gols, mais ou menos. Não sou de guardar muito essas coisas. O mais bonito foi contra o Coritiba, que tinha o Jairo no gol. Além de marcar gol nele, que é um goleiro excepcional, foi um belo gol, que nos deu a vitória por 3 x 2, no segundo turno de 76. A bola foi lançada e como veio eu emendei, sem chance de defesa para Jairo."

LOTECA

INFORMAÇÕES TÉCNICAS SOBRE O TESTE 427

Um serviço Sport Press especial para MANCHETE ESPORTIVA

INFORMAÇÕES

● Santos x São Paulo, um dos mais tradicionais clássicos do futebol brasileiro, é o jogo de abertura e o mais importante do Teste 427.
● Além dele, compõem o teste mais cinco jogos da rodada de reabertura do segundo turno do Campeonato Paulista e sete partidas do Campeonato Brasileiro de Juvenis.
● Todos os jogos estão marcados para o domingo, dia 28. O jogo 2 — Juventus x Corintians, no Pacaembu, será realizado na parte da manhã. Os demais estão previstos para a tarde.
● Na roda paulista, dois grandes vão ao interior do estado. O Palmeiras vai a Sorocaba e a Portuguesa a Rio Preto.
● Neste teste os jogadores estarão concorrendo aos prêmios de 3 mil cruzeiros da Caixa Econômica para os autores do Gol Mais Rápido e do Último Gol.

JOGO 1

Domingo
28 de janeiro de 79

Santos x São Paulo

Estádio do Morumbi — São Paulo, SP

Retrospecto

Santos
22.11.78 — 1 x 0 Ponte Preta — C
26.11.78 — 0 x 1 Corintians — F
03.12.78 — 2 x 1 P. Santista — C
09.12.78 — 3 x 2 Juventus — F
17.12.78 — 0 x 0 Marília — C

São Paulo
26.11.78 — 0 x 2 Botafogo — F
02.12.78 — 3 x 1 Marília — C
10.12.78 — 0 x 0 Corintians — N
14.12.78 — 2 x 2 Ferroviária — C
17.12.78 — 1 x 1 Ponte Preta — F

COTAÇÕES		
1	X	2
30%	40%	30%

JOGO 2

Domingo
28 de janeiro de 79

Juventus x Corintians

Estádio do Pacaembu — São Paulo, SP

Retrospecto

Juventus
03.12.78 — 1 x 0 Ferroviária — C
06.12.78 — 0 x 0 P. Santista — F
09.12.78 — 2 x 3 Santos — C
13.12.78 — 1 x 2 XV Piracicaba — F
16.12.78 — 2 x 0 Comercial — C

Corintians
03.12.78 — 0 x 0 Botafogo — C
06.12.78 — 1 x 1 América — F
10.12.78 — 0 x 0 São Paulo — N
13.12.78 — 0 x 1 XV de Jaú — C
17.12.78 — 2 x 3 Ferroviária — F

COTAÇÕES		
1	X	2
25%	30%	45%

JOGO 3

Domingo
28 de janeiro de 79

São Bento x Palmeiras

Estádio Municipal — Sorocaba, SP

Retrospecto

São Bento
26.11.78 — 1 x 4 Juventus — C
29.11.78 — 1 x 1 Paulista — F
03.12.78 — 2 x 0 Noroeste — C
10.12.78 — 0 x 1 P. Santista — F
17.12.78 — 2 x 2 Francana — C

Palmeiras
30.11.78 — 1 x 0 Ferroviária — C
03.12.78 — 0 x 0 XV de Jaú — F
06.12.78 — 3 x 0 Paulista — C
10.12.78 — 4 x 2 Francana — C
17.12.78 — 1 x 2 P. Desportos — N

COTAÇÕES		
1	X	2
25%	30%	45%

JOGO 4

Domingo
28 de janeiro de 79

Comercial x Guarani

Estádio Francisco Palma Travassos — R. Preto, SP

Retrospecto

Comercial
26.11.78 — 0 x 0 P. Santista — F
03.12.78 — 1 x 0 América — C
06.12.78 — 0 x 0 Francana — C
10.12.78 — 3 x 1 Botafogo — N
16.12.78 — 0 x 2 Juventus — F

Guarani
03.12.78 — 1 x 1 Ponte Preta — N
06.12.78 — 2 x 0 Noroeste — F
10.12.78 — 2 x 1 XV de Jaú — C
14.12.78 — 1 x 1 Botafogo — C
17.12.78 — 1 x 0 Paulista — F

COTAÇÕES		
1	X	2
30%	30%	40%

JOGO 5

Domingo
28 de janeiro de 79

América x P. Desportos

Estádio Mário Alves de Mendonça — Rio Preto, SP

Retrospecto

América
29.11.78 — 0 x 2 Guarani — F
03.12.78 — 0 x 1 Comercial — F
06.12.78 — 1 x 1 Corintians — C
10.12.78 — 2 x 1 Ponte Preta — C
17.12.78 — 0 x 0 Noroeste — F

P. Desportos
26.11.78 — 0 x 1 Noroeste — F
03.12.78 — 0 x 1 Paulista — F
07.12.78 — 0 x 1 XV Piracicaba — C
10.12.78 — 0 x 1 Ferroviária — F
17.12.78 — 2 x 1 Palmeiras — N

COTAÇÕES		
1	X	2
30%	35%	35%

JOGO 8

Domingo
28 de janeiro de 79

Sel. Pará X Sel. Ceará

Estádio Evandro de Almeida — Belém, PA

Retrospecto

Sel. Pará
23.12.78 — 0 x 2 Amazonas — F
14.01.79 — 1 x 1 Maranhão — F

Sel. Ceará
23.12.78 — 4 x 0 Piauí — F

COTAÇÕES		
1	X	2
30%	30%	40%

JOGO 11

Domingo
28 de janeiro de 79

Sel. Sta Catarina X Sel. R. G. Sul

Retrospecto

Sel. S . Catarina
10.12.78 — 0 x 2 C. Renaux — F
15.12.78 — 0 x 1 Figueirense — N
17.12.78 — 2 x 1 C. Renaux — F
23.12.78 — 0 x 1 M. Grosso — C
30.12.78 — 0 x 3 São Paulo — F

Sel. R. G. Sul
30.12.78 — 1 x 0 Paraná

COTAÇÕES		
1	X	2
25%	30%	45%

JOGO 6

Domingo
28 de janeiro de 79

Ponte Preta x Francana

Estádio Moisés Lucarelli — Campinas, SP

Retrospecto

Ponte Preta
29.11.78 — 0 x 2 XV de Jaú — F
03.12.78 — 1 x 1 Guarani — F
10.12.78 — 1 x 2 América — F
13.12.78 — 4 x 0 Noroeste — C
17.12.78 — 1 x 1 São Paulo — C

Francana
29.11.78 — 2 x 0 Santos — C
03.12.78 — 1 x 0 XV Piracicaba — C
06.12.78 — 0 x 0 Comercial — F
09.12.78 — 2 x 4 Palmeiras — F
17.12.78 — 2 x 2 São Bento — F

COTAÇÕES		
1	X	2
45%	30%	25%

JOGO 7

Domingo
28 de janeiro de 79

Sel. Bahia X Sel. R. G. Norte

Estádio Municipal Simões Filho, BA

Retrospecto

Sel. Bahia
10.12.78 — 0 x 1 Redenção — N
17.12.78 — 1 x 2 Leônico — N
23.12.78 — 1 x 2 Alagoas — C
30.12.78 — 3 x 0 Paraíba — C
14.01.79 — 1 x 0 Sergipe — F

Sel. R. G . Norte
17.12.78 — 0 x 1 América — N
23.12.78 — 1 x 2 Sergipe — C
30.12.78 — 0 x 1 Alagoas — C
14.01.79 — 0 x 0 Pernambuco

COTAÇÕES		
1	X	2
45%	30%	25%

JOGO 9

Domingo
28 de janeiro de 79

Sel. Alagoas X Sel. Pernambuco

Estádio Rei Pelé — Maceió, AL

Retrospecto

Sel. Alagoas
19.12.78 — 2 x 0 ASA — N
23.12.78 — 2 x 1 Bahia — F
30.12.78 — 1 x 0 R. G. Norte
14.01.79 — 2 x 1 Paraíba

Pernambuco
23.12.78 — 3 x 0 Paraíba
30.12.78 — 0 x 0 Sergipe — F
14.01.79 — 0 x 0 R. G. Norte

COTAÇÕES		
1	X	2
40%	30%	30%

JOGO 10

Domingo
28 de janeiro de 79

Sel. Minas Gerais X Sel. E. Santo

Estádio Independência — Belo Horizonte, MG

Retrospecto

Sel. Minas Gerais
03.12.78 — 1 x 0 Cruzeiro — N
05.12.78 — 7 x 1 Santa Cruz — C
07.01.79 — 0 x 0 Brasília

Sel. E. Santo
07.12.78 — 2 x 1 São Mateus — N
10.12.78 — 3 x 0 Juventude — F
30.12.78 — 0 x 2 Rio de Janeiro — C

COTAÇÕES		
1	X	2
50%	25%	25%

JOGO 12

Domingo
28 de janeiro de 79

Sel. Mato Grosso X Sel. São Paulo

Estádio José Fragelli — Cuiabá, MT

Retrospecto

Sel. Mato Grosso
03.12.78 — 5 x 0 Gramado — F
23.12.78 — 1 x 0 S. Catarina — F

Sel. São Paulo
23.12.78 — 2 x 0 Paraná
30.12.78 — 3 x 0 S. Catarina

COTAÇÕES		
1	X	2
30%	30%	40%

JOGO 13

Domingo
28 de janeiro de 79

Sel. Rio de Janeiro X Sel. Goiás

Estádio Caio Martins — Niterói, RJ

Retrospecto

Sel. Rio de Janeiro
23.12.78 — 5 x 0 Federal
30.12.78 — 2 x 0 Espírito Santo
14.01.79 — 3 x 0 América — Saquarema

Sel. Goiás
23.12.78 — 6 x 3 E. Santo — C
10.01.79 — 5 x 0 Guianás — N

COTAÇÕES		
1	X	2
50%	25%	25%

TABELA DE APOSTAS

DUPLOS	TRIPLOS	N.º DE APOSTAS	VALOR
1	—	2	Cr$ 10,00
—	1	3	Cr$ 15,00
2	—	4	Cr$ 20,00
1	1	6	Cr$ 30,00
3	—	8	Cr$ 40,00
—	2	9	Cr$ 45,00
2	1	12	Cr$ 60,00
4	—	16	Cr$ 80,00
1	2	18	Cr$ 90,00
3	1	24	Cr$ 120,00
—	3	27	Cr$ 135,00
5	—	32	Cr$ 160,00
2	2	36	Cr$ 180,00
4	1	48	Cr$ 240,00
1	3	54	Cr$ 270,00
6	—	64	Cr$ 320,00
3	2	72	Cr$ 360,00
—	4	81	Cr$ 405,00
5	1	96	Cr$ 480,00
2	3	108	Cr$ 540,00
7	—	128	Cr$ 640,00
4	2	144	Cr$ 720,00
1	4	162	Cr$ 810,00
6	1	192	Cr$ 960,00
3	3	216	Cr$ 1.080,00
—	5	243	Cr$ 1.215,00
8	—	258	Cr$ 1.280,00
5	2	288	Cr$ 1.440,00
2	4	324	Cr$ 1.620,00
7	1	384	Cr$ 1.920,00
4	3	432	Cr$ 2.160,00
1	5	486	Cr$ 2.430,00
9	—	512	Cr$ 2.560,00
6	2	576	Cr$ 2.880,00
3	4	648	Cr$ 3.240,00
—	6	729	Cr$ 3.645,00
8	1	768	Cr$ 3.840,00
5	3	864	Cr$ 4.320,00
2	5	972	Cr$ 4.860,00
10	—	1.024	Cr$ 5.120,00
7	2	1.152	Cr$ 5.760,00
4	4	1.296	Cr$ 6.480,00

Valor de cada aposta ..... Cr$ 5,00
Jogo mínimo — 2 apostas — (1 duplo) ..... Cr$ 10,00
Jogo máximo — 1.296 apostas (4 duplos e 4 triplos) ..... Cr$ 6.480,00

ZEBRAS

	1		X		2		D	T
1		Santos/SP		S. Paulo/SP		1		
2		Juventus/SP		Corintians/SP		2		
3		S. Bento/SP		Palmeiras/SP		3		
4		Comercial/SP		Guarani/SP		4		
5		América/SP		P. Desportes/SP		5		
6		Ponte Preta/SP		Francana/SP		6		
7		Sel. Bahia/Juv		Sel. R. G. Norte/Juv		7		
8		Sel. Pará/Juv		Sel. Ceará/Juv		8		
9		Sel. Alagoas/Juv		Sel. Pernambuco/Juv		9		
10		Sel. M. Gerais/Juv		Sel. E. Santo/Juv		10		
11		Sel. S. Catarina/Juv		Sel. R.G. Sul/Juv		11		
12		Sel. M. Grosso/Juv		Sel. S. Paulo/Juv		12		
13		Sel. Rio/Juv		Sel. Goiás/Juv		13		

TORNEIO PE-PB

Quando um cartola tem boa idéia não consegue colocá-la em prática

ATÉ que o cartola Genival Leal de Menezes, presidente da Federação Paraibana de Futebol, teve uma boa idéia, a de realizar, em fevereiro, um Torneio Pernambuco-Paraíba de Futebol. Chegou até a se entender e a ganhar o apoio do todo-poderoso Rubem Moreira, presidente da FPF e vice-presidente da CBD para o Nordeste. Mas, como sempre acontece entre cartolas, tudo não passou das idéias. Menezes não fez sequer um planejamento básico da competição, que reuniria o Botafogo de João Pessoa; o Treze e o Campinense, de Campina Grande; o Esporte, Santa Cruz e Náutico, de Recife.

Como o Santa Cruz fará uma excursão pela Europa e África, a promoção morreu ao nascer, porque um torneio sem o campeão pernambucano seria um fracasso. **(Germano Ramalho)**

CAMPINA GRANDE (PB)

Radialista assume o comando do Treze e promete ser campeão

DEPOIS que o jornalista João Saldanha **topou** dirigir a Seleção brasileira e a classificou para a Copa do Mundo de 70, a crônica esportiva desinibiu-se e alguns resolveram passar da teoria à prática. Só que o exemplo não foi muito bem seguido e uns poucos acabaram se tornando verdadeiros cartolas. Este, no entanto, não parece ser o caso do locutor esportivo Clélio Soares — nome de destaque nas Rádios Borborema e Caturité — que assumiu o cargo de supervisor do Treze, de Campina Grande (PB). E ele chegou com promessas:

— Faremos um grande trabalho e, especialmente, buscaremos motivar a torcida do Treze, a maior da cidade. Não somos campeões há 12 anos e, daqui a pouco, vão chamar o time de "o Corintians do Nordeste".

Os cartolas, realmente, confiam no trabalho de Soares. Prova disso é que seu nome também estava na cogitação do Campinense, mas o Treze chegou primeiro. **(Germano Ramalho)**

CONTROVÉRSIA

Saída dos Aflitos para a Macaxeira não é bem aceita por torcedores

O presidente do Náutico, João de Deus Ribeiro, tomou uma decisão que está causando a maior polêmica e dividindo a opinião de associados e torcedores do clube: quer transferir o futebol, do Estádio dos Aflitos, para a Macaxeira, a 15 quilômetros de Recife, onde o Náutico possui um terreno de 56 hec-

Jornal do Commercio



Diretoria do Náutico foi visitar a área na Macaxeira, onde pretende construir novo campo.

tares. O plano do dirigente é construir nessa área um campo para treinamento e uma moderna concentração e transformar o Estádio dos Aflitos, inaugurado em 1926 e, atualmente, com capacidade para 30 mil espectadores, em área de lazer e atividades amadorísticas.

— Lá na Macaxeira, afirma o presidente, **teremos condições de oferecer o melhor aos jogadores. E aqui nos Aflitos, ampliaremos os setores amador e social. Gastaremos uns Cr$ 800 mil e cremos que, dentro de oito meses, o futebol do Náutico já estará na nova área.**

O plano agradou a Flávio de Barros Carvalho, presidente perpétuo do clube e homem da última palavra nas grandes decisões, e recebeu o mais veemente protesto de Zé Carlos, chefe da torcida do Náutico e ex-associado, expulso pela atual diretoria. A aprovação de Eládio foi feita com alguma reserva:

— Se é bom para o Náutico, tudo certo. Agora, só espero que façam mesmo o que estão prometendo na Macaxeira.

A oposição de Zé Carlos é incisiva:

— Quem não se lembra que, em 1974, sem a aprovação do Conselho Deliberativo, o presidente João de Deus autorizou a venda do Departamento de Caça e Pesca do Náutico, localizado no município do Cabo, por apenas Cr$ 900 mil? Ninguém esquece que esse patrimônio vale hoje, quatro anos depois daquela operação danosa ao patrimônio do clube, mais de Cr$ 14 milhões. E tem mais, o caso está na Justiça, em ação promovida por conselheiros que ficaram revoltados com tudo isso. Essa história da Macaxeira é para levar o associado a esquecer a venda do Caça e Pesca. É uma jogada antecipada do João de Deus, visando às eleições de dezembro deste ano, quando todos os sócios em dia terão direito a voto. (Robson Sampaio)

SONHO

José do Egito, juiz da Paraíba, quer apitar um Fla-Flu no Maracanã

JOSÉ do Egito, um jovem árbitro de Campina Grande, não esconde seu entusiasmo por ter passado alguns dias no Rio de Janeiro. E ele tem razão, pois, na **cidade grande**, foi muito bem recebido por Arnaldo César Coelho — juiz da FIFA — e ainda apitou um amistoso entre as equipes do **Jornal dos Sports** e de diretores do Madureira.

— Fiquei muito feliz com o apoio que eu, um iniciante, recebi do Arnaldo. Além disso, ele me prometeu mandar aqui para a gente de Campina Grande os estatutos da futura Associação dos Árbitros de Futebol do Rio, para que possamos fundar a nossa.

A viagem fez muito bem ao jovem Egito, que voltou à Paraíba com muitos planos na cabeça.

— A partir de agora vou me aperfeiçoar ainda mais na profissão. Quero apitar um Fla-Flu em pleno Maracanã. Aí sim, me sentirei um grande juiz. (Germano Ramalho)

TROCA DE COMANDO

Juan Perez, goleiro de muitos títulos, será o treinador do Náutico

A escolha de Juan Perez para ser o técnico do Náutico nesta temporada apenas confirma a política da diretoria, que pretende realizar um trabalho de renovação, aproveitando os juvenis e os valores da região. Ex-goleiro, nascido na cidade de Conceição, no Paraguai, em 1938, Perez era o assistente técnico de Danilo Alvim, no ano passado, além de exercer as funções de treinador de goleiros e supervisor.

Como goleiro, Juan Perez tem um currículo invejável: começou em 58, no Guarani, no Paraguai; em 62 foi campeão pelo Olímpico (Paraguai); em 64, pelo Colon Santa Fé (Argentina); em 65, pelo San Lorenzo de Almagro (Argentina); em 66, pelo Deportivo Galicia (Venezuela); em 67, 68 e 69, pelo Palmeiras, respectivamente, campeão paulista, do Torneio Roberto Gomes Pedrosa e Brasileiro; em 70, pelo Guarani, na Taça dos Invictos; em 72, no Esporte Clube Recife, onde encerrou a carreira, foi bicampeão como técnico dos juvenis; e em 75 e 77, no mesmo clube, como supervisor do Campeão Pernambucano. **(Robson Sampaio)**

ZELO

Zagueiro do Santa Cruz, sem contrato, tira sono de diretor do clube

O Superintendente do Santa Cruz, Edgar Campos, uma figura benquista pela imprensa, contou uma história que bem mostra seu grande zelo pelo clube. Acordou de madrugada pensando nos jogadores que poderiam estar sem contrato e, quando constatou que o zagueiro Lula era o único sem vínculo com o clube, perdeu o sono.

— Comecei a pensar no trabalho que tinha pela frente e não dormi mais. Mas, no dia seguinte, resolvemos o problema do Lula. Junto com a diretoria, providenciamos logo a assinatura do contrato.

Feliz do clube que tem um dirigente tão responsável. **(R.S.)**

PERNAMBUCO

Dirigente é técnico e olheiro e diz que vai formar um supertime

ÁLVARO Fernandes assumiu todos os poderes no América, uma das forças intermediárias do futebol pernambucano: é vice-presidente e representante do clube na Federação, diretor de futebol, olheiro de jogadores nos subúrbios da capital e no Interior e, ainda, orientador técnico da equipe, enquanto não aparece um técnico. E este supercartola tem profecias a fazer:

— Em 1980, o América será o campeão de Pernambuco, e eu serei o presidente do clube. Não estou brincando não, e digo mais: vou formar um supertime, com jogadores revelados no próprio América, num trabalho de aproveitamento da prata da casa. Lembram-se que em 69 o Santa Cruz foi campeão com uma garotada revelada pelo Gradim, e chegou ao pentacampeonato? Assim será o meu trabalho. (Robson Sampaio)

NEGÓCIOS À PARTE

Amigo e ex-auxiliar de Duque, Edinho não irá levá-lo para o Esporte

QUANDO o nome do preparador físico Edson Nogueira, o Edinho, foi anunciado como o novo supervisor do Esporte Clube Recife, todos logo supuseram que o técnico do time para esta temporada seria Davi Ferreira, o Duque. Além de grandes amigos, os dois conquistaram títulos expressivos no futebol pernambucano, dirigindo o Esporte, o Santa Cruz e o Náutico. Mas o substituto de Hilton Chaves no comando da equipe não será Duque, mas Vail Mota.

— Somos grandes amigos, eu e o Duque, mas isso não quer dizer que tenhamos de trabalhar sempre juntos, explicou Edinho. **Vamos organizar a casa, ouvir o treinador Vail Mota e sermos campeões. Isso mesmo, o Esporte vai ser o campeão de 79. Podem escrever.**

No ano passado, Edinho esteve, como preparador físico, no Náutico, ao lado de Danilo Alvim, mas não foi feliz: o clube acabou vice-campeão, depois de uma de suas piores campanhas no futebol pernambucano. Quanto a suas previsões para o Esporte, todos a encaram com ceticismo, pois o clube já decidiu não fazer grandes investimentos, contando apenas com jogadores promovidos dos juvenis e alguns que estavam emprestados e não foram negociados. **(Robson Sampaio)**

Jornal do Commercio



Edinho diz que vai ser campeão de 1979.

TAPETÃO

Presidente renuncia e CBD intervém mais uma vez na entidade baiana

COAGIDO pelo Vitória, que ameaçou não disputar o Campeonato Baiano de 1979, caso ele se mantivesse na presidência da Federação, o empresário e radialista França Teixeira renunciou ao cargo menos de 48 horas depois de ter assumido. Teixeira venceu o candidato à reeleição, Raimundo Viana, por 48 votos contra 38. Na verdade não havia necessidade de renúncia, pois, antes mesmo de França Teixeira pensar em abandonar o barco, o presidente Heleno Nunes, da CBD, já anunciava, no Rio, seu desejo de anular as eleições da FBF. Ele as considerava ilegais pelo fato de ter sido utilizado o ultrapassado voto plural.

Para que a crise não se alastrasse com a renúncia do presidente e a provável impugnação do pleito, a CBD decretou, mais uma vez, intervenção no futebol baiano. Bernardo Spector, futuro Secretário do Trabalho e do Bem-estar Social do Estado, foi designado para colocar ordem nas coisas e promover novas eleições para a presidência da entidade, dentro de 30 a 40 dias. **(Antônio Matos)**

CONCORRÊNCIA

Jogador e advogado, Zé Roberto quer disputar posição com Joãozinho

ZÉ Roberto, ponta-esquerda do Santa Cruz, desde 1977, quando veio do Flamengo, é um dos **doutores** da bola em Pernambuco, formado que é em advocacia. Ele, que teve também uma passagem pelo Fluminense do Rio, era um dos mais descontraídos na reapresentação dos jogadores do Santa Cruz, após o período de férias.

— Eu não sou reserva não, meu filho — explicava a um repórter. **Quando Joãozinho chegou aqui no Santa Cruz, eu estava suspenso e logo depois me machuquei. Tive problemas no tornozelo e nos meniscos e fui obrigado a operar. Portanto, passei seis meses parado e o Joãozinho entrou no meu lugar.**

Zé Roberto respondia em tom de gozação. Dizia ainda que tem contrato com o Santa Cruz até junho e, até lá vai disputar com Joãozinho, um dos ídolos do time, para ver quem será o dono da camisa 11. O jogador explicou também por que não exerce a profissão de advogado:

— A gente vai jogando, jogando e gostando disso tudo. E aí fica muito difícil de largar, principalmente para mim, que jogo futebol mais como diversão do que como profissão. (R.S.)

SELEÇÃO PERNAMBUCANA

Coordenador acusa o técnico de teimoso e deixa equipe juvenil

— DEIXO a Seleção Amadora porque o treinador Cidinho é muito teimoso. Alertei-o para os erros, junto com o supervisor Gradim, mas ele não escuta ninguém. Então, não tenho mais clima para trabalhar.

As palavras e a atitude do coordenador Valdomiro Silva agravaram a crise que envolve a Seleção Pernambucana de Juvenis, diante de sua péssima campanha no Campeonato Brasileiro. Ex-técnico do Santa Cruz, quando mais jovem, e conselheiro do clube, atualmente, Valdomiro não gostou da falta de atenção do técnico aos conselhos que vinha dando, desde a convocação da Seleção.

Cidinho, que parece imune às críticas, foi lacônico diante da renúncia:

— Só tenho a lamentar a saída de Valdomiro. Sei que tenho capacidade para definir quem deve ou não jogar. Temos sido infelizes em alguns jogos, só isso.

Na verdade, a Seleção Pernambucana de Juvenis atua dentro de um esquema tático muito criticado e, fora de campo, vive às voltas com problemas disciplinares. Muitos preferiam Gradim como técnico do que como supervisor e uma outra corrente desejava o treinador Batista, do Esporte, no comando da Seleção. **(R.S.)**

VESTIBULAR DO FUTEBOL

Coordenação de **Antônio Roberto Arruda**

1 — A partir de 1950 foram disputados 29 campeonatos cariocas no Estádio do Maracanã. Flamengo e Fluminense foram os clubes que conseguiram mais títulos com o total de...
a — sete campeonatos ( )
b — oito campeonatos ( )
c — nove campeonatos ( )

2 — O Campeonato Brasileiro de Seleções profissionais foi disputado 25 vezes a partir de 1923 e o Estado que conseguiu mais títulos — 13 — foi...
a — São Paulo ( )
b — Rio Grande do Sul ( )
c — Rio de Janeiro ( )

3 — O atacante Alcino, contratado pela Portuguesa de Desportos ao Remo de Belém, começou a jogar no...
a — América ( )
b — Madureira ( )
c — Bonsucesso ( )

4 — A invencibilidade de 52 jogos que era mantida pelo Botafogo foi quebrada com uma derrota para o Grêmio por...
a — 3 a 0 ( )
b — 4 a 0 ( )
c — 1 a 0 ( )

5 — Na campanha de 52 jogos invictos a equipe do Botafogo marcou 88 gols e sofreu...
a — 18 gols ( )
b — 24 gols ( )
c — 12 gols ( )

6 — O Guarani de Campinas chegou ao título brasileiro de 1978 com o retrospecto de 32 jogos, dos quais venceu 20 e sofreu...
a — 12 derrotas ( )
b — 8 derrotas ( )
c — 4 derrotas ( )

7 — O atacante, na saída de jogo, chuta direto a gol. O goleiro, ao tentar a defesa, acaba jogando a bola na meta. O juiz marca...
a — nova saída ( )
b — gol ( )
c — bola ao chão ( )

8 — O atacante vai em direção ao gol. O bandeirinha acusa uma irregularidade. A defesa adversária pára e o atacante chuta a gol. O juiz marca...
a — gol ( )
b — bola ao chão ( )
c — tiro indireto ( )

9 — Roberto Dinamite estreou como titular do Vasco em 1972, contra o Bahia, tendo como treinador...
a — Zizinho ( )
b — Ademir Menezes ( )
c — Admildo Chirol ( )

10 — A Seleção Brasileira decidiu o título da Taça das Nações, em 1965, no Quarto Centenário do Rio de Janeiro, e foi derrotada por...
a — Argentina ( )
b — Portugal ( )
c — Inglaterra ( )

11 — Já na Taça Independência, em 1972, no Sesquicentenário da Independência do Brasil, a seleção conquistou o título vencendo...
a — Inglaterra ( )
b — Argentina ( )
c — Portugal ( )

12 — O ponta-esquerda João Paulo, do Santos, começou sua carreira no Rio de Janeiro jogando no...
a — Olaria ( )
b — Bonsucesso ( )
c — São Cristóvão ( )

13 — Botafogo, América Mineiro, Coritiba, Santa Cruz, Grêmio, Hercílio Luz e São Paulo foram campeões regionais juntos no ano de...
a — 1957 ( )
b — 1961 ( )
c — 1962 ( )

GABARITO

1(B), 2(C), 3(B), 4(A), 5(B), 6(C), 7(B), 8(A), 9(C), 10(A), 11(C), 12(C), 13(A)

AVALIAÇÃO

Cobra (13 pontos), Titular (11 pontos), Regra-Três (9 pontos), Juvenil (7 pontos), Dente-de-Leite (5 pontos), Perna-de-Pau (menos de 5 pontos)

XADREZ/VALÉRIO DE ANDRADE

A IDADE DE OURO — 3

Londres: 1858

AO chegar em Londres, em 1858, Paul Morphy tinha apenas 21 anos e já era campeão dos Estados Unidos. Filho de uma família de enxadristas, nasceu em Nova Orleans a 22 de junho de 1837 e começou a jogar aos dez anos, estimulado pelo pai e um tio, Ernest, que desfrutava de prestígio nas rodas enxadrísticas da região. Aos doze anos, Morphy foi saudado como menino-prodígio.

Em 1857, ganhou o Campeonato Nacional, realizado em Nova Iorque, ao vencer, sucessivamente, os mais fortes concorrentes: Thompson (3 x 0); Meek (3 x 0); Lichtenhein (3,5 x 0,5). No match final, contra o fortíssimo William Paulsen, o jovem Morphy ganhou cinco partidas, perdeu uma e empatou duas.

No ano seguinte, embarcou para a Europa, chegando a Liverpool a 21 de junho, indo em seguida para Londres, onde jogaria com os maiores jogadores da Inglaterra.

Na partida que se segue, contra Henry E. Bird, então com 28 anos, Morphy executa um brilhante e inesperado sacrifício de Torre, no 17º lance, assumindo a iniciativa e deslocando, para o outro lado do tabuleiro, a batalha que, até então, vinha sendo travada na ala do Rei. Depois de obrigar o adversário a sacrificar a Dama, Morphy, jogando com precisão matemática, obtém decisiva vantagem material, com uma combinação de xeques de Dama.

Brancas:		Pretas:
Bird		**Morphy**
1. P4R	—	P4R
2. C3BR	—	P3D
3. P4D	—	P4BR
4. C3B	—	PxPR
5. CDxP	—	P4D
6. C3C	—	P5R
7. C5R	—	C3BR
8. B5CR	—	B3D
9. C5T	—	O-O
10. D2D	—	D1R
11. P4CR	—	CxP
12. CxC	—	DxC
13. C5R	—	C3B
14. B2R	—	D6T
15. CxC	—	PxC
16. B3R	—	T1C
17. O-O-O	—	TxPB!!
18. BxT	—	D6T!!
19. P3B	—	DxPT
20. P4C	—	D8Txq
21. R2B	—	D5Txq
22. R2C	—	BxPC!
23. PxB	—	TxPxq
24. DxT	—	DxDxq
25. R2B	—	P6R!
26. BxP	—	B4Pxq
27. T3D	—	D5Bxq
28. R2D	—	D7Txq
29. R1D	—	D8Cxq
30. **Abandonam**		

Campeonato Mundial 1978

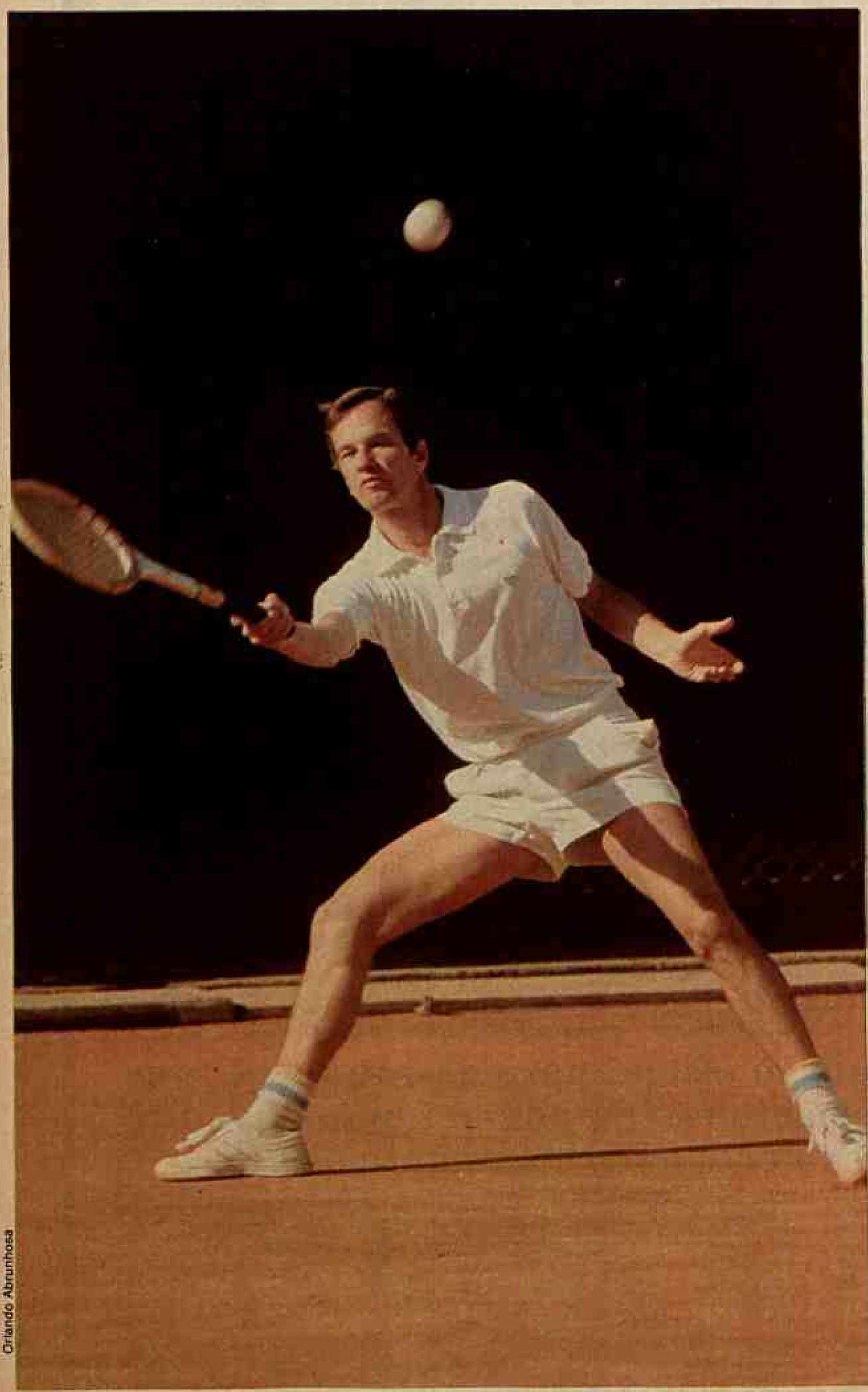
A partir deste número, as partidas de Karpov x Korchnoi pelo título mundial, que estavam sendo publicadas na seção **Cartas**, serão editadas nesta coluna.

Partida n.º 13

Brancas:		Pretas:
Korchnoi		**Karpov**
1. P4BD	—	C3BR
2. C3BD	—	P3R
3. C3B	—	P4D
4. P4D	—	B2R
5. B5C	—	P3TR
6. B4T	—	0—0
7. T1B	—	P3CD
8. BxC	—	BxB
9. PxP	—	PxP
10. P3CR	—	P3B
11. B2C	—	B4B
12. 0—0	—	D3D
13. P3R	—	C2D
14. C1R	—	TR1R
15. C3D	—	P3C
16. C4B	—	B2C
17. P4CR	—	B3R
18. P3TR	—	C1B
19. CxB	—	CxC
20. D3D	—	TD1D
21. T2B	—	C2B
22. C4T	—	D2D
23. P3C	—	T3R
24. C3B	—	T3D
25. P4C	—	B1B
26. C2R	—	P4CD
27. D3C	—	C1T
28. P4TD	—	PxP
29. DxPT	—	C3C
30. D3C	—	T1C
31. C4B	—	C5B
32. D4T	—	P4BR
33. PxP	—	DxP
34. DxP	—	TxP
35. T2T	—	D1B
36. T1B	—	T2C
37. D4T	—	T2BR
38. TxC	—	PxT
39. DxP5B	—	D4B
40. C3D	—	B2C

Neste ponto a partida foi suspensa, ficando o lance secreto com as Brancas.

41. T7T	—	T3-3B
42. TxT	—	TxT
43. P5D	—	B4R
44. PxP	—	R2C
45. B4R	—	D4C xq
46. R1B	—	B3D
47. B5D	—	T2R
48. B3B	—	P4T
49. B1D	—	D4BR
50. R2R	—	T5R
51. D3B xq	—	D3B
52. D3C	—	D4B
53. D7C xq	—	T2R
54. D2C xq	—	R2T
55. D4D	—	B2B
56. D4TR?	—	T5R!
57. P4B	—	B3C
58. B2B	—	TxP xq
59. R2D	—	D4T xq
60. R1D	—	D8R xq
61. R2D	—	T5R
62. **Abandonam**		



Orlando Abrunhosa



Orlando Abrunhosa

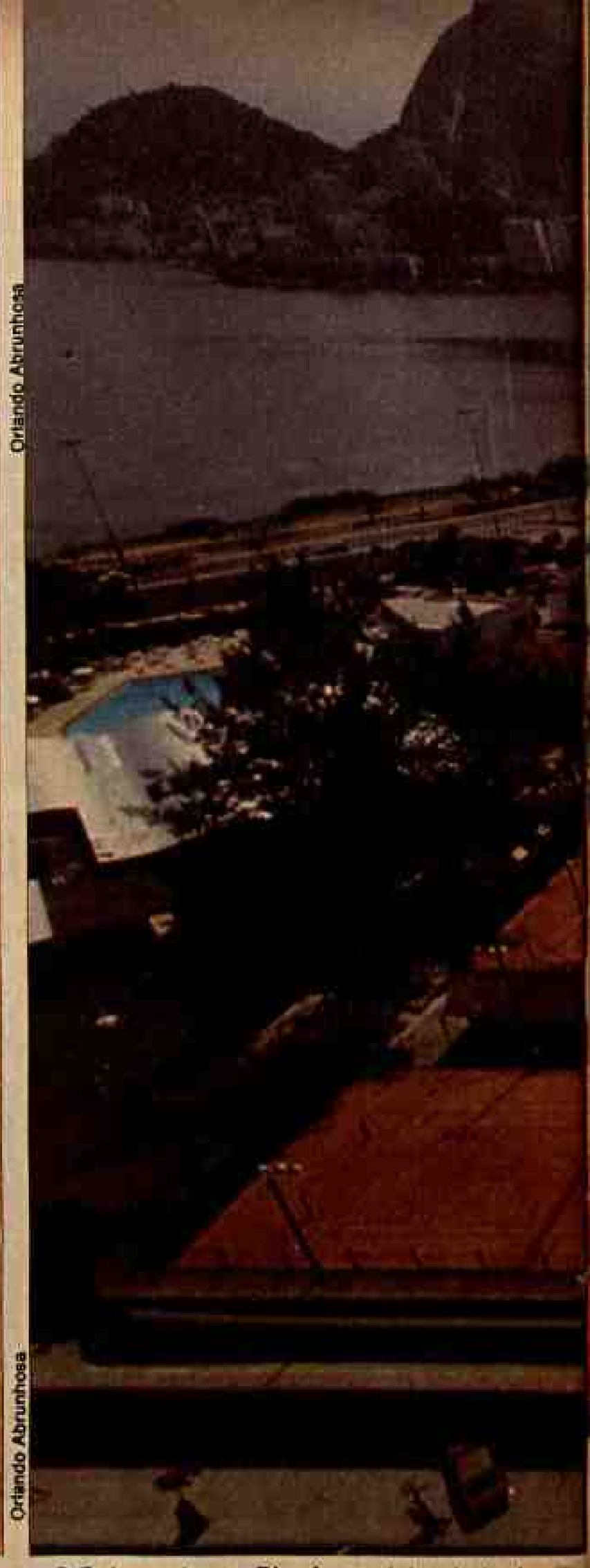
José Inácio Werneck mostra agora as armas ideais do tenista

A BOA RAQUETE É A QUE SE ADAPTA MELHOR AO SEU JOGO

NO Brasil, atualmente, já se produzem raquetes de boa qualidade, e elas são armas fundamentais para a vitória. Mas as importadas estão em maioria nas mãos dos tenistas que levam o jogo mais a sério. O mais importante, no entanto, é saber escolher a raquete ideal, que se adapte melhor e seja mais maleável a seu tipo de jogo. As de madeira são as mais usadas, seguidas das de metal. As de fibra, mais caras, não se fabricam no país, e pouco aparecem nas quadras brasileiras. O tenista não deve se deixar levar apenas pela boa marca da raquete. O encordoamento — com cordas de náilon ou tripa de carneiro, em geral — deve ser (foto acima) feito com atenção. Para tenistas de fundo de quadra — como Jorge Paulo Lemann. — cordas com menor tensão. Para os que jogam na rede, cordas bem esticadas.



As quadras de saibro do Fluminense são muito concorridas, mas exclusivamente pelos sócios.



O Paissandu, no Rio, é um clube de ingleses.

Não existe um padrão oficial para as raquetes, mas a Federação Internacional, há pouco tempo, proibiu as muito grandes ou com encordoamento duplo.

NÃO se pode jogar tênis sem raquete, mas os inventores ou codificadores do jogo esqueceram-se de estabelecer regras sobre a mesma, o que levou e ainda leva a uma enorme proliferação de modelos. Teoricamente você pode jogar com o que lhe parecer mais eficiente— até um tacape ou uma prancha de madeira. Na prática, a eficiência levou às raquetes encordoadas e a Federação Internacional de Tênis intervém em casos onde lhe parece haver pouca esportividade, como na conhecida raquete **spaghetti** que, ao menos por enquanto, encontra-se banida. Ela é encordoada de tal modo que se torna impossível ao adversário prever em que direção vai a bola.

Mas não há restrições ao tamanho das raquetes, o que levou ao aparecimento dos modelos **oversized**, na pressuposição de que você tem uma superfície maior onde acertar a bola. Conheço alguns jogadores cuja dificuldade é exatamente esta: acertar na bola. Os modelos **oversized** melhoram muito suas possibilidades de devolver a bola à quadra adversária.

O material mais empregado para a raquete — ou, melhor dizendo, a moldura da raquete — ainda é a madeira. Os motivos são diversos, havendo quem sustente que a madeira dá mais flexibilidade e direção, e há também o importante aspecto econômico, pois a madeira é mais barata. Mesmo nos Estados Unidos, as raquetes de madeira ainda detêm 60% das vendas no mercado e esta percentagem torna-se maior se considerarmos as raquetes feitas de compostos em que a madeira é um dos elementos.

A questão da flexibilidade das raquetes é muito importante, pois algumas das mais novas, mais modernas e mais bonitas, como as de grafite, são feitas propositadamente rígidas, para servir aos jogadores de mais técnica e de mais força. Elas vibram menos, mantêm-se firmes mesmo quando a bola bate fora de seu centro, mas, em compensação, transmitem todo o impacto ao seu braço. Este sim vai vibrar, e esta vibração, atingindo os músculos e juntas, pode causar o maior inimigo dos jogadores de tênis, principalmente o neófito —

exclusivo de tênis. São 10 quadras de saibro e uma verdadeira multidão de aficionados, que jogam das 7 da manhã às 11 da noite.



Orlando Abrunhosa

José Aguero, chileno de 70 anos, é treinador de tênis do Country Club do Rio de Janeiro. Centenas de tenistas já passaram e ainda passam por suas orientações. Entre eles, muitos campeões, como Jorge Paulo Lemann, atual campeão carioca.

o **tennis elbow**, ou cotovelo de tenista. O juiz Arnaldo César Coelho, tenista entusiasta, teve um caso de **tennis elbow** tão sério no ano passado que não conseguia sequer tomar um copo d'água ou atender ao telefone com a mão direita, tal a dor que sentia. Uma ocasião, depois de uma partida de futebol, falei com ele:

— Ô Arnaldo, você deveria ter dado um cartão àquele jogador. Por que não deu?

— E eu lá tinha forças para tirar o cartão do bolso?

A vantagem do grafite — uma fibra de carbono muito leve e muito forte — é justamente o pouquíssimo peso. Mas as raquetes de grafite são também as mais caras, por volta dos 200 e até 230 dólares (preço que no Brasil ainda é mais inflacionado pela dificuldade de obtenção) e só deveriam ser usadas por jogadores de categoria, pois só eles estão em condições de aproveitar o seu potencial.

Se você não chega a ser um craque (e, convenhamos, craques de tênis no Brasil

Só o equipamento não dá jogo a ninguém. Não pense que é um Borg, por ter raquete igual à dele

são mais escassos do que craques de futebol nos Estados Unidos), pode ao menos parecer um jogador tão elegante e eficiente usando uma raquete de fibra de vidro ou de metal do que qualquer outro com uma de grafite. E pela metade do preço. Neste caso, por exemplo, estão os modelos Head, inclusive o conhecido como Garcia John Newcombe, feito de uma liga de alumínio com titânio.

E finalmente há os compostos. Madeira com grafite, grafite com fibra de vidro, fibra de vidro com madeira, madeira com alumínio. Talvez o ideal seja mesmo começar com madeira, passar depois a um composto de madeira e só mais tarde chegar aos modelos mais ambiciosos. Converse com o professor de seu clube ou da quadra onde você toma aulas, mas não vá simplesmente atrás do primeiro que esteja querendo ter lucro às suas custas. Se alguém começar a falar em modelo preferido do Bjorn Borg, responda com muita sensatez:

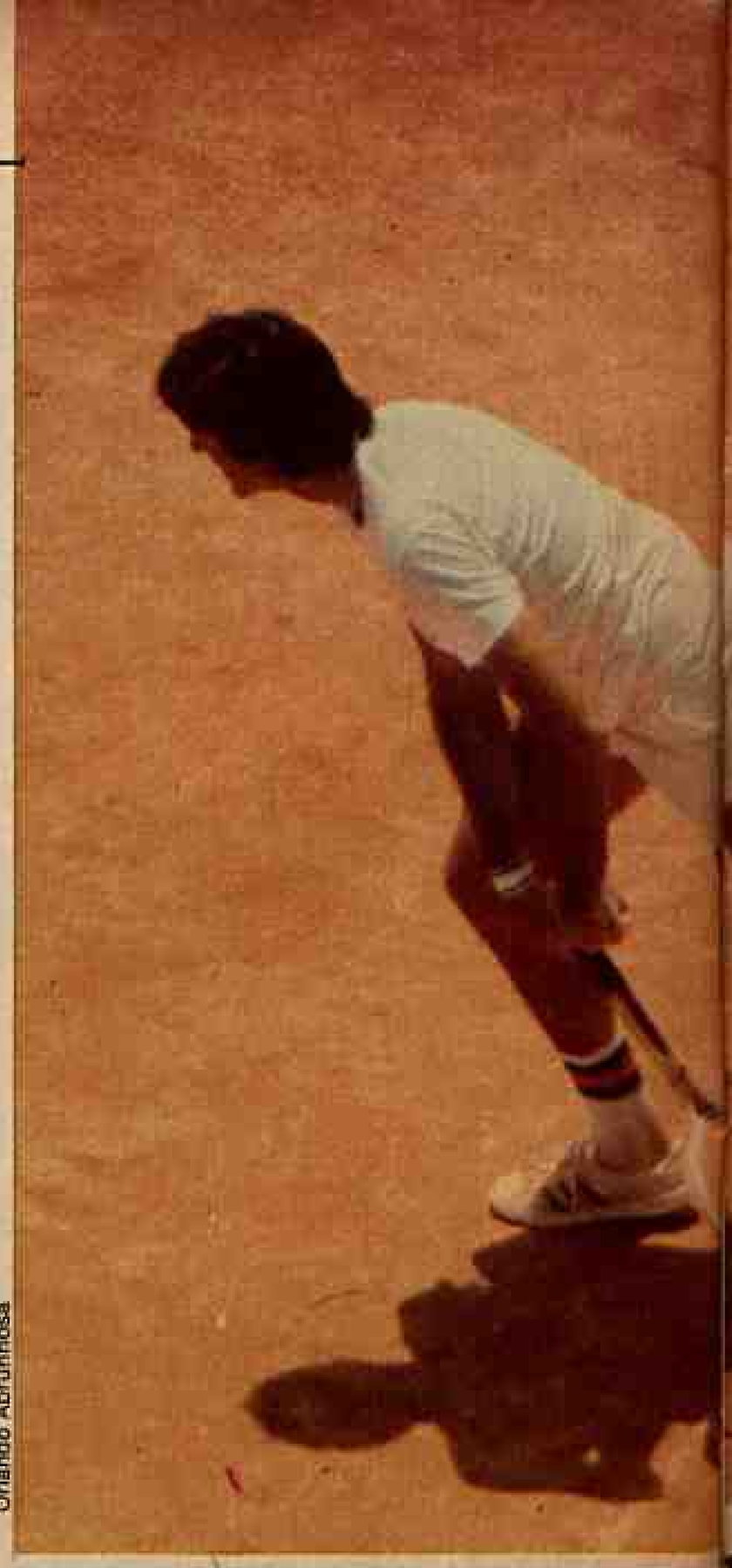
— Mas eu não sou o Bjorn Borg.

Pelé, afinal, aprendeu futebol descalço.

Quando e por que começou a mania de jogar tênis? É fácil responder que foi uma exportação cultural norte-americana mas até aí morreu o Neves (em curtas atividades não se incluía o tênis) e afinal esta exportação verificou-se para o mundo todo e não só para o Brasil. Verificou-se até para a União Soviética ou, para sermos mais atuais verificou-se até para a China, onde há milhões a desferir raquetadas em quadras por todo o país. E não é de espantar, pois se um por cento de chineses resolve praticar determinado esporte, só aí já temos dez milhões de pessoas.

O fato é que mesmo nos Estados Unidos a mania do tênis é um fenômeno recente. Mesmo lá e mesmo na Inglaterra, onde a prática se divulgou e codificou, o tênis era um esporte elitista. Praticado, paradoxalmente, pelos dois extremos da sociedade: o chamado **beautiful people**, que precisava encher suas horas vagas, e os humildes garotos, os boleiros, que ganhavam alguns trocados nos clubes **bem** fazendo o que os ricos não se dignavam a fazer: abaixar-se para pegar as bolas no chão. Alguns dos mais famosos jogadores do mundo, como Pancho Segura, Pancho Gonzales, começaram sua vida como boleiros. Eles ficavam lá trabalhando nas aulas dos ricos, ouvindo o que os professores falavam, e, depois, quando o sol do meio-dia batia forte e ninguém tinha coragem de entrar na quadra, eles iam bater sua bolinha. Descalços mesmo e com qualquer raquete — especialmente aquelas que estavam encostadas para concerto. Por isto é que eu digo que não será o grafite que vai transformá-lo em um Jimmy Connors.

Mas há coisa de dez anos verificou-se o



Orlando Abrunhosa

Alguns segredos para melhorar o jogo

AS duas jogadas básicas do tênis são o forehand *(conhecido como* direita *no Brasil) e o* backhand, *por nós chamado de* esquerda. *A denominação brasileira é confusa, pois, para um jogador canhoto, seu lado esquerdo na verdade está fazendo a jogada* direita *e vice-versa.*

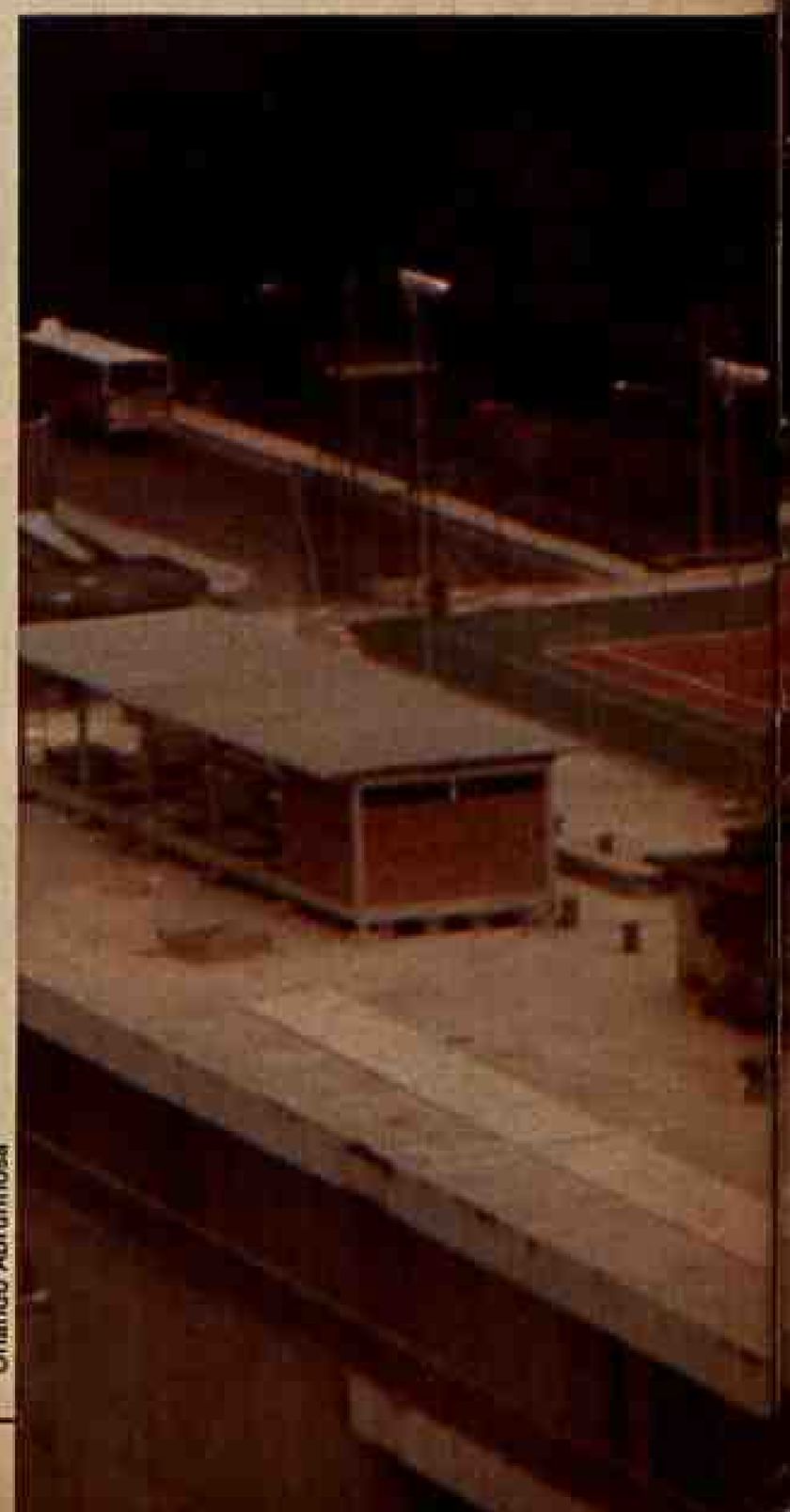
O forehand *ou* direita *é a primeira jogada, o passo inicial que você aprende. Ela é feita com a palma da mão voltada para a frente. Por isto, os jogadores destros, que são a maioria, estão jogando de seu lado* direito.

O backhand, *ou* esquerda, *é mais difícil de assimilar, mas há jogadores, como Jimmy Connors, que acabam por fazer dele o ponto forte de seu arsenal. O caso de Jimmy Connors é ainda mais curioso, pois ele contraria as regras de estilo e bate o seu* backhand *empunhando a raquete com as duas mãos, vício que adquiriu porque começou a aprender tênis tão criança (com quatro anos) que não tinha forças para segurá-la com uma mão só. O mesmo foi o caso de Pancho Segura, ou Segura Cano, cujo apelido vem de seu estilo de jogo.*

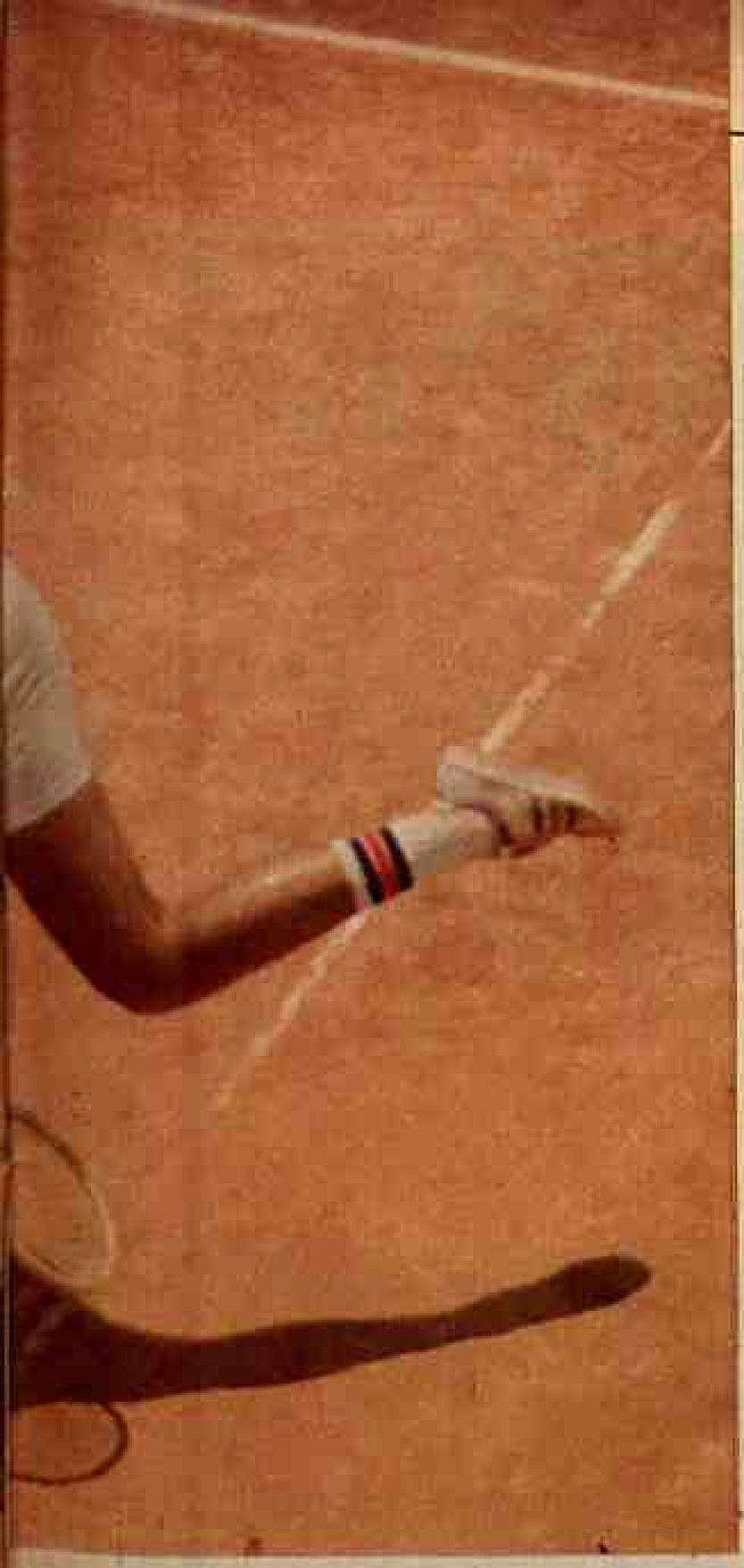
Há ainda o overhead, *a bola acima de sua cabeça, que você utiliza obrigatoriamente no saque, para lhe dar melhor ângulo e mais força, e na cortada, para ganhar um ponto do adversário. No Brasil não se diz cortar, mas* smashar. *Durma-se com um barulho desses.*

Quando você tiver aprendido tudo isto, vai saber que há duas maneiras de bater na bola: o voleio, quando você não a deixa tocar em seu lado da quadra, e o groundstroke, *quando você a rebate depois dela quicar uma vez (mais de uma vez não vale). O voleio é mais difícil, pois exige agressividade e coragem de sua parte para subir à rede e interceptar a jogada do adversário. O* groundstroke *lhe permite um jogo mais cauteloso, de fundo de quadra. Há jogadores que chegaram à fama e à forma basicamente com um estilo de fundo de quadra, como Guillermo Vilas.*

Essas são as maneiras de bater na bola. Os efeitos e as manhas você vai aprender depois.



Orlando Abrunhosa





Orlando Abrunhosa

Fernando Gentil (à esquerda), um dos melhores tenistas brasileiros, sabe que o jogo deve ser desenvolvido de acordo com o piso da quadra. Nas de saibro a bola é lenta, enquanto nas de asfalto, como as do Hotel Intercontinental (acima) ou Nacional (abaixo), o jogo se torna bem mais rápido. Com o desenvolvimento do tênis no Brasil, o número de quadras se multiplicou e nos hotéis de luxo elas são indispensáveis, por exigência dos próprios hóspedes. Essas quadras estão também à disposição do público, mediante pagamento de aluguel.

início da explosão de popularidade, quando os ingleses tiveram a audácia de abrir seus principais torneios (e audácia é uma coisa estranhíssima em um povo tão conservador quanto o inglês) tanto a jogadores amadores, quanto a profissionais. Jogava quem quisesse. Os profissionais recebiam prêmios em dinheiro, os amadores não.

Ora, o que acontecia até então era um primor de hipocrisia, pois os amadores eram tão profissionais quanto os profissionais, com a diferença de que recebiam por debaixo da mesa. Quem resolvia se profissionalizar abertamente entrava pra uma espécie de limbo, restrito a torneios só para sua categoria. Os outros, os falsos amadores, banhavam-se na glória de Wimbledon ou de Forest Hills. O grande australiano, Ken Rosewall, que se profissionalizara em 1954, já estava conformado em nunca mais poder jogar nos famosos e ilustres torneios. Mas não só voltou, como teve a sorte (e o mérito) de ser o primeiro vencedor de um torneio aberto — aquele disputado em Bornemouth, na Inglaterra, em abril de 1968.

Então os grandes jogadores voltaram aos grandes palcos e o público começou a comparecer como o público de teatro comparece a uma peça de Brecht e o de cinema vai a um filme de Bertolucci. A televisão se interessou, os estádios começaram a ficar pequenos e o resultado é que o Aberto dos Estados Unidos já teve que ser transferido de Forest Hills para Flushing Meadow.

Quanto a Wimbledon, só continua a ser jogado em Wimbledon porque aí também já seria esperar audácia demais dos ingleses. ■



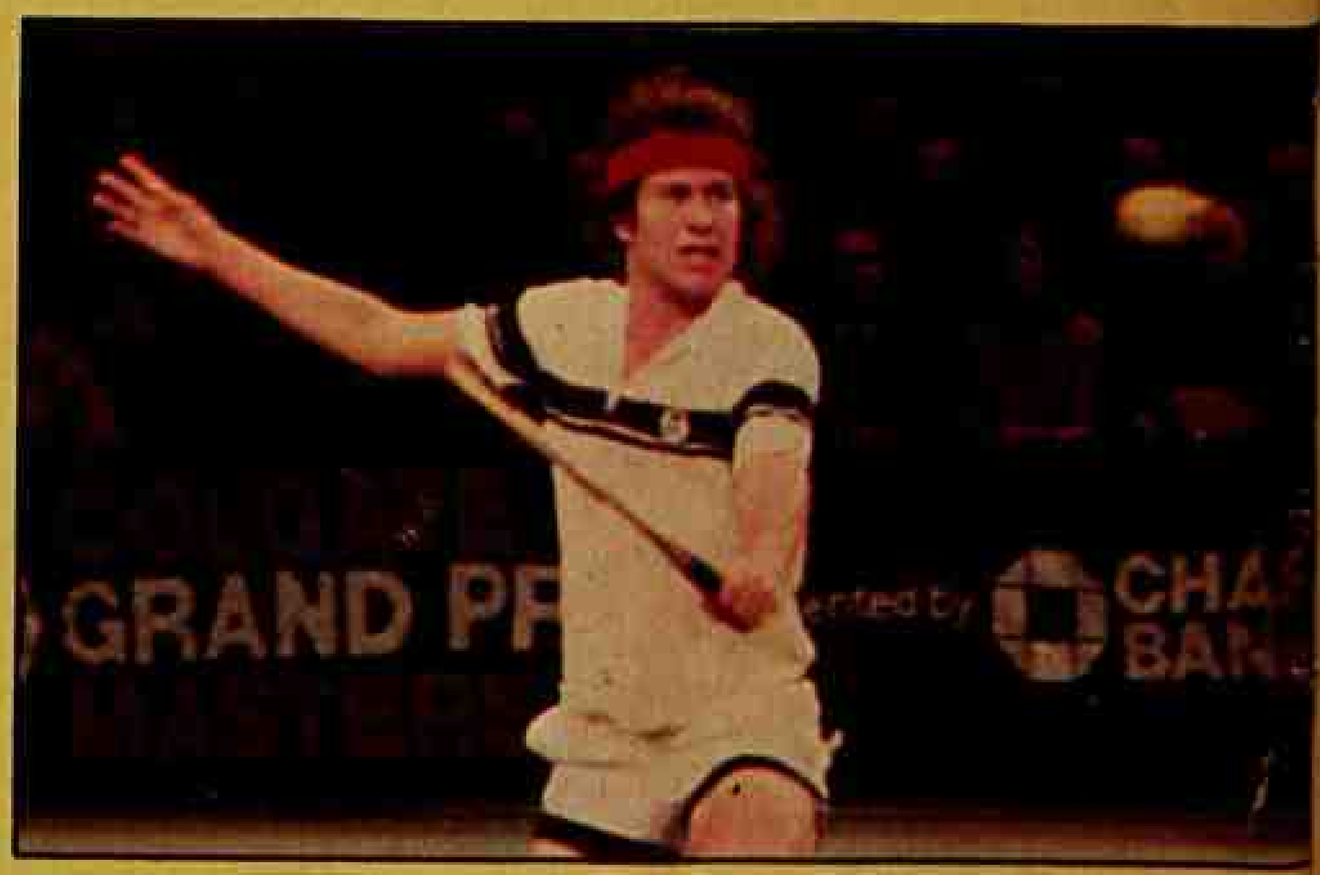


Aos 19 anos, John McEnroe ganha um grande título vencendo

O NOVO FENÔMENO DO

Fotos de **Luis Alberto**

O norte-americano Artur Ashe vencia o terceiro set por 5 a 4 e teve dois pontos a seu favor para decidir a partida. No primeiro jogou a bola na rede, mas, no segundo, colocou a bola em cima da linha, sem que o seu adversário, o jovem John McEnroe, conseguisse responder. No entanto, numa estranha decisão, o juiz de linha deu "bola fora", permitindo, assim, que McEnroe reagisse, empatando a partida para depois vencer o seu primeiro grande torneio internacional — o **Masters** — sob os olhares perplexos dos espectadores que lotaram o Madison Square Garden, de Nova Iorque. Mesmo favorecido pela arbitragem, que afinal havia em apenas um lance tirado o título do experiente Ashe, 35 anos, campeão de Wimbledon em 75, McEnroe mostrou as qualidades que o colocam atualmente entre os maiores fenômenos do tênis. Aos 19 anos de idade, ele chega a um ponto que muitos jogadores mais velhos jamais conseguiram. McEnroe, pode-se dizer, é um



McEnroe venceu duas vezes Artur Ashe no Masters. A primeira foi fácil, mas na final, Ashe só não saiu vencedor graças a um grave erro de arbitragem, que tirou o ponto que lhe daria mais um título entre os muitos que já tem.

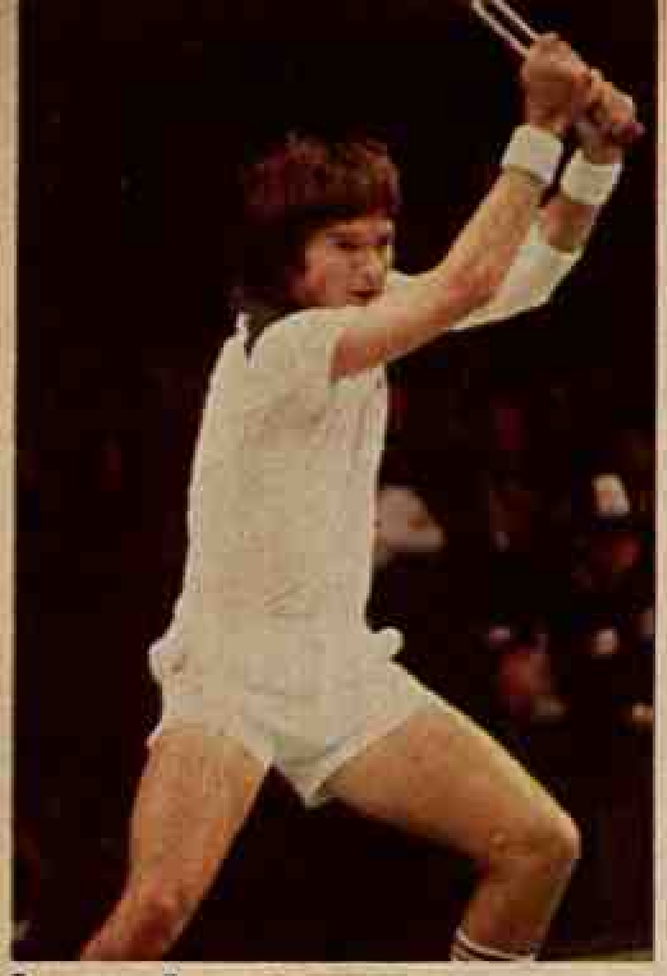


O Madison Square Garden não esperava ver uma final sem a presença de Jimmy Connors, mas talvez tenha visto o futuro n.º 1 do ténis mundial. McEnroe, que há tempos vem surpreendendo os melhores tenistas, é o mais jovem jogador a conquistar o Masters, onde ganhou 140 mil dólares com os títulos de simples e duplas.

até Jimmy Connors

TÊNIS







Connors ficou de fora por uma contusão. McEnroe se desesperou quando perdia para Ashe.

"Preferia ter vencido um tenista melhor que Ashe. Talvez um Connors, um Borg ou mesmo um Vilas"

fenômeno, somente igualável ao sueco Bjorn Borg ou ao norte-americano Jimmy Connors.

De temperamento extremamente irrequieto, no estilo de Ilie Nastase, McEnroe mostrou no **Masters** todos os seus maus hábitos: atirou dezenas de vezes a raquete ao chão, xingou o público e o juiz e ainda se fez de arrogante logo após derrotar Ashe, sem mesmo reconhecer que o veterano tenista, com seus 35 anos e vindo de uma longa contusão só não o venceu por um grave erro da arbitragem:

— Preferia ter vencido um tenista melhor do que Ashe — disse McEnroe depois da partida — **só assim talvez reconhecessem de vez o meu valor. Preferia ter pela frente um Connors, um Borg ou um Vilas.**

Embora se julgue injustiçado, poucos hoje em dia não reconhecem o grande tênis que esse jovem canhoto possui. Detentor de quase todos os títulos na categoria de juvenil, McEnroe tornou-se profissional há pouco mais de seis meses e nesse tempo já arrecadou a apreciável quantia de 5 milhões de cruzeiros aproximadamente. Só no **Masters**, como vencedor de simples, faturou 100 mil dólares (2 milhões de cruzeiros), mais 40 mil dólares (800 mil cruzeiros) como vencedor de duplas, ao lado do compatriota Peter Fleming. Na sua carreira, porém, sua principal vitória aconteceu há dois meses, quando surpreendeu Bjorn Borg, no Aberto de Estocolmo, eleminando o sueco.

Para conquistar o **Masters**, McEnroe venceu logo na primeira rodada Artur Ashe (6/3 e 6/1), eliminou Jimmy Connors, que teve que desistir no segundo set, alegando uma contusão no calcanhar. Mesmo assim, McEnroe vencia fácil: 7/5 no primeiro set e 3 a 0 no segundo — quando Connors abandonou a quadra. Na terceira e última rodada da fase classificatória, impôs-se a Harold Salomon (6/3 e 6/2). Na semifinal arrasou Eddie Dibbs por 6/1 e 6/4 e só foi perder seu único set na final, novamente para Ashe. Resultado: 6/7; 6/3 e 7/5.

Enfim, John McEnroe, em pouco tempo de profissionalismo, assume uma posição de destaque e certamente entrará no reduzido circo dos grandes vencedores, atualmente em poder apenas de Bjorn Borg e Jimmy Connors. Com isso se pode esperar mais alguma coisa em torneios como os de Wimbledon e U. S. Open, já que há vários anos as finais envolvendo Connors e Borg vêm se repetindo. ■



Stan Smith e Pan Shriver foram os vencedores nas duplas mistas.

Todos os jogos do Masters

Simples

Eddie Dibbs x Corrado Barazzutti	(6/4, 6/4)
Brian Gottfried x Raul Ramirez	(6/4, 6/1)
Jimmy Connors x Harold Solomon	(6/1, 6/2)
John McEnroe x Artur Ashe	(6/3, 6/1)
Brian Gottfried x Corrado Barazzutti	(7/6, 6/4)
Artur Ashe x Harold Solomon	(6/1, 6/4)
Eddie Dibbs x Raul Ramirez	(6/0, 6/1)
John McEnroe x Jimmy Connors	(7/5, 3/0)
Raul Ramirez x Corrado Barazzutti	(3/6, 6/3, 6/4)
John McEnroe x Harold Solomon	(6/3, 6/2)
Brian Gottfried x Eddie Dibbs	(6/3, 6/3)
Artur Ashe x Jimmy Connors	(W.O.)
Artur Ashe x Brian Gottfried	(7/5, 3/6 e 6/3)
John McEnroe x Eddie Dibbs	(6/1, 6/4)
John McEnroe x Artur Ashe	(6/7, 6/3, 7/5)
Brian Gottfried x Eddie Dibbs	(6/4, 7/6)

Classificação: 1) John McEnroe; 2) Artur Ashe; 3) Brian Gottfried; 4) Eddie Dibbs

Duplas

Tom Okker—Wojtek Fibak
x
Stan Smith—Bob Lutz
(6/4, 6/3)

John McEnroe—Peter Fleming
x
Bob Hewitt—Frew McMillan
(6/1, 6/4)

John McEnroe—Peter Fleming
x
Tom Okker—Wojtek Fibak
(6/4, 6/2 e 6/4)



RICARDO SERRAN

COM MOINHOS DE VENTO DOM QUIXOTE JÁ SE DEU MUITO MAL

HAJA moinho de vento para os vocacionais de Dom Quixote, que andaram surgindo no Brasil do futebol. Tentando a sua reabertura no esporte, mesmo sem apelar para a Constituinte e menos para a anistia, cuida-se de fazer valer leis geradas por juristas mais ou menos inéditos, alguns dos quais mais chegados à geriatria. Não será talvez o próprio Quixote (Borer) por sinal reeleito em pleito indireto e sem discussão, mas não tem faltado Sancho Pança com indisfarçáveis interesses eleitoreiros, prometendo o céu a todos, sem que ao menos tenham conseguido se salvar do inferno de suas medíocres administrações. Carapuças? E porque não, se inúmeras são as cabeças dos que fazem jus ao gorrinho extra.

Primeiro, a tentativa de ressuscitar a Associação de Presidentes de Clubes do Brasil, uma espécie da organização paraesportiva, nascida de um dia de pouca inspiração dos seus idealizadores. Depois, reunindo quatro clubes cariocas descontentes e mais o Ceará, que não tem dinheiro para quitar dezesseis "bichos atrasados", marca-se prazo para a fundação de uma entidade nacional, que iria em cento e vinte dias substituir a CBD. Deve ser piada ou nuvem de fumaça para esconder os verdadeiros objetivos, cujo ponto saliente, salvo engano, será o boicote puro e simples dos certames — ou regional ou nacional mesmo. Aguardam-se adesões e caravanas, como aconteceu antes da escolha do presidente em outubro (presidente do Brasil, evidente), andam prometendo percorrer o país em seus quadrantes. Não é preciso bola de cristal para saber o que resultará de tudo.

Botafogo, Flamengo, Fluminense e América (agora pelo menos mais o Ceará) estão certos. Certíssimos quanto às reclamações, no que toca a CBD. Mas os caminhos é que não conferem com a realidade. E é só pegar o mapa para saber o destino de tanto esforço e tanta bravura. Tem gente que vai desembocar nas eleições de suas agremiações e outros que arrepiarão carreira. Apenas são 233 clubes filiados às 23 federações de primeira divisão e se conseguissem maioria é que poderiam influir já na esfera nacional. Como está, não dá, pois Botafogo, Flamengo, Fluminense e América, que se voltam contra os erros da CBD, nem ao menos conseguem arrumar a Federação Fluminense, cuja sigla é FFERJ. Nela tudo é em escala pior, e há casos, baixando-se para a análise das chamadas células-mater (os clubes) que nem merecem comentário, como as finanças da dupla Fla-Flu, sem contar inconveniências de atrasos de recolhimentos de impostos e até multas por más condições de funcionamento de modestas instalações de bares. Assim, o que se poderá escrever?



MANCHETE ESPORTIVA

Borer, de Quixote a Sancho.

Um esporte pra ninguém botar defeito

SEXO

Sexo é uma das matérias-primas de ELE ELA, a revista que dá prazer e informação ao homem moderno. Mais excitantes ainda do que as reportagens e seções que tratam de sexo, são as fantásticas mulheres (deliciosamente despidas) que estão nas páginas e no *poster* duplo. Mas nem só de sexo vive o homem. Entre uma e outra, enquanto você recarrega suas baterias, alimente sua cuca com os melhores textos, contos, crônicas e reportagens da seleção de craques de ELE ELA: Rubem Braga, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Dalton Trevisan, Artur da Távola, Nelson Motta, Marcos de Vasconcellos, José Guilherme Mendes, Noênio Spínola, Luís Carlos Maciel, Roberto Pontual e outros cobras.

ele ela

prazer e informação para o homem

DIÁLOGO

Reinaldo e Atlético prometem reforma de contrato sem novela

DIA 1.º de fevereiro vence o contrato de Reinaldo com o Atlético. Desde o final da semana passada a diretoria do clube está em contato com o jogador para a reforma, assegurando as partes que não haverá novela. Mas ao que parece os dois lados têm pouca confiança nessa afirmação.

A única coisa da qual Reinaldo tem certeza é que não adotará a mesma filosofia da última vez quando, atendendo a um pedido da diretoria do clube, e pensando nos seus colegas de menos capacidade técnica que ele, resolveu aceitar salário mais baixo, para que houvesse padronização no clube. A padronização, para revolta de Reinaldo, não durou um mês.

Reinaldo, agora, segundo suas próprias palavras, vai fazer o seu contrato, "infelizmente, sem me preocupar com os outros". (M.O.T.)

Nélson Aranha



Rei em recuperação: contrato está no fim.

LEI É LEI

Valério quer tudo a que tem direito para ganhar o campeonato

O Valério está avisando aos americanos, cruzeirenses e atleticanos, que não será mero participante nas finais do Campeonato Mineiro de 1978. Todo o plantel se apresentou bem antes do final das férias, de livre e espontânea vontade, começou a treinar duro com o técnico Hilton Chaves e já está partindo para amistosos.

A prova maior de que a intenção do Valério é chegar ao título, está no recurso que deu entrada semana passada na Federação Mineira de Futebol, exigindo que os jogos, nos quais o Valério tem o mando de campo sejam marcados para o Estádio Israel Pinheiro, em Itabira, campo do Valério.

O recurso se basela em vários artigos do regulamento do campeonato. O recurso parece incontestável e a opinião pública está a favor do Valério porque o seu modesto estádio foi reconhecido pela federação como apto à prática de esporte. Para resguardar seus direitos, o Valério vai pedir efeito suspensivo de todas as partidas que for obrigado a jogar no Mineirão contra Atlético, Cruzeiro e América, nas vezes que o mando de campo for seu. (M.O.T.)

POLÍTICA

Reeleito por aclamação, Brandi tem planos para fazer o Cruzeiro maior

COM sua eleição para mais um biênio (79-80), o presidente do Cruzeiro, Felício Brandi, vai completar 20 anos de presidência. Não houve concorrentes e a assembléia o elegeu por aclamação. No seu discurso, Felício Brandi prometeu que "o Cruzeiro será o maior clube do Brasil". O patrimônio atual já coloca o Cruzeiro como um dos maiores e ainda há planos a serem executado. Na velha sede do Barro Preto, onde tem um quarteirão inteiro, Felício Brandi pretende construir um **shopping center.** Também serão feitas melhorias na sede campestre do clube, localizada no bairro da Pampulha.

Felício Brandi, no mesmo discurso, acusou Atlético e América de agredirem o Cruzeiro no final do ano — o primeiro com a contratação de Procópio e João Lacerda, para técnico e preparador físico, o segundo, com a contratação de Morais. (M.O.T.)

FIM DE FÉRIAS

Atlético adota normas liberais mas Cruzeiro prefere o regime duro

OS jogadores de Atlético e Cruzeiro foram os últimos a se reapresentarem aos seus clubes após as férias. Pelo menos alguns deixaram para voltar no último dia. E tanto num como no outro clube, havia novidades. A maior delas ocorreu no Atlético, onde o presidente Valmir Pereira apresentou o novo treinador, Procópio Cardoso Neto, e o preparador físico João Lacerda.

Valmir disse que "o Atlético embarca agora numa nova canoa, esperando que todos remem com a mesma força e para o mesmo rumo, pois só assim a canoa chega ao destino". Procópio, por sua vez, disse apenas que pretende dar ao Atlético aquilo que o Atlético quer — e, para tanto, conta com os jogadores, que ele considera de alta categoria. João Lacerda acrescentou: "O Atlético é um time de massa, o que faz crescer nossa responsabilidade. Temos de corresponder, com um espírito de luta capaz de trazer a vitória."

Os jogadores ouviram calados. Quando Procópio autorizou o início do treino, cada um pegou uma bola e, entre brincadeiras, deram partida à nova temporada. Procópio, apesar de esperançoso, está apreensivo com o excesso de contusões: Ziza continua sem confiança para chutar, Serginho sofreu uma torção no pé, Ângelo permanece em recuperação, Toninho Cerezo é perturbado por um problema de hemorróidas e a ausência de Márcio, vítima de um acidente de automóvel, poderá forçar o lançamento do novato Edvaldo, que veio de Uberaba.

Mesmo assim, Procópio preferiu não

Nélson Aranha



Procópio no treino: um horário liberal.

fixar horário integral de treinamento. Os jogadores treinarão apenas de manhã, ficando a tarde apenas para os que estiverem muito fora de forma. (M. O. T.)

INCERTEZA

Acidente de automóvel ameaça forçar Márcio a encerrar a carreira

APESAR de toda a confiança do jogador, que fala inclusive em disputar as partidas do returno do quadrangular final do Campeonato Mineiro, Márcio está ameaçado de não voltar ao futebol.

Ele sofreu um acidente automobilístico quando seu automóvel (uma Brasília) trombou numa Kombi de entrega de jornais. Eram mais de duas da madrugada e o jogador explicou que vinha de um sítio, onde pretendia passar a noite, atendendo a um chamado da esposa, porque o filho não estava passando bem.

Márcio, que está sem contrato com o Atlético e nem foi procurado para reformar, teve uma lesão no olho esquerdo. Os oftalmologistas que o atendem ainda não têm condição de garantir nada sobre sua recuperação. (M. O. T.)

TORNEIO SAFIRA

Garantia de estoques de farnangaio preocupa pescadores de oceano

JÁ conhecidas as lanchas classificadas para o 2.º Torneio Safira de Pesca de Oceano — cópia do **Masters** dos Estados Unidos — que começa esta semana (dias 24, 25 e 27), a principal preocupação das equipes foi garantir seus estoques de farnangaio — peixe parecido com a sardinha e considerado a melhor isca. Isto porque continuam os problemas de fornecimento por parte dos pescadores profissionais de Angra dos Reis.

O problema também contribuiu para o grande número de desistências no 4.º Torneio Fluminense de Pesca de Oceano, organizado pelo Iate Clube Brasileiro, de Niterói, realizado semana passada, em duas etapas — quarta-feira e sábado. A dificuldade para se conseguir isca — o quilo de farnangaio está cotado a mais de Cr$ 150 — não desmotivou os pescadores, que, apesar dela, continuaram suas pesquisas no litoral do Rio de Janeiro, preocupados em descobrir o melhor pesqueiro.

O Safira foi criado na temporada passada, ainda em fase experimental. No entanto, o índice técnico apresentado foi muito bom e motivou os organizadores a realizarem mais competições nos mesmos moldes. Para este ano, entretanto, algumas modificações foram feitas, tais como o número de apenas três (antes eram quatro) pescadores por equipe, dentro do que preceitua a maioria dos torneios internacionais, a existência de cronômetro a bordo e a alteração no sistema de rodízio, pois os participantes passaram a ser 45 — ano passado eram 60 — embora o número de lanchas continue o mesmo (15).

Dos três pescadores de cada lancha, apenas o comandante será fixo. Os outros dois, de outras equipes, serão escalados por sorteio. O material individual será de, no máximo, três conjuntos caniço/molinete, observadas as características aceitas pela International Game Fish Association (IGFA) para a pesca oceânica de currico.

Segundo o regulamento da competição distribuído pelo Departamento de Pesca e Caça Submarina do Iate Clube do Rio de Janeiro (ICRJ), quando o pescador declarar ferrado o peixe — só são válidos **sailfish** e marlim — a lancha deverá parar imediatamente, sendo permitido apenas que rode em torno de seu eixo a fim de manter o peixe na direção da popa. O embarque do peixe, no entanto, é desnecessário, ficando a critério de cada pescador, por motivos de fotografia ou recorde, optar pelo embarque.

A pontuação obedecerá o seguinte critério: os pescadores terão o tempo de 20 minutos para capturar o peixe, contados a partir do momento da ferrada até o **leader** ou distorcedor tocar na ponteira do caniço. De acordo com o tempo gasto, os pontos serão computados obedecendo a tabela do regulamento, que prevê 100 pontos até cinco minutos, 80 de cinco a 10, 40 de 10 a 15 e 20 de 15 a 20. No sentido inverso, serão computados pontos negativos, caso ocorra ruptura da linha. Durante o torneio só poderão ser usadas linhas de 20 libras e já testadas pela Comissão Organizadora do Safira, que fará sua distribuição às equipes.

Mesmo sem apresentar recordes ou capturas muito expressivas nas quatro etapas semanais, o 16.º Torneio de Peixes de Bico, da Temporada 1978/1979 da Pesca de Oceano do Iate Clube do Rio de Janeiro (ICRJ), foi considerado de nível técnico bastante bom. Pelo menos essa era a opinião dos pescadores na manhã da entrega dos prêmios aos vencedores da quarta e última etapa, dia 14.

O mais tradicional dos torneios do ICRJ foi disputado simultaneamente com o 10.º Torneio de Peixes de Oceano e o 4.º Torneio de Dourados — sendo que este só terá sua última etapa (5.ª) em fevereiro, juntamente com o Torneio de Encerramento. As equipes vencedoras das duas competições encerradas foram a da lancha **Ricamar**, do comandante Raul de Souza Francisco, no Torneio de Bico, e a da **Marbella**, do comandante Luiz Francisco Leitão, no Torneio de Oceano.

As duas primeiras etapas das competições, em dezembro, foram prejudicadas pelas condições do mar que, muito rico naqueles dias, segundo o diretor do Departamento de Pesca do ICRJ, Augusto Nobre, deixou os peixes bem alimentados. Embora nas duas últimas etapas, em janeiro, as previsões dos pescadores tenham se realizado em parte, pois o número de capturas aumentou. Mesmo assim ficaram longe dos índices alcançados nos torneios da temporada passada.

A equipe vencedora da última etapa foi a da lancha **Miss Flamengo**, do comandante Hélio Barroso, atual presidente da International Light Tackle Tournament Association (ILTTA), com 18 peças capturadas, o maior número da temporada numa única saída. A equipe da **Miss Flamengo** conta ainda com dois ex-recordistas mundiais, Renato Costa, o Caca, e Antônio da Rocha Soares, um dos vencedores da Challenge Cup do ano passado.

As equipes classificadas em até 15.º lugar no 16.º Torneio de Peixes de Bico estão automaticamente inscritas, por convite, no 2.º Torneio Safira de Pesca de Oceano, sendo que em caso de desistência serão convidadas as de classificação imediata.

As lanchas classificadas para o Safira são: **Ricamar**, campeã do 16.º Torneio de Peixes de Bico; **Dona Maria III; Cabaret; Miss Flamengo; Striker; Mona Lisa; Wikaka II; Algo Mais; Binoca** (do comandante Leonardo Bochner, vencedor do 1.º Safira); **Gazela; Macunaíma; Kabião; Maira, Vida Mansa**; e **Passagarda.**

A equipe campeã do 10.º Torneio de Peixes de Oceano foi a da lancha **Marbella**, seguida da **Algo Mais**, de Peter Landsberg, e **Gazela**, de Affonso Galvão. A classificação geral do 4.º Torneio de Dourados é a seguinte: 1.º **Zozoca**, do comandante Walter Dias, com 604.600 pontos; 2.º **Miss DM**, de David Moreira, com 337.500; e 3.º **Laguna III**, de Gersino Rocha, com 293.100. **(Sérgio Martins)** ■

MOTOCICLISMO

■ O Brasil estará representado no Campeonato Mundial de Motociclismo por três pilotos: Antônio Bernardo Neto, Cláudio Girotto e Denísio Cesarini. A prova será no dia 18 de março, em circuito venezuelano, e os três concorrentes já estão em plenos preparativos: o campeão brasileiro da categoria especial de competição 350 cc, Cláudio Girotto, a princípio, parece que terá de usar toda sua habilidade para compensar o desempenho de sua máquina, que não é tão nova quanto a dos dois outros brasileiros, embora da mesma marca: Yamaha TZ 350. Porém, como vice-campeão latino-americano, ele é o favorito. Antônio Bernardo Neto e Denísio Cesarini têm motos 1979 e querem preparadores especiais para suas máquinas: Cesarini pensa em Gualtiaro Tognocchi, responsável pelas motos de Adu Celso. Bernardo quer toda a equipe de um ex-campeão mundial. **(M.B.)**

IATISMO

■ O barco **Saga** vai ser aposentado. Seu comandante, Erling Lorentzen, considerando-o ultrapassado e sem condições de repetir as glórias de outrora, vai vendê-lo. A despedida do veleiro de uma tonelada, com capacidade para uma tripulação de 13 pessoas, e um dos barcos brasileiros que mais sucesso fez no exterior, será em grande estilo: sua última competição será a Regata Buenos Aires—Rio, com largada prevista para o dia 3 de fevereiro. O maior — e último — desafio do **Saga** será competir com o **Ondine**, dos Estados Unidos, considerado o favorito. Depois disso, ele será substituído pelo novo e moderno barco que Lorentzen já está construindo. **(M.B.)**

PAN-AMERICANO

■ A verba para treinamento das equipes de 21 modalidades esportivas que representarão o Brasil nos Jogos Pan-Americanos de Porto Rico, em julho, foi bastante reduzida. Após uma reunião que durou cerca de seis horas, o Major Sílvio Padilha, que ouviu um por um dos presidentes das Confederações, anunciou que o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) dispunha de cerca de Cr$ 23 milhões para dividir entre todos os esportes para treinamento até o dia do embarque. Apesar da verba (Cr$ 53 milhões 926 mil 505 e 50 centavos) vinda do teste 425 da Loteria Esportiva, "não foi possível atender às reivindicações de cada modalidade, sendo preciso ajustar o total disponível ao interesse de todos", disse o Major. **(Mara Bentes)**

TÊNIS

■ O Buenos Aires Lawn Tennis Club, da Argentina, conquistou o título sul-americano de clubes campeões graças à vitória sobre o Sogipa, de Porto Alegre, por 3 a 2. Os brasileiros começaram perdendo por 1 a 0, empataram e chegaram a marcar 2 a 1 mas a vitória de Gustavo Guerrero, da Argentina, sobre o brasileiro João Soares (por 2/6, 6/4 e 6/4) deu a vantagem ao Lawn Tennis Club. Gustavo Guerrero foi também o grande destaque do jogo de duplas, título que conquistou em parceria com Ricardo Cano, o número um da equipe. **(M.B.)**

KART

■ Campeão brasiliense de 76 e 77, na categoria 125cc 4.ª menor, Fabiano José Cardoso de Oliveira, o **Peninha,** está denunciando a falta de empenho do Brasília Kart Club, responsável pelo kartismo no Distrito Federal. Para ele, a atual diretoria do clube só se interessa pela cobrança de taxas. **(Nilson Nelson)**

AUTOMOBILISMO

■ Parece que a era dos computadores começa a entrar de forma decisiva no mundo da Fórmula-1, pois depois que a **Tyrrell** acoplou no seu modelo P34 de seis rodas um minicomputador para observar as reações do carro na pista, outras equipes começaram a imitá-la, até mesmo a Lotus, que parece que obteve uma série de informações para criar uma geometria de suspensão que aumenta consideravelmente a aderência dos carros de Colin Chapmann. A última equipe a adotar o computador foi a **Arrows,** que nos testes realizados na pista de Paul Ricard, na França, tinha na carroceria do carro um avançado minicomputador **Scicon,** que, ligado a vários sensores no carro, informava as reações da suspensão e monocoque durante os testes, ajudando com isto muito o trabalho de acerto do carro pilotado pelo piloto alemão Jochen Mass. **(Márcio Torloni)**

NATAÇÃO

O Esporte Clube Pinheiros provou em Campinas que realmente domina a natação brasileira juvenil. Ao vencer pela terceira vez consecutiva o Troféu Júlio de Lamare, sua equipe conquistou a posse definitiva do troféu. E o fez de forma brilhante: nas 38 provas, distribuídas pelos três dias de competição, conseguiu somar 119,5 pontos a mais que os vice-líderes juvenis, os nadadores do Fluminense. O nível técnico do torneio foi considerado bom, com base nos 18 recordes do Troféu e nos 13 sul-americanos que foram batidos. A próxima meta de alguns desses nadadores — os 24 convocados — é o Campeonato Sul-Americano, de 7 a 11 de março, também em São Paulo. **(Mara Bentes)**

FRACASSO

Público, frustrado, desaprova as leis do futebol do futuro

BOM de jogar, disse o ponta Romeu, do Corintians. **Evita problemas de contusão nos atacantes,** comentou Enéas. **A defesa é que sairia prejudicada,** disse Marinho Peres. E não faltou a opinião de Djalma Santos, para quem **o futebol precisa mesmo de inovações.**

O futebol do futuro, pelo menos nos moldes apresentados em Sorocaba, dia 13 de janeiro, não tem a menor chance de vingar. Jogadores do passado e do presente serviram de cobaias para essa experiência que levantou uma pergunta: o futebol do futuro é bom de jogar, mas será bom de assistir?

A ânsia de inová-lo apenas criou confusões. Havia dois árbitros em campo (Dulcídio Vanderlei Boschilia e José de Assis Aragão, cada um tomando conta de uma parte do campo; os arremessos laterais eram facultativos, com as mãos ou os pés; eliminou-se o impedimento, criou-se o pedido de tempo pelo técnico, como no basquete; cinco faltas eram transformadas num pênalti. Outras modificações experimentais: suspensão temporária do jogador que recebe cartão amarelo, por cinco minutos; cobrança de faltas sem barreiras; substituições em número de quatro e tempo de bola em jogo de sessenta minutos.

É verdade que João Havelange é um entusiasta de inovações. Mas aquelas apresentadas pela louvável iniciativa dos promotores da experiência demonstraram, entre outras coisas, que seria difícil reeducar o público — que teria, em última análise, de munir-se de cronômetros, cartões e esferográficas para acompanhar o desenvolvimento do jogo.

Por que os cronômetros? Para conferir os sessenta minutos de bola corrida e os cinco minutos da suspensão temporária de um jogador. Para que os cartões? Para o torcedor anotar o número de faltas de cada jogador e de cada time — dividindo esse número por cinco a fim de verificar a exatidão do número de pênaltis. Imaginem toda essa papelada nas mãos dos dois árbitros...

Se Armando Marques não conseguiu anotar direito os pênaltis que Santos e Portuguesa cobraram alternadamente na decisão paulista de 73 — o que acabou por dividir o título do campeonato em dois —, imaginem o que o pobre Armando faria se apitasse esse futebol do futuro. E é fácil imaginar, também, que fim teriam as peladas de praia no Rio de Janeiro ou o futebol de várzea em São Paulo, obrigados a manterem um batalhão de cronometristas, anotadores e conferentes na areia e na terra...

O público em Sorocaba com nada se empolgou. Ele seria a medida exata das possibilidades concretas das inovações. E fez silêncio, diante de um espetáculo para ele sem muita graça. Ou, com um pouco de graça, pelo rebolado das chacretes que entraram em campo antes das experiências que terminaram no empate de 5 gols. **(Horácio Marana)**

RECONHECIMENTO

CIB, vice-campeão, faz homenagem ao Botafogo numa festa inédita

O Campeonato de Voleibol Adulto Masculino do Estado do Rio terminou com o título ficando com o Botafogo, mas as comemorações a esse feito não param. Numa atitude até então inédita no esporte amador brasileiro, o Clube Israelita Brasileiro (CIB), vice-campeão, homenageou o Botafogo com um jantar em sua sede, dia 15 passado, prosseguindo assim na série de comemorações do título. A Federação Carioca de Vôlei, representada pelo seu presidente, José Felberg, aproveitou a oportunidade para fazer as entregas das faixas do campeão e do troféu aos jogadores do Botafogo. O CIB, como parte da homenagem, entregou também um outro troféu, com o qual reconheceu o Botafogo como o legítimo campeão do estado. Foi uma prova da política amistosa que existe entre os clubes de voleibol do Rio. O CIB aproveitou ainda para homenagear o seu treinador Carlos Souto, ex-técnico de várias Seleções brasileiras e cariocas, que se despediu do clube, pois, como militar, foi transferido para a cidade de Belém. O Botafogo garantiu que no próximo ano, caso o CIB venha a ser o campeão, retribuirá a homenagem feita. Aliás, com inteira justiça. ■



Jogadores e técnicos do Botafogo e CIB no jantar de confraternização dos campeões.



Marcos Toledo

Foi a segunda vitória do time da MANCHETE ESPORTIVA, que agora enfrentará os Correios.



Marcos Toledo

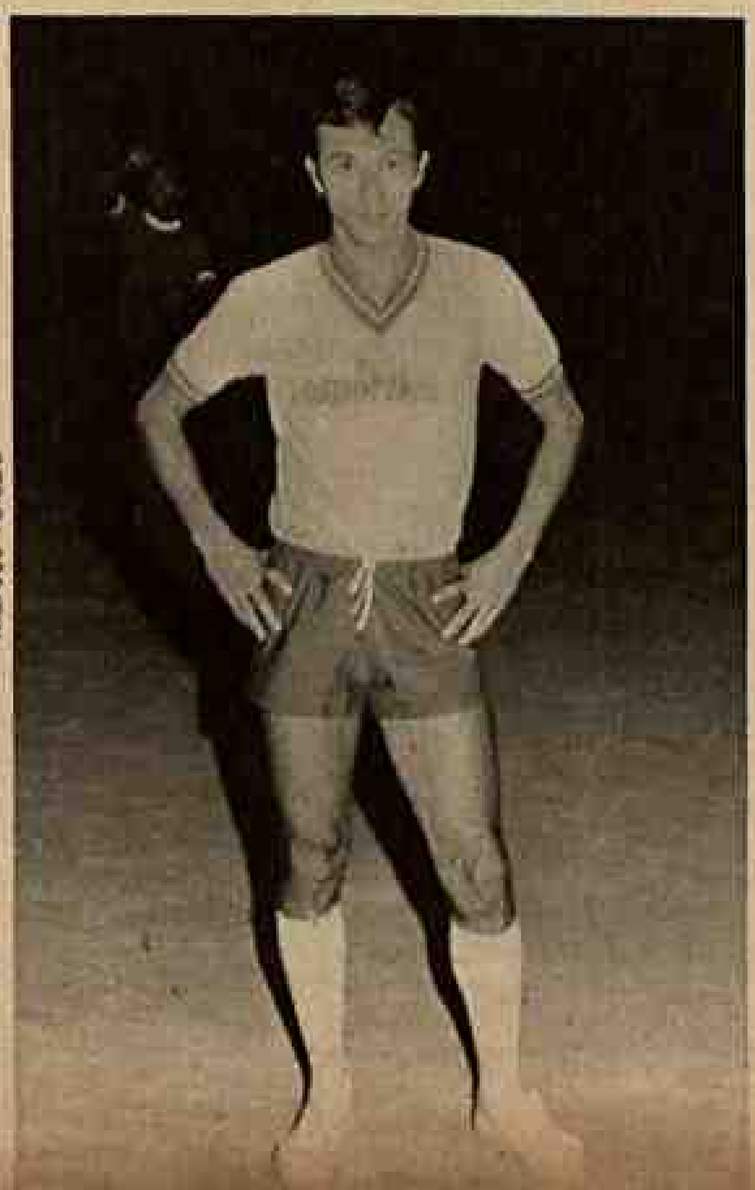
O Cachambi não conseguiu conter a reação da Esportiva, que marcou 4 gols no 2.º tempo.

SUCESSO

Equipe da ESPORTIVA dá show de bola no Aterro contra o Cachambi FC

O time da MANCHETE ESPORTIVA continua fazendo sucesso. Desta vez derrotou o Cachambi FC, no campo do Aterro do Flamengo, por 5 a 3, depois de estar perdendo o primeiro tempo por 3 a 1. Com um futebol alegre, descontraído e especialmente ofensivo, filosofia implantada pelo treinador Alcides Dias (o **Treno**), a Esportiva contou ainda com a excelente performance do seu artilheiro Alves, que marcou três dos cinco gols. Lima e Zé Carlos, para a Esportiva, e Dodê (2) e Ricardo, para o Cachambi, completaram o marcador. O próximo jogo da Esportiva no Aterro será contra a equipe dos Correios. Os times formaram assim: Esportiva: Jeremias; Milton, Fernando, Wilson e Rogério; Luís, Camões e Getúlio; Lima, Alves e Francisco (Zé Carlos). Cachambi: Gordo; Luís, Tadeu, Dudu e Ricardo; Paulinho, Beto e Edu; Dodê, Barbudo e Dodó.

Alves: o artilheiro com três gols.



Marcos Toledo

VOLEIBOL

■ O vôlei deixou temporariamente de lado seus objetivos esportivos para dedicar-se aos objetivos sociais do juiz Francisco Horta. A Confederação Brasileira colocou à disposição do **Mutirão do Amor** a Seleção Masculina, convocada pra disputar o Campeonato Sul-Americano, em abril, na Argentina, e os Jogos Pan-Americanos de Porto Rico, em julho. A série de exibições dos jogadores teve início no Presídio Milton Moreira Dias, coninuando no Presídio Hélio Gomes e no Esmeraldino Bandeira — neste último, em fevereiro no Rio. A CBV pretende ainda promover um convênio entre as universidades para que os detentos possam ter aulas de voleibol. Seu presidente, Carlos Nuzman, espera, entre outras coisas, que possam surgir novos valores para o esporte. **(M.B.)**

BASQUETE

■ O diretor de esportes terrestres do Flamengo, Togo Renan Soares, o Kanela, esqueceu que era apenas dirigente — apesar de estar sentado no banco, junto ao técnico Valdir Bocardo e aos jogadores do time — e, com suas reclamações, acabou criando tumulto e ocasionando sua expulsão da quadra. Não acatando a decisão do juiz Roberto Machado, Kanela acabou prejudicando o Flamengo, pois o jogo foi suspenso aos onze minutos, com a vitória do Vasco por 20 a 16. Mais que uma derrota, Kanela fez com que o Flamengo praticamente perdesse a possibilidade de vencer o returno e disputar o título do Campeonato Carioca de Basquete — o que só não vai acontecer se o Vasco sofrer várias derrotas. **(M.B.)**

FUTEBOL

■ Elas treinam silenciosamente há três anos. E, jogando aos domingos, conseguiram uma invencibilidade de 39 partidas. Com um pouco mais de alarde, agora, a equipe feminina de futebol do Associação Desportiva da Polícia Militar de São Paulo quer uma autorização da CBD para a realização de um campeonato de futebol feminino oficial. Segundo o técnico Juba, o que se alega como impedimento é a violência do esporte. Mas ele jura que, durante os três anos em que dirigiu a equipe, o que viu de mais grave foi uma fratura na perna. Enquanto perdura o impasse, o time continua treinando — e com o esquema 4-2-4, em partidas de apenas uma hora de duração. A média de idade das jogadoras é de 20 anos, à exceção da lateral-direita, Nadir, esposa de Juba, que tem 48. **(Mara Bentes)**

PESCA

■ Animados com a abundância de peixes desta temporada, os 15 pescadores selecionados no Torneio de Pesca de Peixes-de-Bico esperam agora grande êxito na disputa do II Torneio Safira, no Iate Clube do Rio de Janeiro. Entre eles, está o vencedor Raul de Souza Francisco, recordista mundial de marlim branco que, comandando a lancha **Ricamar**, no Torneio de Peixes-de-Bico, obteve 1.976.000 pontos a mais que Paulo Tibau, com a lancha **Dona Maria**. Raul somou 19.579.000 e Paulo 17.603.000 pontos. Durante a competição, foram capturadas 314 peças, sendo 306 **sail-fishes**, quatro atuns amarelos e quatro bonitos. No torneio Safira, porém, todos os peixes são liberados ainda com vida. **(Mara Bentes)**

ATLETISMO

■ João Carlos de Oliveira, recordista mundial do salto triplo, está de viagem marcada para esta semana com destino à California onde ficará durante seis meses estagiando na Universidade de Los Angeles. O atleta esteve na semana passada no Conselho Nacional de Desportos solicitando ao Brigadeiro Jerônimo Bastos ajuda para conseguir licença do Ministério do Exército. No ano passado, João Carlos foi liberado para esse mesmo estágio, mas não pôde viajar, pois não tinha a conclusão do 2.º grau, condição principal para ingressar na universidade. Atualmente ele está treinando na Escola de Educação Física do Exército, integrante que é do Pelotão de Atletas. Tudo indica que, agora, enfim, João do Pulo realizará o seu sonho: aperfeiçoar-se como atleta nos Estados Unidos e, ao mesmo tempo, estudar. **(Ulisses Laurindo)**

PAN-AMERICANO

■ O Brasil só terá sucesso de forma global nos Jogos Pan-Americanos e Olímpicos no dia em que concentrar a verba disponível em menor número de modalidades. Essa é a opinião do Major Paulo Roberto Wortmann, Diretor Técnico da Federação de Atletismo do Rio de Janeiro e Instrutor de Atletismo na Escola de Educação Física do Exército. A sua tese melhor definida é assim: normalmente, o Brasil leva a esses Jogos um contingente muito grande de esportes e atletas. O melhor seria selecionar as modalidades mais representativas, que fossem três ou quatro, conforme o caso, e concentrar todo o dinheiro, que não é muito, nelas. Daí para frente, ele acredita que se poderia dar mais atenção e se fazer um trabalho mais específico. Levando 21 modalidades e distribuindo o dinheiro para todas elas, é de se calcular que algumas fiquem prejudicadas. **(Ulisses Laurindo dos Santos)**

CONTRASTE

Jornalista é culpado de tudo aqui, mas na Hungria ganha prêmio

● Por aqui não é costume, mas na Europa são eleitos anualmente os jogadores mais destacados, de cada país, os melhores árbitros, os dirigentes de mais presença na temporada e prêmios são distribuídos. Mas, finalmente, aconteceu uma eleição diferente, uma homenagem justa: na Hungria, resolveram também eleger o melhor jornalista e a escolha recaiu em Gyorgy Srepesi, de 57 anos de idade, um especialista em assuntos do futebol. No Brasil, nos últimos tempos, os jornalistas são escolhidos como culpados de todos os males do futebol brasileiro.

EQUÍVOCO

Enciclopédia atribui o recorde mundial de gols a Friedenreich

● Outra vez em pauta um assunto brasileiro extremamente polêmico — desta feita despertado pelos europeus. É que a **Enciclopédia do Futebol,** editada na Espanha, traz em seu primeiro volume, na parte destinada ao Brasil, a indicação de que o maior artilheiro de todos os tempos, no mundo inteiro, foi o brasileiro Artur Friedenreich, o famoso **El Tigre**, craque que marcou época no futebol do Brasil. A publicação espanhola afirma que Friedenreich marcou 1.329 gols, mas em nosso país, os estatísticos desconhecem completamente tal cifra, afirmando que **El Tigre** foi mesmo um goleador excepcional, porém jamais chegando sequer aos 1.000 gols. Curiosamente, publicou-se há tempos na Argentina, em fascículos, o **Livro do Futebol.** E nele também aparecia Fried com 1.329 gols. Já falecido, **El Tigre** gera polêmica no mundo futebolístico, mas repetimos, no Brasil, esse total não é aceito, embora não se saiba mesmo se existem anotações sobre os gols do grande futebolista brasileiro do passado. Na enciclopédia espanhola, Friedenreich está na frente de Pelé e Di Stefano.

INFLAÇÃO

Salário milionário que Menotti reclama deixa AFA assustada

● César Luís Menotti, treinador argentino campeão do mundo, pediu 16.000 dólares mensais para renovar contrato com a Associação de Futebol da Argentina. Mas, apesar de respaldado pela torcida e pelo menos 95% da crônica esportiva, ainda não houve acordo, pois a AFA segue afirmando que não tem condições para arcar com uma responsabilidade tão alta. Pedindo o que pediu, Menotti valorizou ou não a profissão de treinador? Há os que respondem positivamente, mas também existem os que ficaram do lado contrário. E contam até que, depois da proposta do famoso técnico, quando um treinador chega a seu clube para conversar sobre a reforma de compromisso, querendo ganhar mais do que ganhava, recebe respostas deste tipo: Ué, você está pensando que é o César Luís Menotti?

CRACÁO

Maradona, argentino de 17 anos, vale mais de 1,5 milhão de dólares

● Vocês repararam como os brasileiros acabam de descobrir Diego Armando Maradona? Coisa curiosa, não? Esse moço, que pertence ao Argentinos Juniors, esteve relacionado entre os 40 da Argentina para a Copa do Mundo de 1978, mas depois não entrou na lista dos 22 definitivos. O Birmingham City, da Inglaterra, chegou a tentar a compra do craque, mas o Argentinos Juniors respondeu que não haverá negócio por menos de 1.500.000 dólares. Esse clube chegou mesmo a adquirir a casa onde Maradona residia com sua família, presenteando-a ao craque. Desde o final do ano de 1977, Maradona anda na crista da onda. É um cracão. Craque que hoje não tem preço para o exterior. Completou 18 anos em outubro do ano passado e houve uns tempos em que comparecia a salões sofisticados de cabeleireiros para deixar os cabelos cacheados, modernos (abandonou essa infantilidade depois dos contatos mantidos com o treinador Menotti).

TAREFA DIFÍCIL

Líbia leva o ex-astro Florian Albert para treinar a sua Seleção

● O ex-astro Florian Albert, grande futebolista húngaro da Copa do Mundo de 1966 que chegou a vestir a camisa do Flamengo, viajou recentemente de Budapeste para Trípoli, capital da Líbia. Motivo: foi contratado pela Federação de Futebol desse país para ser o treinador da Seleção nacional. As bases oficiais do compromisso não foram reveladas, mas uma publicação iugoslava recente dá esta informação: Florian Albert receberá salários de 6.000 dólares mensais, além de cama, mesa e luz. Resta saber o que um fino de bola poderá ensinar a principiantes. Jamais uma técnica apurada.



Filme Camaleonga

O campo pesado, devido às chuvas, prejudicou muito o Fluminense que joga na base de toques. O Marília soube aproveitar isso.

A decisão do torneio foi excelente. Apesar do campo molhado, o jogo mereceu os maiores elogios. O Marília venceu por 2 x 1, mas o Fluminense não foi menos valoroso. Como partida de juvenis, essa foi a melhor da semana.

● TAÇA SÃO PAULO DE FUTEBOL JUVENIL

FLUMINENSE 1 x 2 MARÍLIA (1.º tempo 1 x 1) — Local: Estádio Independência (20/01) — Juiz: Edvaldo Pereira da Silva — Gols: Luís Silvio, aos 5', Cléber aos 40' e Jair aos 49'. FLUMINENSE: Luís, Edvaldo, Willer, Jorge Luís e Zezinho; Cléber, Joel (Edson) e Marcos; Mário Jorge, Almir (César) e Luisinho. MARÍLIA: Luís Andrade, Fernando, Júlio, Marcos e Deleu; Vieira, Amadeu e Carlos Alberto; Luís Silvio, Roberto e Jair.

● CAMPEONATO BRASILEIRO DE JUVENIS

MINAS GERAIS 1 x 1 RIO DE JANEIRO — (1.º tempo 1 x 1) — Local: Estádio Independência (Belo Horizonte) — (20/01) — Juiz: Ulisses Tavares da Silva (Osmar Camilo e Alvimar Gaspar dos Reis) — Gols: Carlinhos aos 15' e Silva aos 22'. Renda: Cr$ 93.090,00, público: 3.000 — MINAS GERAIS: Marcio, Zé Carlos, Luis Carlos, Marcelo e Ferreira; Paulo Martins, Carlinhos e Maurinho (Mateus); Hugo (Henry), Vagner e Renato. RIO DE JANEIRO: Luis Carlos; Leandro, Miltão, Luís Cláudio e Lima; Vitor André e Tita (Jorge Luís); Gilcimar, Silva e Gerson. EXPULSO: Gerson, do Rio de Janeiro, aos 40' do segundo tempo.

ALAGOAS 3 x 1 SERGIPE (1.º tempo 1 x 1) — Local: Estádio Rei Pelé (AL) — 21/01 — Juiz: Nei Andrade Nunes Maia (Pedro Rufino e Sebastião Canuto) — Gols: Carlos Roberto aos 6', Carlinhos aos 17' e Dão, aos 81' e 85'. Renda: 165.250,00, Público: 6.033 — ALAGOAS: Zé Luis, Galba, Beto, Genilson e Carlinhos; Genilson II (Náu), Peu e Patinha; Ronaldo (Gabriel), Dão e Mozart. SERGIPE: Marcos, Cláudio, Joãozinho, César e Almir; Eliézes, Marcelo e Ivonaldo; Toinho (Bergan), Carlos Roberto e Nenê.

GOIÁS 1 x 0 DISTRITO FEDERAL (1.º tempo 0 x 0) — Local: Estádio Elmo Serejo (Taguatinga) — 21/01 — Juiz: Hélio Cosso (Adélio Nogueira e Arnóbio Passos) — Gol: Mário, contra, aos 86'. Renda: Cr$ 40.350,00. Público: 1.985. GOIÁS: Itamar, Wilson Soares, Paulo Alves, Ademar e Cândido; Sabão, Luvanor e Pintinho; Zé Henrique, Marco Antonio e Mário. DISTRITO FEDERAL: Mauricio, Ledis, Wilmar, Júnior e Serginho; Silva, Vicente e Décio; Ivanildo, Cláudio e Ferreira. EXPULSÕES: Wilson Soares, aos 25' e Wilmar, aos 70'.

RIO GRANDE DO NORTE 1 x 0 PARAÍBA (1.º tempo 0 x 0) — Local: Estádio José Américo (PB) — 21/01 — Juiz: Aloísio dos Santos (José Ribamar e Abdias Bonifácio da Silva) — Gol: Maia, aos 75'. Renda: 15.040,00 — Público: 1.364 — PARAÍBA: Jonas, Lúcio, Levi, Bericio e Toinho; Ademir, Ailton (Chocolate) e Clóvis; Naldo e Nildo. RIO GRANDE DO NORTE: Regis, Gilton, Joel, Arié e Rosemiro; Hélio, Toinho e Marron; Luisinho, Maia e Gilmar.

PERNAMBUCO 2 x 2 BAHIA (1.º tempo 1 x 1) — Local: Estádio dos Aflitos — 21/01 — Juiz: Jair Pereira Guimarães (Oséas Gomes e Aristóteles Cantalice) — Gols: Cristóvão, aos 25' e 50' e Cidinho, aos 32' e 86'. Renda: 15.630,00 — Público: 1.563 — PERNAMBUCO: Washington, Paulo, Dimas, Romilson e Paulo Silva; Erivan, Marcelo (Zé do Carmo) e Evaristo; Everaldo (Clivandir), Cidinho e Jouber. BAHIA: Ronaldo, Rai, Raimundo, Tigre e Romeu; Zé Barros, Clodoaldo e Mussum; Téo (Dorgival) Cristóvão e Maurino. EXPULSÃO: Clodoaldo, aos 24'.

CEARÁ 1 x 0 AMAZONAS (1.º tempo 1 x 0) — Local: Estádio Presidente Vargas (CE) — 21/01 — Juiz: Roberval Gomes de Castro (Cid Júnior Peixoto do Amaral e Luís Vieira Vilanova) — Gol: Jorginho, aos 32'. CEARÁ: Sérgio, Erilson, Júnior, Toto e Perivaldo; Pinto, Nani (Luciano) e Paulinho; Haroldo, César (Antônio Carlos) e Jorginho. AMAZONAS: Jeferson, Cabralzinho, Marcos (Almir), Eli e Hélio; Zé Luís, Fabinho e Correa (Sérgio); Terano, Roberto e Fontenele. Renda: Cr$ 36.580,00. Público: 1.582.

MATO GROSSO 0 x 0 PARANÁ — Local: Estádio Pedro Pedrossian (MT) — 21/01 — Juiz: João Leopoldo Ayeta (Benedito Pio dos Santos e Cívis das Neves) — MATO GROSSO: Piranha, Eder, Dito, Evaristo e Eurípedes; Osvaldo; Vitor e Hélio; Vanderley, Gerson Lopes e Neca. PARANÁ: André, Sidnei, Newmar, Oliveira e Rubinho; Cido, Adalberto e Adãozinho; Cláudio, Rodinaldo e Zagoto. Renda: Cr$ 89.044,00. Público: 1.098.

PARÁ 7 x 1 PIAUÍ — (1.º tempo 5 x 1) — Local: Estádio Evandro de Almeida (PA) — 21/01 — Juiz: Francisco Monteiro da Silva (Teixeira Neto e Manoel Francisco de Oliveira) — Gols: Luís Carlos, aos 04', 30' e 87', Vasconcelos, aos 17', Paulinho, aos 28', César, aos 32' e 60' e Guilherme, contra, aos 42'. Renda: Cr$ 29.135,00. Público: 732. PARÁ: Assis, Robson, Guilherme, Paulo e Roberto; Paranhos, Paulinho e Puma; Vasconcelos, Luis Carlos e César (Eider). PIAUÍ: Eduardo, Emídio, Ferreira, Osmar e Assis; Anibal, Marcos e Sued; Pelezinho (Júlio), Júnior, e Cardosinho (Piriri). ■

É este realmente um século que voa. O que era bom até ontem já não serve mais. Assim acontece também nos esportes. A cada temporada, uma novidade. O basquete não pára de modificar suas regras e agora até no regulamento do futebol (que não muda nada há várias décadas) estão pensando em mexer. Mas se é uma época de mudanças nos esportes, o automobilismo não poderia ficar para trás, principalmente se levarmos em consideração que ele costuma sofrer as maiores transformações técnicas, nos menores espaços de tempo: sua modernização é incessante e os carros a cada dia ganham novas cores, peças, mais velocidade, batem recordes em cima de recordes. Com tantas transformações, os organizadores resolveram mudar também a forma de contagem de pontos do Mundial de pilotos. Antes, em todas as provas, os seis primeiros colocados recebiam pontos. Agora, o campeonato foi dividido em duas fases de oito provas cada uma. E só contam pontos as quatro melhores posições de cada piloto, em cada uma das etapas. É o empenho dos organizadores em tornar mais acirrada a luta pelo primeiro posto, nas provas finais da temporada, quando normalmente, pelo antigo regulamento, o campeão já era conhecido. Esperam, com isso, equilibrar mais a competição. Porém, poderá haver injustiças, como no caso de um piloto vencer quatro provas e chegar em segundo nas outras quatro. Se um outro vencer também quatro, mas não marcar nenhum ponto nas outras tantas, terá, assim mesmo, um número igual de pontos. E agora? Com a palavra, os donos da Fórmula 1:

É justa a nova contagem de pontos do Mundial de Fórmula-1?

de **Geraldo Mainenti** (Buenos Aires)



PETER WARR
(Chefe da Equipe Wolf)

SIM "Claro que é justa essa modificação na contagem de pontos para o Campeonato Mundial de Pilotos. Ela irá premiar aqueles que conseguirem maior número de vitórias, que é realmente o que importa na competição. Aqueles que chegarem em segundo, terceiro, quarto e daí em diante são todos perdedores, mesmo que repitam várias vezes consecutivas. O segundo lugar não merece mais pontos que um outro piloto que tenha vencido qualquer das provas. O importante é que se chegue à frente de todos e não várias vezes atrás. Com isso, cada piloto terá que se empenhar a fundo para obter vitórias. Se num Grande Prêmio ele é vice, no seguinte dobrará suas forças para ganhar. Teoricamente, pode-se dizer que haverá injustiças, mas na prática quem conhece automobilismo a fundo sabe que isso não acontecerá porque nenhum piloto tem condições de vencer todas as provas de uma etapa ou vencer quatro e chegar em segundo nas outras quatro. Só mesmo Jim Clark conseguiu chegar perto disso, na temporada de 1963. Por outro lado, há um exemplo contrário: em 1967, o Denis Hulme ganhou o campeonato do mundo conseguindo apenas duas vitórias em toda a temporada. Houve, nesse mesmo ano, quem chegasse a conquistar quatro Grandes Prêmios sem ver, ao final, reconhecida essa superioridade. Se àquela época houvesse um regulamento como o atual, é evidente que tal injustiça não teria acontecido."



GIORGIO PIOLA
(jornalista argentino, especializado em automobilismo)

NÃO "O novo regulamento não é apenas injusto. É também terrível, péssimo. Para premiar os melhores teriam de dar pontos a outros itens de uma prova de Fórmula 1. Por exemplo: seria muito mais correto e interessante se o primeiro colocado recebesse mais pontos que atualmente (em vez de nove, dez). Além disso, aquele que fizesse a melhor volta da prova ganharia também pontos. Mas fundamental mesmo seria dar um ponto para o corredor que obtivesse a **pole-position**. Pois, vejam bem: durante os treinos oficiais, o trabalho de toda a equipe é desgastante.

Conseguem, finalmente, sair à frente de todos, após muito sacrifício. Mas logo na primeira volta do circuito, um acidente tira o carro da corrida (às vezes sem que o piloto tenha a mínima culpa).

Pronto: só com isso, lá se foi todo um trabalho por água abaixo. Acredito que isso, sim, seria premiar os melhores. E não simplesmente esquecer o resultado obtido em quatro provas, para se considerar outras tantas. Toda colocação mostra uma situação em determinado momento da temporada e não pode, simplesmente, ser deixada de lado. E ainda há uma injustiça maior: todas as equipes que procuram modernizar, aperfeiçoar seus carros correrão sérios riscos de perder o campeonato. Carro novo dificilmente ganha as corridas iniciais. E depois pode ser tarde demais. Por isso achava melhor deixar como estava. Pelo menos era uma pontuação mais justa. ■

BLOCH EDITORES S.A.

Diretoria
ADOLPHO BLOCH
OSCAR BLOCH SIGELMANN
PEDRO JACK KAPELLER

Diretores
DIRCEU TORRES NASCIMENTO
ISAAC EDUARDO HAZAN
MURILO MELO FILHO
PAULO PELLICANO

Departamento de Jornalismo
ARNALDO NISKIER

Diretor Responsável
MURILO MELO FILHO

MANCHETE ESPORTIVA
Reg. n.º DPF-DCDP-244 P209/73

Editor
Zeno Oliveredor
Editor Executivo
Ney Bianchi

Editor de Texto
Marcos de Castro
Reportagem
Glória Silva Nunes, Silvio Braun, Geraldo Mainenti (Rio); Julio Bartolo, Horacio Marana, Celso Arnaldo Araújo, Artur Agostinho e César Teixeira (São Paulo); Otacílio Lage, e Marco Otávio Teodoro (Belo Horizonte); Marina Woodve (Porto Alegre); Robson Sampaio (Recife); Marlene Gallezzi (Brasília); Isaac Soares (Belém); Eugenia Fernandes (Nova Iorque); Daisy Benvenuti (Milão); Sylvio Silveira (Paris)

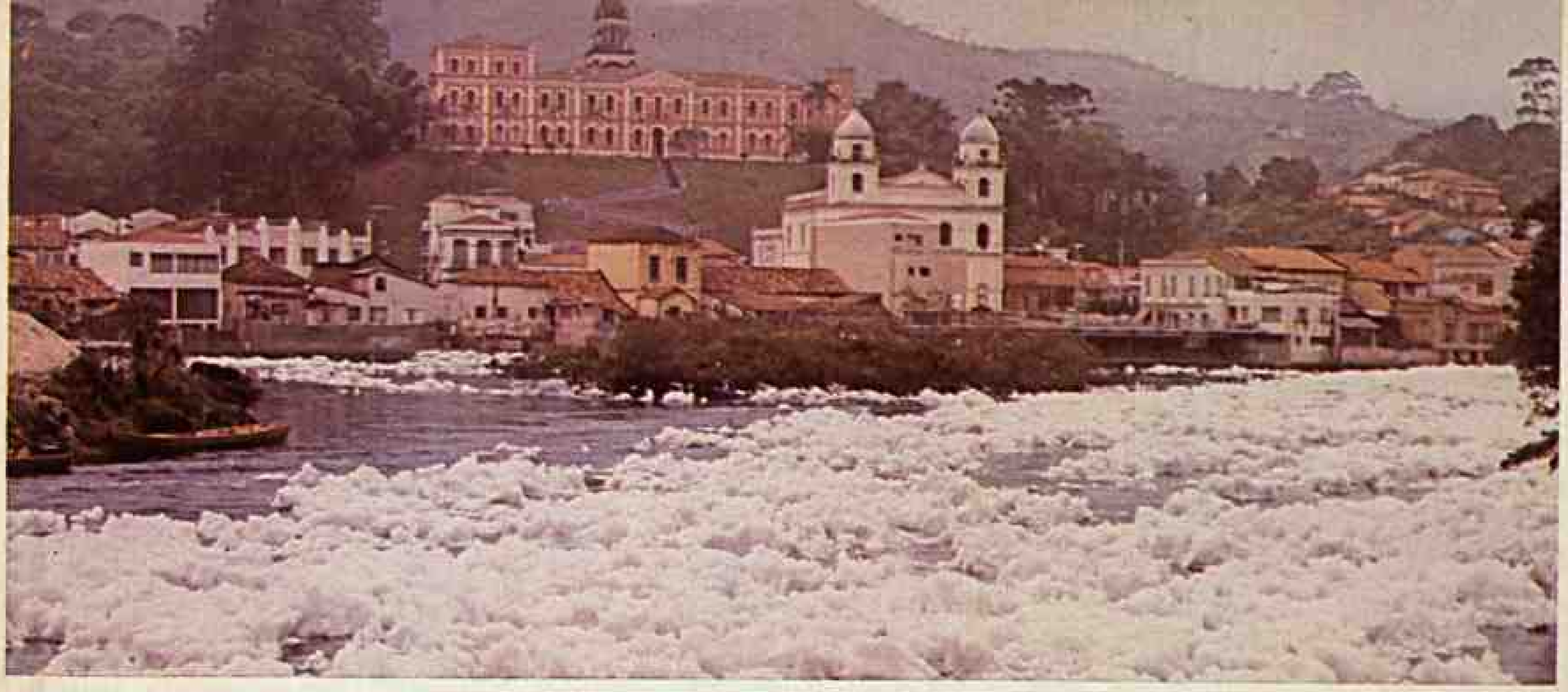
Arte
J. A. Barros
Luiz Roberto de Oliveira

Promoções/Relações Públicas
Elcio Macedo

Fotografia
Gervásio Batista (chefe)
Gil Pinheiro, Sergio de Souza, Frederico Mendes, Gastun Guglielmi (Rio); Mitud Shiguihara, Flávio Canalonga, Wilson Chumbo, Vic Parisi, Antonio Perramon, Bráulio Ioria (São Paulo); Nelson Aranha (Belo Horizonte); David Olson (Recife); Chico Nascimento (Paris)

Produção
Lourival Barradas
Serviços Editoriais
Celio Lyra
Departamento Comercial
Paulo Poucinha (São Paulo)
Espedito Grossi (Rio)
Publicidade
Roberto Antunes
Francisco Lima
David Klajmic (Rio)
Marketing
Mariene Bregman
Administração e Redação
Rua do Russel, 804
Tel.: 265-2012
Telex: (021) 21525 — Rio de Janeiro

Circulação
Francisco Távora Heitmann
Parque Industrial
Rua Cordovil, 520 — Lucas
Tel.: 291-6000 — Telex: (021)22751 Rio de Janeiro
Distribuição
Distribuidora Imprensa
Rua do Resende, 100
Tel.: 244-3177 — Rio de Janeiro
Sucursais
Brasília
Sérgio Ross
Setor das Indústrias Gráficas
Lote 930 — Tel.: 223-5420
Telex: (061) 1058
São Paulo
Diretor: Pedro Jack Kapeller
Salomão Schvartzman
Arnaldo Vitutti
PUBLICIDADE
Decio Bittencourt
CASA DA MANCHETE
Av. Europa n.º 21 — Tel.: 282-3122
ESCRITÓRIOS ADMINISTRATIVOS
Av. Nove de Julho, S.435
Administração e Redação — 5.º andar —
Tels.: 282-3150/282-3239 e 282-3430
Dep. Comercial, Tráfego, Gráficos e Marketing — 6.º andar — Tels.: 282-3464/282-3227 e 282-3522
Telex: (011) 21161
Belo Horizonte
Lúcio Portela
Av. Afonso Pena, 1.500 — 16.º andar
Tels.: 226-6877/226-6554
Telex: (031) 1058
Porto Alegre
Edgard Walter Jr.
Rua Otávio Rocha, 115 — 18.º andar
Tel.: 24-4744
Telex: (051) 1042
Norte/Nordeste
Fernando Câmara Cascudo
Maria Daisy Cavalcanti
Av. Dantas Barreto, 298
2.º e 3.º andares
Tels.: 224-0454 e 224-0585 — Recife
Telex: (081) 1084
Salvador
Flavio Cavalcanti Jr.
Rua Chile, 22 — 1.º andar
Tels.: 243-3229/243-2795
Telex: (071) 1214
Belém
Isaac Soares
Rua Campos Sales, 268 conj. 901
Tel.: 22-6845
Curitiba
Bayard Dane
Rua Marechal Deodoro, 211 conj. 805
Tel.: 24-8283
Telex: (041) 5202
Nova Iorque
Sérgio Alberto da Cunha
680 Fifth Avenue, room 1202
Tel.: (212) 246-6870
Telex: (23) 224-4440 BLOCH UR
Paris
Sylvio Amaro da Silveira
4, Place de la Concorde
Paris 8ème, France
Tels.: 742-6174/742-6749
Telex: 290240
Milão
Daisy Benvenuti
Via del Bollo, 3
Milano 20121 — Itália
Tel.: 87-4007
Tóquio
Angel Esteves Dominguez
1-10-11 Higashigotanda
Shinagawa-Ku — Tóquio
Tels.: 445-4375/445-4383
Telex: 28736





Soldino & Associados

A natureza é agredida até o ponto em que ela mesma passa a agredir.

Qual seria a solução para os problemas apresentados nessas fotografias? Nós, da revista Geográfica, achamos que um dos caminhos mais corretos é o da informação. Porque é através dela que o homem se conscientiza de que existe muito a ser feito, a ser corrigido. A Revista Geográfica Universal leva mensalmente aos seus leitores, as mais valiosas informações sobre um dos assuntos mais empolgantes do momento: o meio ambiente e o seu principal agente modificador - o ser humano. Através de reportagens claras, atuais, objetivas e agradáveis, o leitor da Geográfica fica sabendo tudo sobre a vida animal, ecologia, geografia, política, folclore, arte, religião e cultura dos povos das mais diversas regiões do mundo. E uma pessoa bem informada tem muito mais condições de discutir e questionar os problemas do meio em que vive.

E resolvê-los, para que as fotos que você viu neste anúncio sejam, num dia bem próximo, apenas uma lembrança de um erro corrigido pela inteligência do homem.

REVISTA
GEOGRÁFICA
UNIVERSAL

Chutada, sofrida, agarrada, vaiada, pisada, abraçada, beijada... Esta bola nos uniu em 78 e estará conosco em 79!

Equipe de esportes

REDE RECORD